

# ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRAZIL

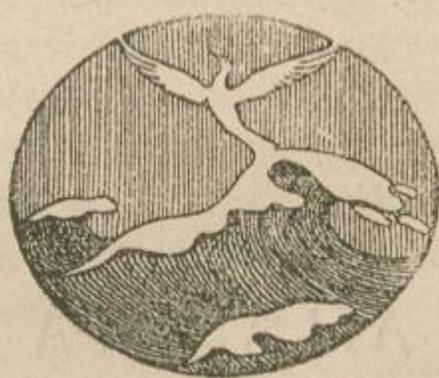
Reprodução do cartaz de Antonio Soares

ANNO III

N.º 32

# ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO.  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRASIL



VOLUME VIII

# ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO  
LITTERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRAZIL



ATLANTIDA

DIRECTORES:

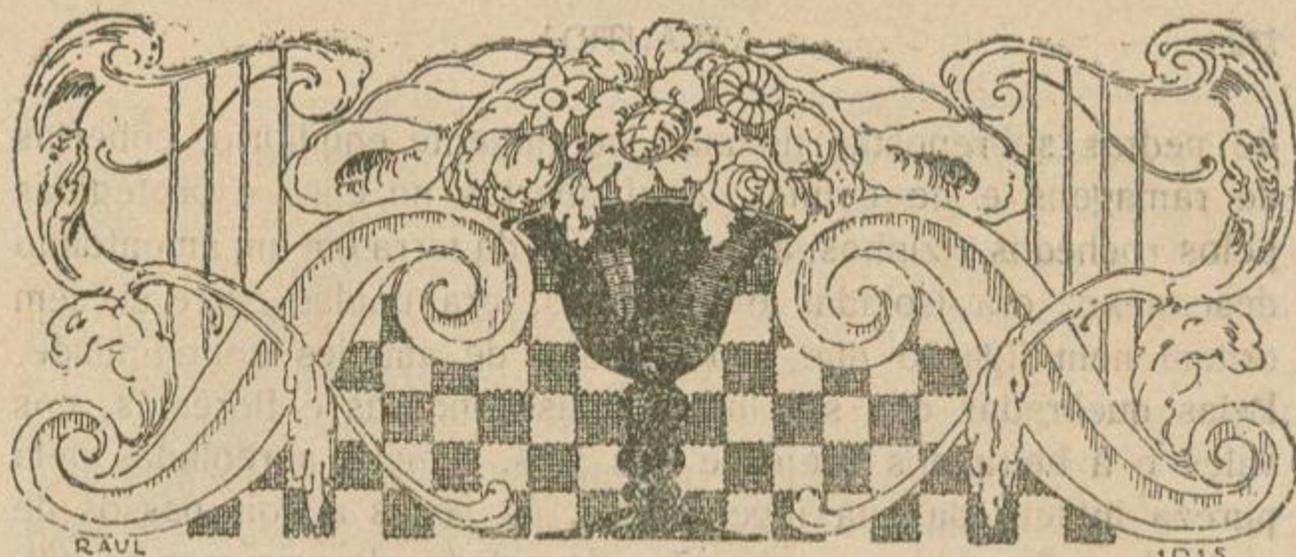
João do Rio e João de Barros

EDITOR: Pedro Bordalo Pinheiro

REDACÇÃO: Rua António Maria Cardoso, 27

---

IMPrensa LIBANIO DA SILVA, Travessa do Fala-Só, 24 — LISBOA



## Filhos criados

(Excerpto do livro inédito: *Rasto de Sonhos — Arte e Alentos de Pousadas da minha Terra.*)

Quando poetas e críticos e eruditos me fizeram sonhar uma casa portuguesa e me convenceram de que algures êsse sonho era realidade, comecei a procurá-la, impacientemente. Quis saber o que ela fôsse e onde morava, quis conhecer-lhe as feições e os hábitos e o lugar, para que fielmente lhe tributasse aquele amor e devoção que os meus mestres e os inspiradores da minha ansiedade me ensinavam a respeitar na casa, não só como mensageira de subtis encantos mas, sobretudo, como medianeira de submissão a nobilíssimos deveres. Do meu esforço e da minha vontade, esclarecidos pela consciência do carácter e valor daquela poderosa fôrça estética e moral, dependiam simultâneamente fortunas do meu coração, uma honesta grandeza da pátria e alegrias inumeráveis das gerações.

Desde então, por onde passasse e onde pousasse, por montes e vales da minha terra, olhei atento em volta de mim; sondei toda a largueza do horizonte em busca da esfinge, para lhe contemplar a presença e lhe sentir a magia. Antecipadamente rendido à sua obediência, suspirava pela hora de a servir.

Muito vi e aprendi nos erros e acasos dessas peregrinações em demanda da terra da promessa.

Ouvi dar o nome de casas a cabanas e cavernas, aglomerados

de pedras sobrepostas no mais contingente equilíbrio, cobertas de ramagens e de colmos, aqui abertas no chão e protegidas pelos rochedos vizinhos, além erguidas da terra em um amontoado desconexo, ora isoladas e dispersas, ora unidas entre si, sem ordem nem ligação que não fôsse a de simples contigüidade. Pelas quebradas das serranias, pelas gândaras e florestas, nos vales e à beira dos brejos e dos rios, sempre aureoladas pela pureza intacta da sua ingenuidade, às vezes a dois passos de povoados ufanos de seus brasões de cidade, de primores de cultura e de deslumbramentos do luxo, essas habitações pousavam onde o abrigo, a defesa e o sustento se mostravam menos difíceis. Criou-as o vento, o perigo e a fome — a necessidade. Não tiveram nem outro senhor, nem outro pensamento.

Mas, de facto, não eram casas. Acervos incoerentes e informes para os quais a pobreza da linguagem e o desafecto da exactidão pediu emprestada aquela designação, significavam apenas, na aspiração e no uso dos que lá moravam, o covil e a cama de animais mansíssimos que a custo se distinguiam de muitos outros bravios de igual engenho, que em liberdade os cercavam, e que de todo se misturavam com alguns outros dóceis e sujeitos que consentiram o domínio dos homens e lhes andam associados há longos séculos.

Ainda não eram casas essas furnas, embora não fôsem pobres de diversidade de aspectos e de riqueza pitoresca de linhas. A casa que eu procurava seria a tradução da aspiração dum peregrino que na jornada ia sonhando a sua pousada, seria a expressão duma preocupação que, começando na utilidade e por ela condicionada, impotente para se libertar por completo da acção da natureza e do seu império sôbre a nossa alma, terminaria em pura arte, em uma reacção manifesta, regrada e eloquente do poder da nossa alma sôbre a natureza; e aquele tropel a que se dava o nome de casais e vilares não passava duma escravidão absoluta e grosseira de existências rudimentares desconhecendo outro motivo que não fôsse o da mera existência.

Todavia, não seria tão muda a rudeza que sob as palhas das suas choças e apriscos não se pressentisse o balbuciar duma alma e o medrar do gérmen daquele ser singular e poderoso que os mistérios do destino mandaram a representar em o nosso pensamento e nas tendências e paixões das civilizações uma influência de divindade. O lar defendido por combates, sagrado pelo

culto de milhões de vítimas, a um tempo necessidade essencial do corpo, riqueza da terra, religião, instituição e símbolo da comunidade, ali acendia a sua primeira luz. Os refúgios em que um simples instinto de protecção mútua e de cooperação, provocado pelo temor comum e pelos rigores das estações e contingências do sustento, arrebanhou em promiscuidade homens e animais, onde a manjedoura foi (e freqüentemente continua a ser) a cama preferida do cavador e do pastor, e onde o calor do curral, o balir das ovelhas e o ruminar dos bois constituem um tépido conforto e cantam carinhosos coros para os que dormem ao lado, contentes se sentem próxima e quieta a família na qual um mesmo zêlo conjuga os filhos e a manada, essa desordem e o seu estêrco trazem no ventre a semente da nobreza, da dignidade e da formosura duma aspiração consciente e duma idea fundamental da grandeza dos homens. Um dia, quando o tempo e brisas propícias as amadurecerem e afagarem, hão-de desentranhar da sua agreste humildade a singular potestade de poesia, visão e ambição a que chamamos «a casa». Dali, daquela confusão indistricável, nascerá uma vida, física e moral; ali lateja e fermenta uma organização de progressiva complexidade evolutiva, como é próprio de toda a actividade orgânica. A diversidade de funções determinará a diversidade de órgãos que as sirvam e sejam o seu adequado instrumento, e dêste labor de diferenciação e de conexão simultâneas resultará a multiplicidade das espécies, ao fim tão distantes entre si e singularmente caracterizadas que se lhes tornaram obscuras a filiação, a intimidade de parentesco e a identidade de origem. A leviandade fáclmente as julgará criações independentes.

Quando, seguindo na jornada, me esforcei por distinguir as espécies que a incerteza infinita dessas formas semelhantes a vegetações enraizadas na terra envolvia e confundia, quando perguntei como nessa espessura se geraram e multiplicavam, que pressões e condições as haviam produzido, pareceu-me então que apenas encontrava cinco espécies claramente definidas na invariabilidade e consistência da estrutura: — a monástica, a aldeã da montanha, a aldeã da planura, a burguesa e a palaciana.

Fora destas, enxameiam hibridações, degenerações e bastardias. Se, porém, as sujeitamos a um exame anatómico menos superficial, concluiremos que a constituição do esqueleto obriga a com-

preender toda e qualquer derivação em alguma das cinco divisões elementares.

A espécie monástica é sem dúvida a mais nobre; pela antiguidade, pela pureza da tradição e também pela robustez da concepção. Tem seus pergaminhos. Vivendo há longos séculos, é a que pode lembrar maiores feitos de heroísmo e crença, e neles foi parte. Descendente em linha recta da romanização da península, apenas alterou o legado materno fazendo em edificações sobrepostas o que o romano usava em edificações contíguas no mesmo plano. Todo o rés-do-chão será para as divisões comuns, para o átrio em que se recebem amigos e estranhos, os da família, os clientes e os que vêm por acidente ou de passagem, para o capítulo da colegiada, para os ajuntamentos e banquetes, para o refeitório, para as cozinhas, para os celeiros e guarda de todas as provisões. Divisões privativas e o seu silêncio e tranquillidade, a posse singular e a independência de cada um em seus bens próprios e reservados, encastelaram-se em o primeiro andar, e mesmo em um segundo andar, que se lhe acrescentou onde a família por muito numerosa o exigiu. Ligando esta cidade e fortaleza, e dando-lhe unidade e coesão, o claustro distribuidor, coração da sua vida, será simultâneamente mediador entre os homens cujo contacto faculta e promove entre os homens e a natureza, veículo de luz, de claridade, de verdura, do sol e do céu estrelado — como convêm a um clima no qual a natureza é acessível em toda a estação e salutar e carinhosa na maior parte do ano, nunca tão violentamente adversa que incite a uma clausura por demais rigorosa ou absoluta — e laço de união, instrumento de sujeição e de simpatia entre aqueles que um mesmo pensamento, a mesma crença, ou um simples interêsse passageiro ali juntou. Nascido dum sentimento de ordem e disciplina, o claustro tornou-se o carácter fundamental da casa romana e das que dela descendem <sup>1</sup>, e do romano tem êsse ambiente de vene-

<sup>1</sup> «Segundo as explorações arqueológicas feitas em outros países, a *villa urbana* era em geral um edificio ao rés-do-chão, formado de quatro corpos unidos que fechavam um jardim, sôbre todos os lados do qual corria uma varanda ou claustro: da sua planta fundamental ou contornos gerais dá-nos idea o andar térreo dos conventos, que a tomaram por modelo. Estes quatro corpos dividiam-se internamente de modo a compreender os aposentos necessários para a moradia, e muitos dêles só se comunicavam por meio da varanda. As fundações eram de pedra até o nível dos pavimentos; daí para cima fa-

ração e solenidade que aproximam e assemelham a casa a um templo. Do lar fez um altar, enquanto o bárbaro do norte procedendo de outro espírito e de outra idealidade fazia do lar um facho de caridade, intimidade e protecção, a congregação de corações recolhidos e amparados em mútua timidez e confôrto. Esse estranho nórdico que foi tardio em se converter ao romanismo, e nunca o fez completamente e sem reservas, prescindindo do claustro limitou-se a juntar os tetos em volta do fogo como uma ave aconchegando os filhos sob as asas. Trocou a majestade pela piedade.

Derivação ampliada e esplêndida da casa romana, a casa monástica é a consumação do seu pensamento de solidez e grandeza na maior latitude. Conciliação magnífica de ordem, luxo, agasalho e independência, seria qualquer coisa definitiva na compreensão e no carácter, se cousas definitivas houvesse neste mundo.

O cavador da montanha queria igualá-la, ou pelo menos imitá-la de perto, seguiu-a fielmente. Mas o chão em declive, e a dificuldade e o dispêndio de o nivelar em extensão suficiente para uma casa monástica, obrigaram-no a inventar e adoptar restrições, adaptações e compromissos. O rés-do-chão, encostado à elevação gradual da terra, cego por um lado, não podendo erguer-se em plano com uma altura uniforme, ficou húmido, escuro, abafado e incómodo. A necessidade de luz, desafogo e ambiente enxuto levou a família a procurar em um plano superior êsses elementos primordiais de vida e de confôrto. Primeiro andar na

---

ziam as paredes de taipa, podendo ser que algumas fôsem todas de pedra, que não se encontra hoje, por ter sido removida; a regra mais geral era porém aquela. Apesar da fragilidade da construção, adornavam-nas muito, com mosaicos, placas de mármore, baixos-relevos em argamassa e pinturas. Os seus aposentos eram contudo pouco espaçosos, visto serem casas dum só andar: e se o maior número, como é natural, havia de ser modesto, não faltavam luxuosas, ocupando então um perímetro extenso. Foi a estas vivendas térreas que o povo chamou *palatium* (paço), menos pela aparência grandiosa que não tinham, mas por estar nela a administração do seu pequeno mundo e aí residir o *dominus*, quási o seu soberano. Contígua ou próxima ficava a *villa rustica* e a *fructuaria*, com porta de três ou quatro corpos também ao rés-do-chão, que fechavam um eido ou eirado (*cohors*): em volta dêle dispunham a cozinha e aposentos dos servos, as cortes dos gados, os compartimentos para a guarda dos produtos, tendo emfim o que era necessário para a exploração agrícola da terra, directamente por ordem do proprietário». (Alberto Sampaio, *As Vilas do Norte de Portugal*, pág. 58).

parte anterior do edifício, êsse plano superior que o bando preferiu para o ninho, bastas vezes tem de ficar de nível com a terra nas divisões posteriores, ainda por efeito da inclinação do terreno. E, como era ainda vasto o espaço fechado no rés-do-chão, embora escuro e frio, a boa economia ensinou a aproveitá-lo para diversos usos, freqüentemente para celeiro, adega, e abrigo de lenha e ferramentas, e até mesmo, nos casais pobres, para estábulo dos gados.

A família carecia porêem daquele medianeiro com a natureza e dos espaços comuns que a casa monástica lhe dava no claustro. Veio então a substituí-lo, muito modesta e incompletamente, a escada exterior e a varanda, um fragmento de claustro, como atrofia súbita do seu desenvolvimento orgânico, mas, sem embargo, duma capacidade prática que se lhe equipara. Ingénua e preciosa solução dum problema apertado, refúgio da opressão de circunstâncias físicas directamente invencíveis fora do poder do dinheiro que despedaça a fogo os rochedos, a varanda torna-se o colector animado de todas as actividades domésticas, primeiro abrigo da hospitalidade, protector da intimidade e do trabalho, intermediário da reclusão doméstica com a liberdade da natureza, uma suavíssima passagem dum abrigo absoluto a um recato moderado, no qual pode sentir-se a carícia das estações sem lhes soffrermos as inclemências.

As desigualdades do terreno e a resistência das rochas tinham de fazer da casa do montanhês uma escadaria caprichosa de poucos alcandorados nos penedos e encostas, para a sua gente e para os seus gados, como para as suas próprias culturas. Na verdade, não podia ter um claustro; carecia para isso da amplitude e desafogo convenientes. Do conflito da aspiração e da necessidade saíu porêem pela construção de sucessivos e pequeninos claustros sobrepostos, imperfeitos na estrutura mas bem definidos no carácter.

Isento dessa opressão da natureza, o aldeão da planura pôde realizar desembaraçadamente a sua idea e desenvolver a casa à sua vontade, por onde e até onde lhe conviesse e aprouvesse. Livre de coacção extrema, subordinou a construção a um pensamento de pura economia, pois que a economia representava entre os motivos que o determinavam o mais urgente.

Dessa espécie, as antigas casas da Maia, que dali até a Murtosa abundavam em todo o litoral, guardaram por longos anos

uma criação significando, além dum primor de inteligência da sua condição, uma harmonia e um rigor lógico que afinal as adornavam com uma beleza tão singela como subida pela própria singeleza.

A entrada é pela eira e respectivo alpendre, baixo e relativamente vasto, bem resguardado entre dois prolongamentos laterais do corpo da casa cujo telhado desce em uma vasta aba para cobrir essas edificações que, parecendo acessório, constituem a face principal. Dentro e imediatamente, teremos a cozinha, e em seguida as demais divisões, estritamente necessárias à habitação da família; fora estarão os currais e dependências exclusivas da lavoura. Invenção da economia no seu maior rigor, essa casa teve a arte de associar até a coincidência e identidade o abrigo doméstico e as utilidades rurais; o mesmo alpendre e a mesma eira, onde se guardam as ferramentas e se limpa e protege das chuvas o grão, será o vestíbulo onde se acolhem os peregrinos e os amigos e onde o mendigo esmola, o coradouro onde se enxugam as roupas e a oficina onde branqueiam os linhos e lidam o fuso e a dobadora. Em dois palmos de terra e sob o mesmo teto se entrelaçaram e movem de harmonia todas aquelas actividades que são a vida completa duma colmeia humana. Qualquer duplicação ou reparação se tornaria um dispêndio inútil. A ostentação, o luxo e a superfluidez ainda ali não tiveram sua carta de admissão; e parcimónia e a severidade da ordem eliminaram e pouparam toda a dilatação ociosa e com uma subtilidade penetrante e eficaz acudiram a todas as necessidades maravilhosamente conjugadas. A idea do trabalho prevaleceu e não consentiu deturpação ou intrusos que lhe minguassem a robustez da expressão. Cingida a essa aspiração deixou para a burguesia as primeiras seduções da vaidade e dos regalos, e também os affectos que o adorno significa.

Aqui, na burguesia moral e industrial, as oficinas e as granjas estabeleceram-se em claustros, segundo a tradição romana; não são outra cousa os pátios. E é de ver e considerar como de tal modo correspondem a necessidades e interêsses essenciais que ainda agora, invariavelmente, não há casal de lavrador que para aí não se encaminhe quando começa e que por aí não acabe se logrou completar-se.

Quando, porém, a oficina e a granja prosperaram e engrandeceram senhores e patrões, a ostentação e uma cândida soberba

reclamou-lhes certo apartamento, aborrecendo o estêrco dos gados e a poeira da fábrica, enquanto, por outro lado e conjuntamente, a afeição às *suas cousas* e o orgulho da profissão vitoriosa incitavam a dar-lhes testemunho de amor envolvendo-as em formosura. As preocupações de pura arte, companheiras da abastança, do repouso e do seu contentamento, queriam coroar e coroaram aquilo que dera essa abastança e repouso; queriam revestir de sinais de dignidade os homens, as cousas e os lugares em que a fortuna e o esforço e o talento haviam bafejado e fecundado o trabalho.

Todavia, senhores e patrões, cedendo às solicitações do orgulho inerente aos seus triunfos e ansiosos de mostrarem seu poder e tesouros, não o faziam tão imprudentemente que de todo se desligassem daquela mesma fábrica que todos os bens lhe facultara e prodigalizara. Aceitavam e promoviam separações e apartamentos da ostentação e do trabalho, mas não os consentiram tão radicais que importassem desligação completa, ou sequer prejuízo, da direcção e vigia da lida da família e dos servos. A êsse pátio da oficina e da granja deram então frente na rua e do acrescento fizeram moradia privativa dos amos, com sua entrada directa e independente da outra, da antiga e comum que não obstante se conservava para seus fins, indispensável ao serviço e movimento de toda a sua economia que subsistia. Assim a morada burguesa conservou, e até certo ponto ocultou, o pátio com as suas quatro faces internas pelas quais se repartiam os portais das oficinas e das casas da lavoura; e além destas deu-lhe uma outra face exterior, sôbre a rua, para a rua mostrando e vivendo uma vida resguardada das fadigas e do seu incessante tumulto, sómente desvanecida e aparentemente cuidando de abastança, asseio, comodidade, arte e presunção. Se os bens cresciam e se acumulavam, esta parte da casa com frente na rua, que foi térrea em tempos de modéstia e riqueza moderada, ergueu-se em um segundo plano — o *sobrado*, que vem a estremar melhor e enaltecer aquela mesma abastança e as suas comodidades e recatos.

Por estes trâmites se passou da necessidade à ostentação, da sinceridade do ser às dissimulações e artificios do parecer, mas não tão precipitada e levianamente, advirta-se, que êsse sobrado deixe de manter as duas faces da morada térrea de que nasceu, a que olha para o pátio e a que se apresenta na rua. Nesta o burguês nos saúdará na plenitude da sua glória, em traje apri-

morado, solene, às vezes magistrado ou capitão de milícias, mas na outra face, na que deita para o pátio e com êle comunica assiduamente, aí o burguês transforma-se e voltará à condição inicial, que não despreza e cujo valor aprecia; em mangas de camisa, zeloso, activo, poupado, e até avaro e ganancioso, vigia toda a mecânica do ganha-pão e não hesita a reprimenda ao aprendiz que se descuida, ou ao criado que leva atrasada a sementeira, ou ao boieiro que traz o gado menos nédio.

Amiúdem-se agora os casais dêste carácter, juntem-se à volta do mercado, porque têm conveniência em não se afastar para longe da via mais concorrida, considere-se como o espaço vai faltando por virtude desta pressão, dêste impulso constante de aglomeração, e pouco a pouco será reduzido o espaço dos claustros e dos pátios, até que as casas, entre as quais houve terrenos livres, se tornarão apertadamente contíguas.

Está criada a cidade, expulsa a lavoura para onde encontre campos abertos e a oficina obrigada a enclausurar-se nas suas quatro paredes.

Mas essa mesma oficina, a tais extremos de exiguidade reduzida, terá também a sua hora de proscrição e destêrro. Em confronto com o luxo que ela amamentou no copioso leite dos seus lucros, tempo virá em que êsse luxo se aborreça do seu contacto directo e queira ficar sòzinho na amplitude da própria soberba livre de toda a promiscuidade. Só o palácio o satisfaz e lhe preenche a inteira satisfação dos seus caprichos.

Para o palácio cessaram as dependências económicas imediatas. Se as tem, e de facto não pode deixar de as ter para se criar e manter, oculta-as a calculada distância, nas herdades e nas fábricas, onde elas não o perturbem com os seus rumores ou o enxovalhem com o seu afan. O palácio quer viver sòzinho, no solipsismo próprio da sua paixão, para as pompas do domínio político, para o orgulho e para a arte, para aquela sensualidade insaciável cujo vigor inflamou a Renascença, e cujos requebros deram a mais delicada da sua volubilidade na França do século XVIII. Aqui a individualidade sobrepuja todo o carácter morfológico específico. Inverteram-se os termos: o que veio por acção na constituição da casa nascida da necessidade económica, tornou-se no palácio a sua razão de ser orgânica. De subsidiário e dependente tornou-se o principal e dominante, o fim e a aplicação de todo o sistema económico. Todo o cosmopolitismo ad-

mite, toda a invenção, desuso e extravagância; o fausto é complacente, à imaginação se confia; ela inspirará o modo mais eficaz de afagar os sentidos e proteger e inflamar a vaidade. Ao serviço dos sonhos de grandezas, de cobiça e de beleza sacrificará trabalho, riqueza, talento, quanto se tornar necessário ou útil para ser esplêndido e para deslumbrar pelo esplendor. Desconhece obrigações com a intransigente disciplina e rigor do labutar pelo pão de cada dia. Desligou-se da enxada e da forja, unicamente quer depender de vária exaltação moral. No empenho de legitimar a própria existência e os sacrifícios ingentes que ela custa, sobretudo aspira a tornar-se o símbolo da dignidade dum estado e condição pública ou particular. Deixando de ser um instrumento de simples economia, pretende ser uma expressão perdurável de nobreza e nos brasões recordará a heroicidade histórica de que é monumento e a dignidade do sangue daqueles que o ergueram e o possuem e habitam. Quando por efeito duma degeneração não decaiu no florescer duma sensualidade mórbida ou na representação de materialidades sórdidas triunfantes, como modernamente acontece bastas vezes, será o sinal do culto e honra da superioridade moral dos homens e das sociedades, o sacrário onde a adora e lhe recolhe as insígnias. Por isso algum tempo houve em que não dispensou a união religiosa e ao brasão sobrepunha a cruz; um mesmo teto cobria o altar de Cristo e o lugar onde se abrigava a justiça do magistrado e a munificência do príncipe.

Assim, por estes erros, o palácio vem a cair naquela obscuridade de carácter que precedeu a formação da casa e foi a condição primitiva da habitação incipiente, ainda no tumulto inorgânico. Entre o palácio e a cabana há afinal em matéria de carácter um ponto comum, no qual com inesperada e singular propriedade pode sentir-se a regra do contacto dos extremos. Ambos, os palácios e as cabanas, sofrem aquela obscuridade de definição íntima e externa do seu destino que dá unidade às espécies bem caracterizadas; ambos parecem hesitar em dizer claramente ao que vieram, o que querem e o que fazem na terra. Uns pela indecisão do seu amorfismo embrionário, outros pela complexidade, degeneração e desvairamento das formas e das funções, como flores dobradas, ambos acabam na debilidade ou na abdicação da aspiração individual, ora tão turvada na sua frouxidão que é incapaz de se revelar na escassez orgânica da

edificação, ora de tal modo perdida a vitalidade superabundante que se afunda na prolixidade do capricho e da invenção — o mais das vezes instigada por mera vaidade que toda a discrepância e estranheza aceita de boamente só por se distinguir do comum.

Talvez por isso a impressão do palácio, por mais viva admiração que nos provoque, é, em regra, um feito de curiosidade ou de sensualidade, enquanto a impressão da casa, em suas formas orgânicas puras nos comove pelo palpitar de vida, porque é o espelho animado duma vida completa em seus órgãos e activa e robusta nas suas funções. Enquanto a casa é o abrigo dum peregrino com sua missão e devoção, afadigado ainda mesmo quando busca o abrigo, o palácio torna-se-ia frequentemente em um retumbante clamor de soberba, sem embargo estupendo em sua latitude e alcance.

Faça-se o inventário dos milhões e milhões de casais que esmaltam os nossos montes, as nossas praias e as nossas campinas. Ver-se há que na sua multidão, aparentemente nebulosa, todos envolvem pelo menos a reminiscência e parentesco de algumas destas espécies originais. Entre as infinitas ampliações, restrições, atropelamentos, imitações e combinações, descarne-se o esqueleto, liberte-se das vegetações parasitárias que o envolvem, e encontrar-se há a identidade com algum dos quatro tipos maternos.

Estas são, todavia, o que bem ou mal poderemos chamar as condições subjectivas da casa da nossa terra, o sentimento de que nasceu, o carácter psicológico que definiu, a vontade de que foi instrumento, a tendência que a guiou e traçou. Mas aqui, como em toda a arte em que a nossa alma tem voz, por mais completa que possa tornar-se a sua tradução sensível, as condições objectivas e a sua fatalidade determinarão os limites do facto e constrangerão os impulsos no sonho; a necessidade material sujeitará à sua estreiteza e mesquinhez a aspiração do espírito, e não desiste de lhe intrometer e imprimir suas feições peculiares. A casa terá de conformar-se com uma architectera, nela há-de caber; e um mesmo modo de ser orgânico, uma mesma aspiração revestirá diverso carácter externo segundo as exigências do lugar em que houver de se revelar, segundo os meios que a natureza, nem sempre generosa, lhe facultar, e segundo leis matemáticas e cósmicas impreteríveis que

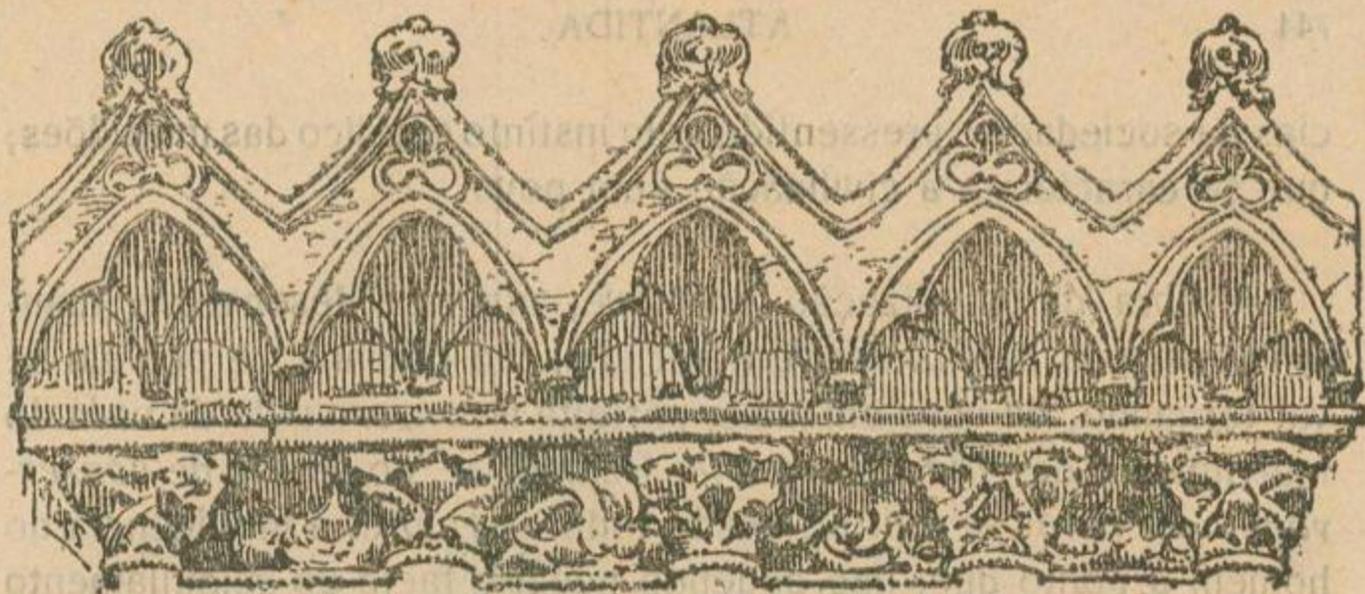
em toda a conjuntura o engenho humano é incapaz de abolir ou violentar além de determinados limites. Expressão dum pensamento moral e duma ordem humana, a casa é pela architectura a derivação lógica de circunstâncias naturais, inviolável na essência e limitada em suas faculdades, — uma tirania das cousas, com seus absolutos, embora susceptíveis de disciplina e transigência e diversa coordenação sob os impulsos da nossa imaginação e sob a penetração da nossa inteligência inflamada pelo ardor do desejo e pela aspiração fecunda das visões. A intuição mais lúcida, como a mais vaga, carece de formas de efectivação de que não é senhora inteiramente. Essas formas não só dependem de fatalidades naturais de extrema variabilidade, e na sua variabilidade consentindo aos homens largas liberdades de selecção e fruição, mas estão também subordinadas a leis matemáticas imperativas.

JAIME DE MAGALHÃES LIMA.

**Quereis fazer a propaganda  
dos vossos productos em toda  
a Europa e em toda a Ame-  
rica? Dirigi-vos ao**

**ESCRITÓRIO INTERNA-  
CIONAL DE PUBLICI-  
DADE DA ATLANTIDA**

**na Rua Antonio Maria Car-  
doso — LISBOA (PORTUGAL).**



## Da Soberania

(PREAMBULO DO LIVRO INÉDITO DÊSTE TÍTULO)

Formular as leis do dinamismo social e político e fazê-las executar é a dupla função a que se chama *Soberania*; e as crises políticas têm provindo, em todos os tempos, do êrro no exercício desta função.

A vida social é a sucessão de séries simultâneas de actos de relação dos homens entre si; e, se é certo que o meio cósmico exerce constante influência nos seres, não é menos certo que os actos da vida social se influem recíprocamente, quando simultâneos ou quási, e, quando subsequêntes, lá vão, se bem que de mais em mais modificados por motivo de novas influências, participando da natureza de que derivaram primordialmente. E assim na *diversidade* verifica-se necessariamente a *unidade*; e a vida efectiva-se pela *mutualidade*: isto é, por trocas recíprocas de *matéria* e de *movimentos* derivados de fôrças coexistentes.

A sistematização da mutualidade é, pois, o objectivo para que tende a obra de reflexão intelectual a que se chama *A Civilização*, a qual se realiza, tanto por meio das especulações scientificas e trabalho das indústrias, como pelas metodizações filosóficas: — teológicas nos cultos; jurídicas nos costumes; e estéticas nas obras da Arte. E a Arte produzindo *beleza*, que é a realização sintética da suprema harmonia, levanta as almas em aspiração colectiva para a comunhão da verdade absoluta.

É no conceito da *Beleza*, compreendida pelas cultas inteligên-

cias da sociedade e pressentido pelo instinto estético das multidões, que se caracteriza a civilização dum povo.

A obra da Civilização promove, alarga e desenvolve, mantendo-se pela *mutualidade* a socialização humana; e por ela se vai tornando, de mais em mais, perfeita a *conservação da vida* do indivíduo, e da *vida da espécie*. Realmente, no anseio de *conservação da vida*, se agitou, desde todo o sempre, a inteligência do homem a ponto que, não podendo negar o facto do aniquilamento da integridade corpórea, refugiou-se na fé — *quod volimus facile credimus* —, e criou a afirmação consoladora da imortalidade da alma.

E como não havia de ser assim, se tal afirmação é a ilusão necessária para não se perverter a existência na desesperança, visto ser a *conservação da vida* o objectivo natural da própria *vida*, e a morte ser certa.

É por isto que o *amor*, o facto positivo que engendra a *vida*, e a *morte*, o facto negativo que a subverte, são as duas preocupações em que a alma constantemente se polariza. E o *amor* e *morte* são as duas fontes de idealização suprema da Arte!

As leis morais, que regem as relações dos homens entre si e dos homens com as cousas, são, pois, tanto como as leis físicas, condições necessárias da acção da vida.

A razão, porém, em que, dentro das respectivas séries sociais, os actos de relação se filiam ou reciprocamente se geminam, não é a causa que os gera, aquela energia íntima que evoluindo se concretiza em particularizações temporais; e, portanto, as verdadeiras leis morais, civis ou políticas, não são as expressões das relações dos seres, mas tam sómente exprimem generalizações que enunciam a razão normal, ou de Justiça, em que se sucedem os factos, aliás procedentes daquelas relações.

Daqui resulta que a lei, que os homens afirmarem, só será verdadeira lei quando fôr essencialmente substantiva; isto é, quando a sua fôrça dispositiva fôr a do próprio movimento natural em que os actos da série se efectivam.

É por isto que a lei natural a si mesma se sanciona; visto que a não efectivação, ou insuficiência accidental de elemento estático ou dinâmico de alguns dos termos (actos) da série, importa a negação em que estes se relacionam seqüentes.



Antonio Carneiro,  
1918 - III

CANDIDO SOTO MAIOR  
Um dos principais fundadores do Banco Portuguez no Brazil

Da falta de seqüência fatalmente provirá perversão, ou anulação do movimento essencial do acto.

E como tal subversão só pode porvir de factos de séries diferentes, ou de diversa característica, intercorrerem nas relações dos seres, quebrando o equilíbrio normal dos respectivos movimentos, evidentemente a condição negativa de se não darem intercorrências estranhas é condição necessária para que se cumpram as respectivas leis de efectivação natural. A êsse estado negativo, de não interferência de factos estranhos na série de actos seqüentes, é que se chama a *liberdade*.

Pelo carácter, porém, de relativa autonomia voluntária da espécie, a actividade dos homens, no maior número dos movimentos de cada um dos seus actos (que não jamais em todos), parece efectivar-se quasi desintegrada do movimento geral do Universo, e a vida de relação, dos homens entre si e dos homens com as cousas, realiza-se em sucessão de movimentos resultantes da reflexão intelectual.

E, quando o acto provém do instinto, o mesmo facto psíquico se dá, porque o instinto não é mais que a reflexão sem intervenção do prévio esforço da vontade, dando-se com elipse dos termos ideais intermédios, havendo-se desde há muito, pela hereditariedade, naturalizado, como expressão espontânea, o movimento final.

Entretanto, o início do termo primário do primeiro momento da acção reflexiva é sempre natural, e espontâneo, e necessário; e, por mais complicadas que se enredem, depois, as voltas da linha da sua evolução, a causa primária do acto, tanto como o seu objectivo último, é sempre o facto natural—*a vida*, afirmando-se na lei,— lei com carácter de necessidade—, da *conservação da vida*; seja a *vida do individuo*, a conservar pela *alimentação* e pela *defesa* da integridade corporal; seja a *vida da espécie*, a perpetuar pela *procriação*. E a lei da conservação da vida desdobra-se em duas: a da *luta pela existência*, e a da *selecção sexual*.

As circunstâncias naturais e histórico-morais, as taras hereditárias próprias do agente da acção, e, emfim, os conceitos da reflexão individual, tudo influindo simultaneamente na direcção da *vida*, determinaram, no desenvolvimento das actividades, as diferenciações qualitativas das raças, das famílias e dos individuos.

Dai o aparecimento, no exercício da vida social, de *coeficientes de expansão*, vários e diversos, já do indivíduo, já da colectividade.

Dêste facto resulta a probabilidade de que, dada a causa natural primária de qualquer acção, os termos da série respectiva, que se lhe seguem, não se manterão relacionados em aquela *razão* constante, que guardariam se não tivesse havido interferência de *coeficientes* de expansão que hajam surgido.

É por êste motivo que as acções do homem, iniciado o movimento pela causa natural, logo se encontram, geralmente, fora da sua sistematização espontânea; e, subvertidas, vão em repetidas contradições com a sua razão inicial.

Mas como a sociabilidade é essencial à vida da espécie, para que a mutualidade (que é o meio e o fim social de toda a acção humana — *do ut des*) não se perca, e não se perverta, perdendo-se de todo nas incertezas de cada hora, os homens (primeiro empiricamente, e depois teorizando a razão do feito) buscaram *enscenar* os elementos da acção de modo a que de tais equações artificialmente arranjadas, resulte logicamente, em uma razão constante, seqüência de efeitos, e que estes concorram a integrar-se no conseguimento daquilo que aos homens se afigura ser uma utilidade geral, dentro da qual supõem estar contidas as utilidades individuais.

E pela tendência natural do espírito a subordinar tudo a razões abstractas, vieram a generalizar-se os vários arranjos *de encenação dos elementos sociais*, na concepção abstracta dum princípio geral de sistematização.

É êsse princípio que se chama a *Ordem*.

A *Ordem social* não é pois, afinal, mais do que a efectiva observância dum complexo de *rubricas* para efectuar a disposição material das entidades sociais, indivíduos e grupos, pessoas morais, em frente uns dos outros, ou seja em *sociedade*. E tais *rubricas*, a que imprópriamente se chamam *leis*, são, pela sua *origem e fim*, de natureza essencialmente adjectiva.

Quando a razão entre as seqüências resultantes da disposição adjectiva, que é a *Ordem*, fôr (e só por acaso o será) idêntica à que a evolução da causa natural produziria, se seus efeitos não fôsem perturbados pela insuficiência na compreensão dos *coeficientes de expansão*, e mais ainda, pela conseqüente intercor-

rência efectiva de factos de espécie diferente, a *Ordem* na sociedade será, então, equivalente à sistematização natural.

Quando tal identidade se der, o equilíbrio social será perfeito, e as leis serão a verdade.

E esse foi o ideal prosseguido por S. Paulo (vide *Epistola aos Gálatas*) mas infrutíferamente, porque a tal resultado se opunham não só a tradição israelita do evangelho da circuncisão, mas também a tradição jurídica e teísta dos gregos e romanos.

Sempre, pois, que se pretenda obrigar pela sanção positiva a actividade humana a efectivar-se por quaisquer regras adjectivas, que não contenham em si a mesma razão de seqüência que existiria na correspondente série natural, e, se para o conseguir, os detentores do poder forcarem coercitivamente os homens a práticas contrárias à livre expansão subjectiva, só luta, aflicção, miséria serão as conseqüências fatais da chamada *Ordem*.

As regras para a actividade social, para serem verdadeiras leis, devem, portanto, conter essencialmente, em seu espirito, o que, na lei natural das relações dos homens entre si e com as cousas, há de geral e constante, isto é — a *razão de justiça*; que a *Justiça* é a conformidade absoluta, do acto deliberado, ou da vontade (e esta é sempre determinada por motivos: sejam estes conceituais, derivados da reflexão consciente sôbre factos, sejam da sub-consciência que a hereditariedade lhes criara), com a lei natural de carácter de *necessidade*, segundo a qual a vida do homem se objectiva espontânea, quer no seio da colectividade geral da espécie — a *humanidade* —, quer no das sub-colectividades em que se tiver dado, ou fôr dando, a distribuição geográfica das gentes em *nações, províncias, cidades, aldeias*.

Como porêm o conhecimento da lei resulta da verificação dos mesmos efeitos na prática de factos da mesma característica; e a lei é achada pela intelligência do homem (pois que o homem só conhece o seu pensamento (Kant), e se sabe que existe é unicamente porque pensa — *Cogito, ergo, sum* (Descartes): daí a possibilidade do êrro.

É por isto que o desequilíbrio na vida das sociedades, as suas crises morais e políticas têm realmente provindo em todos os tempos do êrro no exercício da soberania.

Na verdade, as perturbações sociais ou políticas provêm sempre dos homens se enganarem, submetendo actos da vida de relação a leis a que não pertencem, não vendo, ou não querendo

reconhecer quem a soberania exerce, que outras são as que a êsses actos competem.

É, pois, um êrro obrigar o homem a praticar as chamadas *leis especiais da liberdade*, porque a *liberdade* não é mais que um estado negativo, essencialmente necessário à existência do movimento social e, conseqüentemente, não pode haver para ela preceitos positivos com sanção positiva, pois que sem estado de *liberdade* não se verifica *lei* alguma da *vida* e os preceitos positivos da sanção teriam por objectivo coagir, por acção externa, facto estranho intercorrente, as actividades humanas ao cumprimento da lei natural, que lhe é respectiva, e cuja observância só do próprio movimento emana. Logo, as chamadas leis positivas de *liberdade* serão sempre a negação da liberdade, e darão de si o conflito social ou político.

Mas o estado natural da humanidade não pode ser o de constante luta, aflicção e miséria; pelo contrário, tem de ser o de harmonia e conseqüente felicidade. E a felicidade é a *vida*: não a vida como sucede muitas vezes aos homens imaginá-la, artificializando a existência pela particular conveniência de alguns, ou pelos preconceitos, que ideas, incompletamente adquiridas, tenham para todos criado; mas sim a *vida* harmónica com as condições do desenvolvimento da própria *vida*, tal como a natureza a faz.

Pois se todo o Universo existe pela harmonia e não pelo desequilíbrio, como se compreende que, sendo a *vida* do homem, e conseqüentemente a das sociedades, integrações parciais dos movimentos diferenciados do movimento geral do Universo, não dependa da mesma condição de harmonia na sua efectivação?!

Os factos que perturbarem temporalmente a harmonia da vida social devem ser considerados como os temporais que pervertem a serenidade da atmosfera.

Os factos perturbadores hão-de fatalmente passar um dia; e o equilibrio restabelecer-se há, e tornar-se há estável, quando emfim desapareçam de todo os sistemas sociais injustos por haverem sido erradamente imaginados. Então as actividades humanas terão a sua efectivação conforme as leis naturais da realização da *vida*; e isto pela simples razão de que o equilibrio num complexo de elementos, coexistentes em sistema, não é o resultado duma fôrça, actuando de fora dêsses elementos e dêles independente, a mo-

derar-lhe os movimentos funcionais, compassando-lhes a velocidade da acção; é, sim, a resultante das próprias forças emanentes, que, expandindo-se no mesmo meio, convergem para o seu centro comum, o qual nas sociedades humanas é o facto da existência de cada unidade social na unidade da vida da nação como a existência de cada nação na unidade da vida da espécie.

A unidade política das diferentes sociedades é apenas a consequência da solidarização das unidades sociais, irreduzivelmente diferenciadas, e por isso a unidade política é o Estado; isto é: *estado* ou condição indispensável para o exercício da vida de relação; mas condição caracterizadamente estática (o vocábulo o diz), embora seja uma entidade pessoal, que a represente, como expressão concreta do equilíbrio dos movimentos simultâneos das unidades funcionais irreduzíveis, que, conjuntas, formarem, pela sua integração histórica, um número primo — a *colectividade* política, seja esta a *tribo*, a *comuna*, a *provincia*, a *nação*, ou a *Igreja*, na congregação sentimental das gentes.

O grande mal, o desequilíbrio político, tem vindo, principalmente, a meu ver, de se considerar o Estado, que é condição *estática*, como um elemento social de actividade própria *diferenciada*; e, por consequência, o seu símbolo pessoal, órgão de função independente e voluntária. Na verdade, o Estado não pode ser, pela sua própria natureza, senão o registador automático dos movimentos funcionais das unidades que compõem a colectividade, e visto ter sido criada espontaneamente pelo conjunto das funcionalidade política das diversas unidades sociais irreductíveis, cujos movimentos simultâneos da actividade industrial se congregaram para a finalidade comum, ou seja: *conservar, tornando de mais em mais perfeita a vida da nação*. Consequentemente, o órgão pessoal do Estado é por igual, na sua acção reflexa de registador da vida das unidades sociais, o moderador automático dos movimentos funcionais das diversas potências políticas em que aquelas unidades se hajam historicamente integrado, constituindo a *Nação*.

O erro de conceber de outro modo a função puramente reflexa, que o órgão pessoal do *Estado* desempenha originou-se do facto de, em certos momentos históricos da vida das Nações, haver-se dado a coincidência de a entidade, que sintetizava na centralização da *acção do comando* todas as actividades sociais para a realização dum único objectivo (no tempo em que todas as uni-

dades sociais da nação tinham um só a realizar imediatamente), ser a mesma entidade que, pela posse ou propriedade nominal ou efectiva do território, em que o agrupamento nacional vivia, simbolizava a unidade política do comando.

E aquele erro tem dado origem, e ainda hoje a dá, às crises sociais e políticas, porque a lei natural do progresso determina o desdobramento da actividade das colectividades em crescente complexidade de actos, o que obriga a diferenciação das actividades pessoais, e à parcelar integração espontânea destas em diversos grupos, caracterizando-se cada um desses grupos pela homogeneidade do trabalho de espécie idêntica; e, como desdobramento tal encontrou sempre, para se efectuar, a resistência da inércia moral, a qual é favorável à tendência do homem para conservar em si qualquer elemento de força, ou de aparência de força, que uma vez haja adquirido, têm surgido, e surgem, conflitos, mais ou menos demorados, mais ou menos violentos, determinando nas sociedades movimentos de reacção.

A reacção é a consequência fatal da resistência do órgão que simboliza a unidade política (por sua natureza estática e essencialmente conservadora) a ser despojado, — pela fatal diferenciação da mesma sociedade em dinâmicas individuações —, da função da soberania, que aliás lhe é só emprestada e não essencial.

E a retrogradação dá-se pela revolução do próprio movimento de expansão das unidades sociais ao baterem, quando se diferenciam, de encontro à natureza estática da unidade política; embora nos seguintes embates, fluxo e refluxo do mar da vida, avancem mais e mais para a afirmação definitiva da sua diversidade.

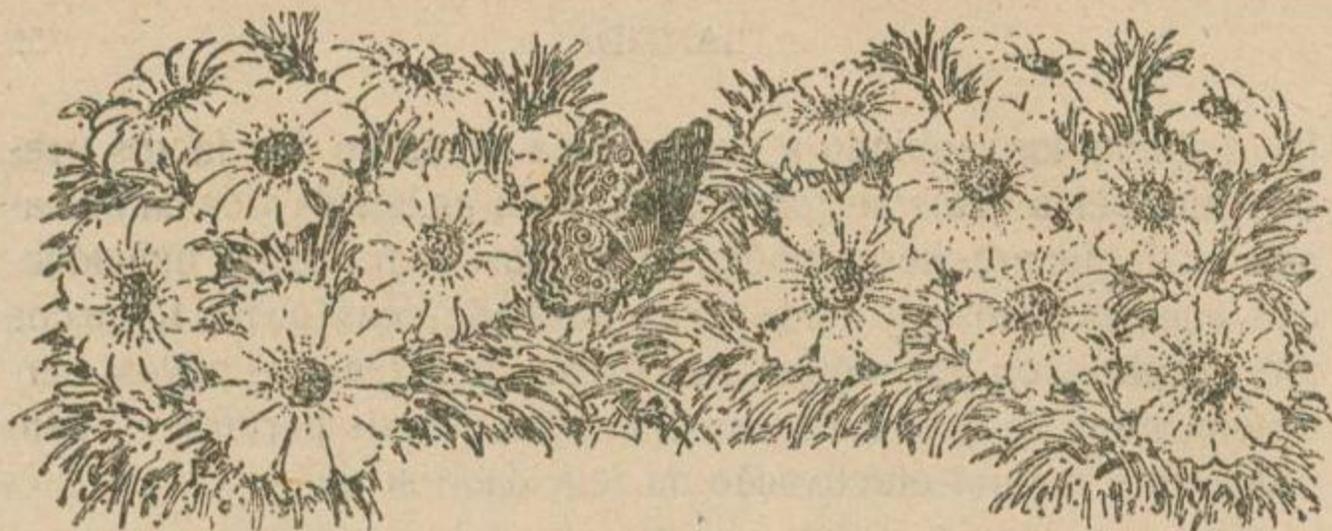
Se nos patriarcas dos tempos bíblicos; se nos chefes das tribos sacerdotais; se nos reis; se nos senhores feudais; se nos concelhos das cidades; e, enfim, se nos imperadores e nos papas; e, depois, outra vez só nos reis, e, mais tarde, simultaneamente nos parlamentos e nos reis (monarquias representativas) ou só nos parlamentos (repúblicas parlamentares), a função do comando e a da soberania têm estado sucessivamente encorporadas nas pessoas dos representantes simbólicos das unidades políticas da Nação, nem por isso essas funções foram jamais expressões dum direito único e homogêneo. Tiveram origens diferentes; e tinham, e têm, naturezas diversas.

Se vieram a confundir-se, e se, pela inércia moral e pelo preconceito, essa confusão continua, cumpre à História e à Filoso-

fia distingui-los, subindo a corrente da sucessão dos factos irreductíveis, pelos quais se foram realizando as leis da vida da humanidade. E cumpre-lhes também determinar, com precisa individuação, aqueles factos que ainda por confusão de ideas, ou por fôrça dos preconceitos, ou por motivo da inércia intelectual dos povos, persistem, a fim de que anulados sejam, e não mais perturbem, nem retardem a natural efectivação da felicidade social.

COELHO DE CARVALHO.

Quereis hacer la propa-  
ganda de vuestros productos  
en toda la Europa e en las  
dos Americas? Dirigi-vos ao  
**BUREAU DE PUBLICI-  
DADE ATLANTIDA**  
en la Calle Antonio Maria Car-  
doso — LISBOA (PORTUGAL).



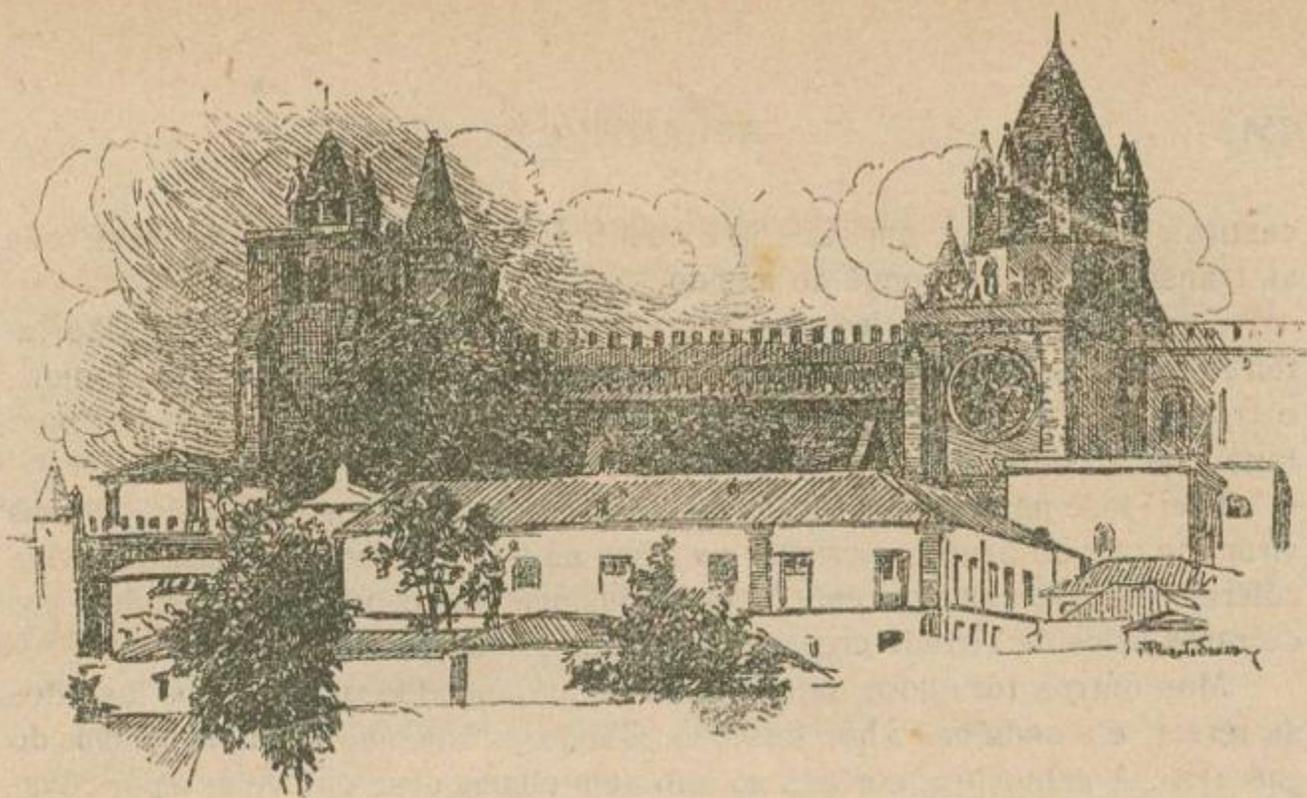
## Sôbre a campa dum soldado

---

*Veio uma bala, matou-o,  
Se morreu isso o que tem?  
Todo aquele que assim morre  
E' mais feliz que ninguém.*

*O seu nome, pouco importa,  
Pouco importa quem seria.  
Morreu pela nossa terra...  
Padre Nosso, Ave Maria.*

VICENTE ARNOSO.



## Valeroso milagre

*A António Joyce, eleito da Arte.*

Frei José atravessou a onda atribulada do povo, dobrado em dois, tateando as lâjeas com a velha bengala de nós, da côr da cidra. À medida que o apercebiam hirto e lento, como sombra de vida que passasse à busca de coval onde desvanecer-se, abriram-se alas e o tumulto amainou. Chegado ao arco cruzeiro, já um silencioso quebranto pesava sôbre o recinto. Lá ao alto, perante o altar-mor iluminado de todas as tochas ao Sacramento, exposto em seu tabernáculo de ouro, o frade ajoelhou e orou. Mas não foi a sua esta prece passiva das mãos juntas e do corpo gelado; seus braços especaram-se para o céu, na expressão tanto de implorar com fervor como de interceder com ira.

O templo, pelo dia fora, coalhara-se de fugitivos; sob êle se albergavam cinco aldeias que o terror do inimigo enxotara dos eidos e portelas como reses do montê. Alucinadas tinham corrido para o mosteiro da Tabosa, onde, a terra tocando de mais perto o céu, o instinto as levara a eleger guarida. Com alfaias no braço, os filhos às cavaleiras, os velhos em padiolas, para ali tinham acampado em montão, desde a casa da fábrica à galilé. E, depois de chorar e rezar ladainhas, como as horas decorressem febris e morosas, sacaram das algibeiras a boroa centeeira e a rodela do queijo e manjaram. E a espaçosa nave, com o Senhor exposto em cima, em grande cerimonial, tumultuou como uma feira. Fugitivos, entretanto, acudiam de todas as partes, alarmando com novas sinistras dos «Franceses» o rebanho desvairado. No côro, as freiras descalças, da Ordem de S. Bernardo, iam solfejando umas vésperas funerárias; e suas vozes, esvaíam-se no alarido, como ecos de longe.

Com o dobar das sombras da tarde condensou-se na igreja uma atmosfera aziaga. A nave profunda não tinha mais limites; nos nichos e oratórios, por detrás das vidraças embaciadas, as santas imagens cresciam desmedidamente. Ao alto, contra a silva de pâmpanos e de pombas das colunas coríntias, os

castiçais derramavam um luz fria e hostil. Parecia que a casa de Deus toda se transportava para longe do mundo.

Perante a postura singular do frade nos santos degraus, a multidão inteira recolheu-se subjugada. Um ou outro soluço descia do côro das monjas; o tropel duns tamancos reboava, de tempos a tempos, à porta travessa, para logo expirar sufocado.

Frei José permaneceu largos minutos em sua súplica pavorosa. Depois viram-no cair de bruços e crispar as mãos na terra, como se, presa de divina cólera, quisesse esmagar êste bocado de lama entre os mundos, onde a par de raros lírios de virtude crescem e correm os vermes da maldade.

Mas outros foragidos entravam no templo, açodados, de rostos lavrados de terror, e a onda marulhou de novo. Clâmores lancinantes subiam acima do sussurro. A penumbra, cortada ao alto pela chama crua das velas e por côvados de ar aziago, que se lançavam contra as frestas, pesava como chumbo. Era a hora em que a noite aparece nos horizontes vagarosa e silenciosa como um ladrão.

Frei José aprumou-se, afinal, no seu esqueleto deplorável, o mais soberanamente que pôde. Torceu o corpo ao Altíssimo e espraizou o olhar pelo mar de cabeças até os ralos do côro, mansamente, mas com a fixidez hierática dum profeta. E a tremer, contra a vara de marmeleiro, exclamou:

— Deus é pai; tende fé e salvar-nos há.

A estas palavras a gritaria desencadeou-se novamente. Por detrás dos bustos Renascença dos architectos do mosteiro, bátegas convulsas de chôro caíam. Ao fundo do templo, um bando de homens válidos brandia fources, machadas e gadanhas do feno. E suas vozes e rumores metálicos pareciam um corpo da guarda. Frei José estendeu outra vez o braço:

— Tende fé.

Mas a palavra perdera-se. Uma guerrilha, negra de pó e de pólvora, irrompeu numa tropeada pressurosa. As coronhas das armas crepitaram no lajedo e a gentiaga precipitou-se para ela.

Frei José ficou só e abandonado à beira do altar, contemplando de olhar triste o triste rebanho dos aflitos. Nem a sua prece, nem as suas palavras tinham podido inspirar um pouco de serenidade à carne sofredora. Os mortais eram mais miúdos que a semente do milho painço, e na paixão pela vida eram grandes como o mundo. E tam feroz era que Frei José se sentia por ela roído de piedade e desprezível de impotência. Êle vivera, os outros queriam viver. E, muito baixo, surpreendeu-se a dizer ao Altíssimo, ali presente em grande pompa, acima da sua cabeça:

— Senhor, é justo!

Do corpo da igreja chegou o alarido das vozes:

— Já estão em Quintela; levam tudo a ferro e fogo os excomungados!

De entre a multidão mulheres e homens recaíam de joelhos, em altos brados:

— Paizinho do céu, salvai-nos da mão dos Franceses.

Os guerrilheiros percorreram o templo de alto a fundo, lançaram um olhar rápido ao frade e ao Sacramento, e ao magote de homens armados com instrumentos da lavoura, e intimaram:

— Vamos a êles!

Destrancaram as portas, mas as mulheres envincilhavam-se aos homens, abraçando-os e dando-lhes os filhos a beijar. As despedidas não tinham fim, e um dos expedicionários, barbaçudo e corpulento, pôs-se a sacudi-los um a um pelo cachaço, como cães. Calçado de socos e armado duma forquilha, um cava-dor, passante dos 40, calu de joelhos a clamar em voz alta os pecados contra o próximo. E, ouvindo-o, foi uma volta-face daqueles que estavam à porta, pres-tes a abalar :

— Confissão !! confissão !!

Em tropel deitaram a correr para o altar-mor, donde o frade, trémulo e curvado, os observava :

— Confissão ! queremos confissão !

O frade empurrou-os com um gesto vagaroso da bengala :

— Estais absolvidos.

Mas êles queriam ajoelhar ao confessionário, roubar mais uns momentos à morte que iam arrostar por trás das paredes, nos refolhos da serra, à espera de franceses como de lóbos, e ergueram a manápula sôbre a espádua do frade :

— Há-de nos confessar . . .

• Êle voltou-se, apontou a hóstia muito alva entre os raios de ouro da cus-tódia :

— Êle escuta-vos.

Todos os olhares seguiram o giro lento da mão diáfana, e os joelhos do-braram-se :

— Santíssimo Sacramento, salvai-nos dos Franceses ! Salvai-nos de *Jinó*.

O frade traçou sôbre êles a benção e em voz carinhosa, tam animadora que era quási risonha, exortou-os :

— Êle não vos desampara.

— Mas senhor Frei José — proferiu um de voz rouca — já se vê o clarão do incêndio para as bandas de Aguiar. Queimam tudo, matam tudo . . .

— Estão cá botados — exclamou outro, alçando o punho crispado.

Um rapagão correu de baixo, de espingarda terçada na mão direita, raivoso :

— Vamos ! vamos ! para que quereis as unhas, homens de bôrra ? !

Os ânimos haviam entibiado ; as mulheres corriam em volta dêles, des-grenhadas :

— Vá a gente defender-se de demónios. Não, não vão.

Frei José, a cabeça muito trémula, apoiou :

— É verdade ! criaturas de Deus não se podem medir com demónios. Êles são um exército e vós sois um punhado de pacíficos. Para as vossas espingardas de caça êles têm armas de guerra. Não, meus filhos, ficai, rezai.

Mas os guerrilheiros apareceram em bando, rasgando caminho à cotove-lada, e brandindo as escopetas.

— Aqui vai tudo ! Quem é são e escorreito há-de ir, ou racha-se-lhe já aqui a alma.

Os campónios, à voz perentória do cabecilha, sacudiram as mulheres e os filhos, assoaram as lágrimas à manga da véstia e enquadrados de guerri-lheiros desceram a igreja.

Um moço do Granjal, de clavina a tiracolo, galgou a porta num salto lesto de cabrito, gritando :

— Avante! Empeçonhem-se as fontes e toca a matar!

O frade viu-os sair em roldão, já animosos, agitando machados, fouceas, espingardas, num rumor infernal de ferragem velha. Atrás dêles, com êles, o resto da multidão seguiu.

Ficavam só na igreja os entrevados, estirados por terra e uivando, e no côro as monjas para quem a solidão era motivo de exacerbado pranto.

Frei José quedou-se encostado ao bordão, com que lograva o pêso dos anos, sob a miríade de luzes do Senhor exposto, lutando com as sombras do anoitecer. Á porta, um pedaço estanhado de céu luzia como lençol de amortilhar pobres. Os santos dormiam na imóvel bemaventurança. O clamor das monjas invisíveis e dos entrevados tornava fúnebre como uma página do outro mundo a igreja que escurecia em todo o arcabouço e cujos dourados sob a luz dos círios, no altar-mor, despediam scintilações cruas de aço.

Frei José fixou por muito tempo a Hóstia Sacramental a interrogá-la, a implorá-la. Lá fora a vozearia distanciava-se. A monca dum círio quebrava o ritmo de pontos de ouro que ardiam à glória de Deus; com o apagador Frei José abafou-a. E no passo lento de cadáver que busca a tumba, abordado ao velho pau de nós, se dirigiu para o côro, onde as freiras debulhadas em lágrimas reclamavam consolação. Insensivelmente, como um eco que vinha de fora, de todas as bôcas beiroas, passava-lhe na memória, em antinomia infamante do sinal da cruz, o cõrriqueiro sinal de Junot:

Oh! compadre, conheces o *Jinó*?

Fácil é de tirar pelo sinal:

É um francês, general,

Ladrão, usurário,

adversário

da Santíssima Cruz . . .

.....

\*\*\*

As monjas, à voz de Frei José, o capelão, haviam abandonado o côro, muito soturno, pelo mirante, por cujas janelas em gradil se coavam os bálsamos reconfortantes da terra. Era uma larga sala em esquadria, sobrepujando, como tórre de atalaia, o corpo atarracado do mosteiro. Forrada de castanho, soalhada de castanho, lisa como uma caixa, só ali lhes era concedido beber em gotas as alegrias do mundo. Quási todas as celas davam sôbre a cêrca, de que os muros feudais galgavam vale e encosta como um cavalo a galope. Pegada ao mirante ficava a capela, duma vastidão de Sé, golpeada de agudas e altas frestas. Um terreiro cheio de sol, de malvas, de espojadoiros de galinhas, separava-a da povoação, agachada, suja e tórva como uma alcateia de pedintes.

Corria ainda nas cumieiras um ar teimoso de dia. Era a hora gris em que crepita nas cozinhas o sargaço e a queiroga, e os rebanhos passam em procição para os estábulos, de môrca redonda e chocalho cantante. Mas nem fumo sôbre os telhados, nem balido de campainhas nas azinhagas, se assinava. Os pastores haviam acoutado as manadas nas alcarias recônditas da

serra, nas minas de água extintas, por trás dos fraguedos e no refólho dos bosques. E os habitantes andavam tresmalhados, depois de ter ido soterrar na misteriosa e aferroada casamata do solar dos Sousas as bôlsas dos pintos e os haveres de estimação.

Na cêrca do mosteiro o hortelão abrira uma cova, profunda, a sepultar um pestífero ; e em carreira as monjas ali tinham ido lançar as pratas e ouro com que obsequiavam o Senhor nas funções solenes, castiçais, cálices, salvas eucarísticas, patenas, âmbulas aromáticas, turíbulos, resplendentes todos de luz e majestade. As tulhas do convento estavam repletas ; a madre-abadessa falara em esvaziá-las para a cisterna sêca do claustro. Mas, além de que era tarefa longa e demorada transportar as rendas que dez aldeias feudatárias acabavam de medir à rasa, Frei José advertira que com alguma cousa seria forçoso cevar a fome do inimigo para que êle não passasse tudo a dente de cão danado. Limitaram-se, assim, a ocultar nos esconderijos do mosteiro os paramentos sacerdotais e objectos de mor valia. Mas decididas não estavam a negar-lhes cousa que dada servisse de parapeito entre êle e elas.

Amalhoadas no mirante como bando de pombas que sentiu o gavião, as freiras iam desfiando os rosários e prescrutando o horizonte. Enxergava-se, ainda, sob o lusco-fusco, a planície talhada em alguidar, no bôrdo fronteiro da qual encavalgava a Serra da Lapa e a aduela que desce para o Távora. Ao centro apercebiam-se as manchas escuras do Carregal e Forca, onde os sinos tocavam a rebate. A' esquerda a bacia esboucelava-se em campina rasa de centeais ; mas era para o alto, no desvão lôbrego da Lapa, sôbre que começava a debuxar-se uma atmosfera de incêndio, que convergiam os olhares. Era lá de que vinham os Franceses, acossados pelas tropas de Wellington, talando para sempre a faixa de terra onde mais não lhes seria fortuito nem lícito passar.

Frei José, após a invocação à Senhora do Salvamento, encetou o têrço em voz alta ; as monjas responderam ; era uma maneira de, sòzinhas, ir remoendo angústias ao pio mecânico das ave-marias. Algumas freiras moças, num deliquiescente torpor, scismavam no que iria passar-se. Outras, de voz pastosa, rezavam soluçando.

A noite, mansamente, envolvera a terra ; a montanha, as aldeias, a casa-ria próxima esvaíam-se. Em baixo o largo, porêm, animava-se. Choros e vozes ásperas atravessam-no a cada momento. Na igreja, perante o Sacramento sempre erecto no trono de glória, um sussurro de arraial evolava-se novamente.

Estavam a meio da Ladainha de todos os santos, ouviu-se na noite um estrondo distante e repetido de tiros. As monjas emmudeceram, presas de terror, à escuta. Frei José afoitou-se a ir à janela — a noite desdôbrava-se inalteravelmente escura e silenciosa. Não bolia uma fôlha.

O frade voltou-se a sossegá-las :

— Não se vê para que erguer olhos ; aquilo foi por lá chumbada a lôbo ou a raposa.

E, convidando a chegar à janela a madre-abadessa e as monjas timoratas para que a serenidade da noite as convencesse, o abalo que sofreu foi tam violento que tombou sôbre o poial, de olhos desvairados, o sangue todo nas meninges.

Lá em cima, na vertente estreita da serra, um torvelinho de lumieiras se deparava. E ia rolando, desenvolvendo-se como um rio de fogo.

Frei José, cobrando o fôlego, encostou a cabeça às grades a espreitar — as luzes caminhavam, serpenteando, e tam bastas, que não teve mais dúvidas. Ao mesmo tempo, soava em baixo, a deslido do Carregal, uma fuzilaria nutrida. Eram êles, eram êles, os Franceses !

As monjas tinham debandado em altos gritos. Das celas vinha um choro frenético, agudo, de almas debruçadas sobre a morte. No largo, uma lufada de gente galgava, clamando :

— Os Franceses ! os Franceses !

A grande serpente luminosa continuava a descer da serra para os povoados ; e por sobre os uivos, os lamentos, as imprecações da turba-multa atropelada, no largo, um rumor começou a elevar-se, cobrindo aquele, de vendaval, de açude, dum exército com suas máquinas de matar em marcha.

Abordado à vara de marmeleiro, o frade desceu ao largo ; diante d'êles caíam de joelhos e mãos postas :

— Deite-nos a benção de Deus !

Frei José tinha os olhos rasos de lágrimas, aqueles olhos que imaginava secos para o mundo. A igreja estava prenhe de foragidos ; e toda ela, das lousas à telha, despedia um grito compacto, como se nela estivessem a degolar uma aldeia inteira.

Frei José descobriu um guerrilheiro que corria, a deitar os bofes, de bacamarte na mão, sem chapéu, e gritou-lhe :

— Eh ! São os nossos ?

— Quais nossos ! São os Franceses. Não ouviram a descarga que demos contra os cavalarias ?

— Então são chegados ?

— Isso são êle ! Voltaram para trás à rédea solta ; matámos três e um cavalo. Aquilo eram os vedetas, mas ai ! lá nos ficou esborrachado contra uma parede o moço do Granjal !

Frei José levou os olhos ao céu :

— Piedade, Senhor !

Em volta, o mar humano cachoava. E o frade presenciou como o instinto cego da vida torna os homens cães declarados uns para os outros.

O povo havia-se trancado dentro da igreja ; a chusma, de fora, esforçava-se para entrar, acolher-se à sombra tutelar do Sacramento. A porta não cedendo a ombro, deitaram-se a escavacá-la a ferro e à pedra. Mas, colada contra a massa humana que se prensava no templo e sobre a qual uma agulha não toparia talisga para escoar-se, a porta não arredou dos gonzos. Com paus e forquilhas e puseram então, pelas brechas, a chuçar os que estavam de dentro. Um coro de uivos e blasfemias respondeu-lhes. Á luz dum lampeão, Frei José viu retirar um dente de gancha, vermelho de sangue.

O frade disse para as pobres feras aflitas :

— Vinde para o convento.

Num ápice, quanta gente ali havia arranchou atrás d'êles. A pressa do medo fazia-os rolar, morder-se, encavalar-se uns nos outros como coelheira onde saltasse um cachorro. Frei José era levado, em suspenso, no roldão.

A' sua voz, a porta carreira da cêrca abriu-se ; a onda engolfou-se, e

marinhando pela escada, num ímpeto, fez saltar as portas das couceiras. E pelos corredores, pela adega, pela tulha, pelas celas, a multidão dispersou-se espavorida.

Frei José assistia, de alma alanceada, àquela agonia das vidas que se crispam à vida. E parecia-lhe que um instante de sofrimento paga aos homens, aos olhos de Deus, todas as abominações da terra. Scismando no mal e na dor que devastam o mundo, a passos trémulos, foi bater à porta duma cela. Ajoelhada ao oratório a madre-abadessa orava. O Cristo, por detrás duma lâmpada de azeite, abria no madeiro braços resignados. Pela fresta, Frei José descobriu a centopeia formidável, que lá em cima, nos barrocais, a dois ou três quartos de hora de galope dum bom cavalo, descia para o vale. Ainda se lhe não via a cauda e há muito tempo que coleava. As lumieiras tingiam já o horizonte; o rumor de torrente precipitava-se.

Frei José ajoelhou, pedindo a Deus que se amerceasse dêste vale de lágrimas. A sua prece foi tam veemente, tam sobrenatural, que pareceu à freira que o espírito se despregara daquele involucro terrestre, ali o deixando na postura de orar dum bemaventurado, os ângulos dos lábios pendentes de contrição, as faces descaídas sob os olhos acesos ao Senhor, a cabeça deitada sôbre o ombro submissa. Mas não, Frei José ergueu-se de frente inspirada. E, saindo fora, com movimento lesto, chamou todos os homens de boa vontade e os guerrilheiros que erguiam uma tranqueira com troncos de árvore e pedregulhos à porta da cêrca. E com êles se foi pelo convento à busca das bentas imagens que havia e de candeias, lâmpadas e castiçais, tudo o que ordenadamente pode arder e alumiar. Conduzindo-os, em seguida, para o mirante, disse aos homens:

— Pousai os santos às janelas, os círios e as candeias em volta e acendei tudo.

E assim foi feito. Dali foram à igreja e retirando anjos, santos, doutores, virgens, dos pedestais e tabernáculos, as alinharam nas altas frestas, e em tórno semearam miríades de luzes. O frade gritou então, para a multidão estarrecida:

— Vinde comigo!

O povo, dócil em todas as práticas singulares, seguiu atrás dêle numa obediência ovelhum. Por mando seu trouxeram ainda para fora os velhos e os entrevados nas padiolas. No recinto sagrado ficou deserta a Custódia augusta, ladeada de dois círios acesos.

Frei José e a multidão ajoelharam no solo nu do terreiro, de olhos fitos na falange feérica dos bemaventurados. As pupilas e as bôcas dêles prêgavam a serenidade. Mas suas silhuetas, flageladas da laminação trémula das luzes, ao longe, deviam ameaçar. A massa enorme do convento, incandescida, rechacava a noite para lá das casas. Distinguia-se o cêrro limoso dos telhados e as fruteiras nas hortas. Os patriarcas extáticos, as virgens contorsidas, os evangelistas solenes avultavam como uma coluna firme de soldados, que aguarda o sinal de combate.

A multidão, refugiada no convento, afluíu a retalhos, pouco a pouco. Por trás do gradil do mirante viram-se dobar os capuzes das monjas. O estrépito dos Franceses espriava-se na atmosfera num crescendo de catadupa. Mas já se não distinguiam nos barrocais os cambos da serpente; devia ter-se

embrenhado, por detrás das matas, no recôncavo. Iriam surgir dum momento para o outro, e, circunstância sobrenatural, já não era aquela a multidão atormentada do sol-pôr. Aqui e ali exalava-se um choro manso, a grande fera de mil cabeças mantinha-se, porém, numa calma estranha de fascinada.

Frei José lançara, cantando, a primeira invocação da ladainha, numa voz que não era dos seus pulmões achatados, forte e clangorosa :

— Santa Maria !

E cinco, sete aldeias foragidas, e as monjas, mais alto que o vendaval numa floresta, tornaram :

— Orai por nós !

— Santa Mãe de Deus !

— Orai por nós !

E não se podia perceber a tropeada dos exércitos descendo para o vale.

\*\*\*

Já os galos tinham cantado, aqueles que velavam entre a multidão, estendida, na terra, de quebranto, febre e sono, ergueram-se de pé sorrateiro, à escuta. Na noite não palpitava o mais sumido eco do torpel pavoroso que, lento e compacto através das barrocas, se desencadeara bruscamente em tumultuoso fragor na campina descoberta, para ir fenecer para as bandas do Távora a toda a velocidade. Ouvia-se, apenas, o doce tagarelar das águas de rega e o bulício do vento nas ramalheiras.

Mas, pouco atilados no sentimento dos sons, segurança não tinham de que os Franceses não estivessem alapados em baixo, nas sombras dos soutos e entre as rugas dos cômoros. Lá haviam visto numa dobadoira infernal correr, agitar-se, apagar-se as luzernas, lá podiam ter pernoitado. E assim, induzidos pela suspeita, batendo os queixais, se aninharam de novo na praça, aguardando o amanhecer.

Na frontaria do convento raras luzes bruxuleavam ; tinham-se consumido umas, apagara a viração a outras. A falange sagrada, salvo um outro santo ainda de sentinela com um círio à ilharga, dormia a sono sôlto.

Rompeu afinal a aurora, e o povo, estremunhado, correu aos outeiros e grimou aos muros. As brumas, porém, não deixavam entrever mais que a brenha negra dos castanheiros e as nódoas cinzentas das aldeias. Um torpor frio atava a terra.

A multidão rumorejava impaciente, de olhos arregalados ; o mirante despertou. Passaram corvos crucitando. Emfim, o oriente floriu em luz branca como um ramilhete de cravos. A planície estava limpa de exércitos.

Um bramido de alegria alvoroçou as quebradas :

— Já lá vão levados ! já lá vão levados !

Como para as estrélas cadentes, as mulheres estenderam o braço sobre o horizonte, invocando o nome que pode conduzir os flagelos a sítios onde não haja eira nem beira nem ramo de oliveira :

— Deus te guie ! Deus te guie !

Em grande assuada, abalaram aldeia fora a reconhecer os lugares por onde o inimigo atravessara e a ver os estragos que tinha produzido. No Carregal, um casal de velhos, deixado ao desleixo saíu à soleira a dizer que

«êles» bem perto tinham passado que até julgavam que a casa caía com o estrondo. Dali, donde ainda os habitantes andavam a monte, meteram para a Doiroana, a planície que desembocava do recôncavo encoberto à vista do mosteiro, e onde tinham observado a terrível sarabanda das lumieiras. As paredes estavam por terra, os centeios arrasados, e aqui e ali depararam-se-lhes apetrechos de guerra, espingardas, capacetes, caixas de pólvora, um tambor, sacas de farinha, cousas que não arrastariam duas juntas de bois. Contra um castanheiro, pacífico e melancólico, um burro carregado de rapinas scismava. Mais adiante, dois cavalos selados, arrastando as bridas, tosquavam na ferrã.

— Milagre! milagre! — exclamaram.

Os Franceses tinham fugido às sete partidas, largando uma boa maquia. Louvado fôsse Deus, os anjos e os santos e Frei José!

A multidão deitou às costas os despojos mais magníficos, e com os ginetes e o azemel pelo cabresto, desandou para o mosteiro, bradando:

— Milagre! milagre!

A meio caminho encontraram-se com um bando de guerrilheiros, que levavam em varas três homens mortos ou feridos. A turba-multa benzeu-se; e um dêles, de bigode fino e polainas de coiro, contou o que se passara.

Os Franceses lá iam tocados para Almeida, com o exército anglo-luso no encalço. Por ali tinham passado quatro ou cinco regimentos apenas, os quais na Doiroana, à vista do convento da Tabosa, investindo na noite em mil sinais de guerra, se destroçaram numa fuga doida.

A multidão prosseguiu na sua rota, gritando sempre:

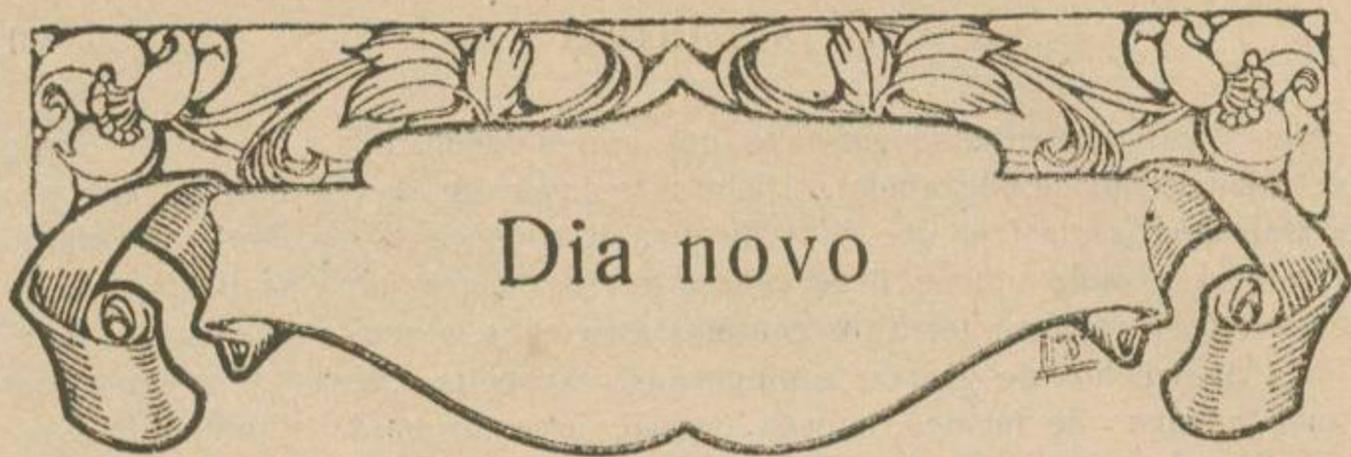
— Milagre! milagre!

Nas grades do mirante a cabeça branca das freiras passaritava. O sol dourava a terra. A multidão avançou para a igreja, e só então se apercebeu, rolado na terra nua como um farrapo preto, diante das hostes pacíficas dos santos, o cadáver de Frei José, que gastara a alma a suplicar Deus e a conjurar o terror entre os homens.

Paris, 1913.

AQUILINO RIBEIRO.





(EXCERPTO DUM POEMETO)

---

«Heróis do Mar, nobre Povo . . .»

#### O APÊLO

*Meu país de rosais e amendoeiras,  
Anda o sol varrendo as eiras,  
é acordar, é acordar . . .  
Canta a luz canções fagueiras,  
meu país de amendoeiras,  
vamos lutar.*

*Pega na enxada do sonho,  
ó meu país bemfadado,  
aonde nasce o luar ;  
e forte, e novo, e risonho,  
cava bem o teu montado,  
sem descansar.*

*Na praia as naus balouçadas  
esperam brancas, aladas,  
a hora de navegar . . .  
Meu país de marinheiros,  
as estrêlas são luzeiros*

*toca p'ra o mar!  
Leva a guitarra contigo  
e o adeus piedoso e amigo  
de alguém que fica a chorar.*

*Dizer adeus custa tanto?  
Mistura às vagas o pranto,  
é navegar . . .  
Que importa morrer, se a morte  
vem num ai? . . .  
As estrêlas são tocheiros  
e é esta a nossa sorte . . .  
O' marinheiros,  
cantai!*

*No convés armai bailados,  
até de todo cansar.  
E na música dos fados,  
alembrai vossos noivados  
com as virgens do lugar.*

## O AGOIRO

Como outrora o velho do Res-  
telo, uma voz grita na sombra:

*«Alma errante, sonho errante,  
pelo mundo fora, aos ais,  
quem te leva p'ra diante?  
Alma errante, sonho errante,  
aonde vais?»*

*Só tens pedras no caminho,  
montes altos, serrania . . .  
Para que deixas o ninho,  
se te perdes no caminho,  
sem um guia ?*

*Olha os choupos teus irmãos  
(que tristes a dor os faz! . . .)  
abrem braços, dão-se as mãos,  
pedindo que não te vás.*

*Olha as fontes (julgo eu  
que de tanto que choraram . . .)  
té seus olhos côm do céu  
se turvaram.*

*Olha o mar, as penedias,  
tuas irmãs cotovias,  
olha a noite, olha o luar . . .  
Alma errante, fica ainda,  
O' minha noiva tão linda,  
porque não has-de ficar? . . .*

*Dobram sinos a finados,  
soltando do alto os seus brados  
como um amargo pregão.  
Falam de morte e de dor,  
da miséria sem amor,  
do abandono sem pão.*

*Por tão amargas canseiras  
para a música nas eiras,  
param nos campos bailados.  
As rosas murcharam todas,  
morrem os noivos nas bodas,  
morrem na guerra os soldados».*

.....

## NO REGRESSO

*As noivas hão-de noivar,  
terão rosas, terão pão,  
filhos loiros que criar,  
linho claro que fiar  
na alegria do serão.*

*As terras serão cavadas,  
e o heróico cavador  
dirá às searas doiradas:  
— «Passaram por vós as fadas  
abençoando o meu suor».*

*Hão de encher-se as almas todas  
de alegria e de bondade;  
haverá risos nas bodas  
e claridade.*

*Haverá paz e fartura,  
cantigas, sol, um enleio  
todo feito de ternura  
a suavizar cada agrura  
e a inundar cada seio.*

*Pelas aldeias em festa  
dirão as aves, dirão :  
— « Bem dita alegria esta  
que rompe da alma honesta  
da gente farta de pão.*

*E as raparigas  
dirão cantigas :*

*O meu amor deu-me beijos,  
e eu beijinhos lhe fui dando ;  
ai i ó ai !  
se sede de beijos tinha  
com mais sede agora ando,  
ai i ó ai !  
com mais sede agora ando.*

*E as fontes de águas lavadas  
às raízes falarão :  
— « Não mais lágrimas choradas,  
andam no ar gargalhadas  
e anda nas bôcas o pão ».*

*E as raparigas  
dirão cantigas :*

*Não há beijo por mais leve  
que não tenha o seu sabor ;  
ai i ó ai !  
os beijos da tua bôca  
sabem-me a beijos de amor,  
ai i ó ai !  
sabem-me a beijos de amor.*

*E as árvores dos caminhos,  
florindo, murmurarão :  
— «Já se entretecem os ninhos,  
e as almas dos passarinhos  
vivem de sonho — o seu pão».*

*E as raparigas  
dirão cantigas :*

*As pombas por serem pombas,  
cada uma tem seu par ;  
ai i ó ai !  
o meu e o teu coração  
quem os pudera ajuntar !  
ai i ó ai !  
que os pudera ajuntar !*

*E os penedos da montanha,  
ao alto, acrescentarão :  
— «Andam no ar canções estranhas,  
ó claro sol que nos banhas  
enche os celeiros de pão».*

*E as raparigas  
dirão cantigas :*

*Tens o céu nos olhos lindos,  
tens o céu no lindo olhar ;  
ai i ó ai !  
teus olhos, gotinhas de água,  
suspirinhos de luar,  
ai i ó ai !  
suspirinhos de luar.*

*Dirá o mar sôbre a areia,  
manso, claro, com unção :  
— «É noite de lua cheia,  
e o luar cai sôbre a aldeia  
como farinha de pão».*

*E os namorados  
murmurarão enlevados :*

*Fui a bater ao teu peito :  
— «Quem está aí?» — perguntaram ;  
ai i ó ai!  
abriu-se o teu coração,  
teus olhos me alumiarão,  
ai i ó ai!  
teus olhos me alumiarão.*

*E a própria terra enlevada  
no sonho da criação,  
à pobreza envergonhada  
levará uma alvorada  
na fartura do seu pão.*

Lisboa, 1918.

MÁRIO SALGUEIRO.



D. MARIA DA LUZ BURNAY DE MELLO BREYNER (MAFRA)

*(Foto J. & M. Lazarus)*



D. HELENA DA SILVEIRA DE VASCONCELLOS E SOUZA (CASTELO MELHOR)

*(Foto Maia Cardoso)*



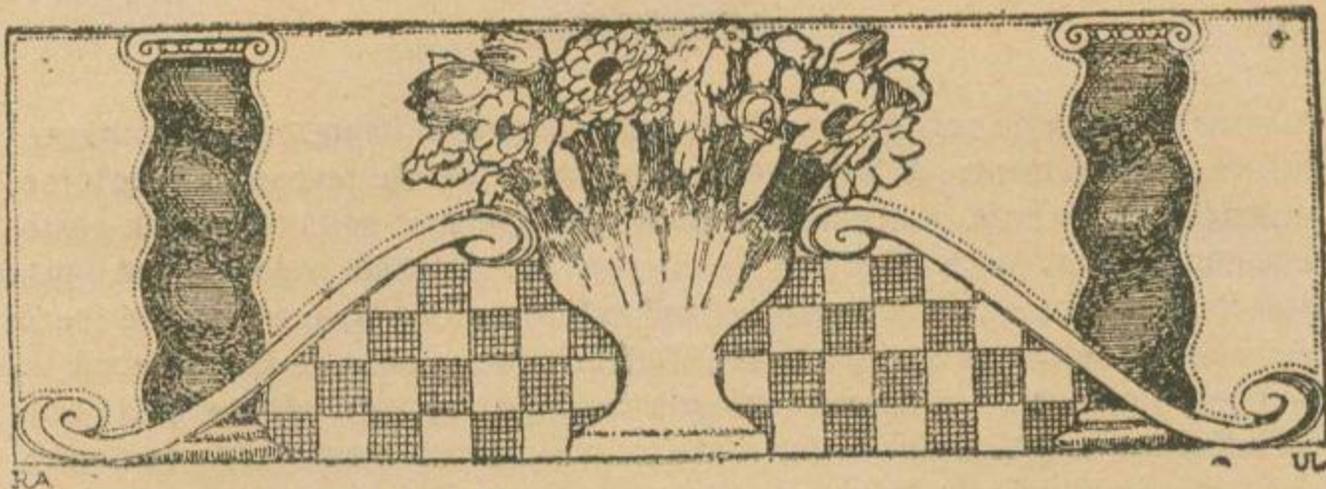
D. MARGARIDA STREET CAUPERS

*(Foto de Maia Cardoso)*



do Bailado do Encantamento: MCXXVIII





## Fialho de Almeida

(Conclusão)

A sua intuição busca sempre uma nova maneira de traduzir o motivo e realizar a forma. As suas expressões, mesmo quando fogem a uma maneira plástica de realizar a sua arte, tão eleita, embora dando realização à frase de Mallarmé — *il n'écrit que par l'élite d'une élite* — tem sempre uma forma curiosa, inesperada, imprevista de contar e exprimir. A sua visão foca tudo — os sinistros, as almas, as máscaras, os tipos, a côr, a paisagem, o conjunto, o crepúsculo vestem-se de alma e vestem-se de beleza, quando Fialho, à maneira de pincelador de telas, esbate as suas tintas, na maneira precisa de melhor realçar os motivos.

Se a feição da sua beleza marca um império de rasgada emoção sobre as formas quási clássicas, recatadas, que estavam dentro dos escritores envolventes à sua desdenhosa e única maneira — ela atesta aos novos quanto o seu vôo foi genial, plásticamente inédito, para as formas do seu dizer tão europeamente indo ao embate da pelintrice da arte constitucional (chamemos-lhe assim por desdêm) onde colaborou em grande parte o conselheiro Acácio vingando-se também de Fialho, em muitas garotices quarentonas e pelintras do *In Memoriam* — que, vamos lá, consegue por sua grande felicidade inserir alguns belos artigos e belas miniaturas de impressões e detalhes literários e críticos. Por isso, e focando em conjunto, em conglôbo, a sua maneira plástica, colorida, de realizar a prosa, a iluminura do seu estilo, adivinhamos logo no artista uma intuição imprevista de beleza, toda entrevista através duma feitiçaria de dizer, indo contra a índole da mor parte dos que o acompanharam na sua geração. Fialho é todo um império de beleza, e no arranjo, no apunto da página ou do período, encontramos uma feição definida de nevrose, genialmente bela, provocando sempre formas novas de dizer. Plástica, emoção, elasticidade, côr, focação, estilo, ritmo, conjunto, pintura, aguarela, crepúsculo, embriaguez de imagens, desvairo, a apologia do sangue, o enleio das tintas bizarras, a côr laivada de febre e triunfo, tudo na sua prosa ensaia um indício de oiro adolescente, trabalhado por mãos ansiosas na moldada curva da perfeição. Mas o que mais surpreende em Fialho

é a sua maneira de ser inédito. Tudo nele surge e é imprevisto, simultaneamente, paralelamente. A linguagem canta, sofre, delira, [espasma, contorse, enlanguesce, triunfa, num enleio conjunto de tapeçaria agitada por um gesto, ensalando páginas de Debussy, e em toda ela o artista velou sempre pela sua forma, pelo seu conjunto, pela sua visão conglobada, conjunto de feeria e renôvo. Aos novos e na parte de influência que a obra do mestre abriu ao seu estilo o reposteiro da sua feitiçaria imaginativa, está latente ainda hoje a influência emotiva de Fialho. Fialho criou uma *nuance* nova de beleza, e na própria feição de beleza enquadra como o melhor formato de elegância o seu estilo, ao mesmo tempo desvairado e ansioso, inquieto e sugestivo, faustoso e rico, vestindo a palavra com a fluida elegância de quem vê rainhas arrastando pelas tintas gastas, amareladas, dos painéis florentinos, os mantos fluidos, brancos, da sua graça imperial. A prosa do artista é um incêndio de ouro, onde as suas mãos foram tocar, e dêsse incesto de beleza, como se um mito de ouro fôsse o seu enleio, nasceu a bizarra, enfêrma, contemporânea nevrose do seu gênio, tão eslavo e tão desvairado, onde a língua criou um vôo supremo de forma e de plasticidade. Todos os que modernamente vivem a herança do seu gênio sabem como as páginas do mestre se mascaram de dor, de tragédia, de crime, de anseio, de triunfo, de febre, de elasticidade, de renôvo, de *nuance*, do carinho que a sua beleza mimava no ouro bizantino da sua maneira de realizar, de plasticizar a prosa. Beleza de mármore derruídos, todos estuando uma postura de triunfo, a sua arte se não teve a realização plástica que o autor pensou dar-lhe, realizou, no entanto, a sua feição ansiosa de mera realização dum método bizarro e nervoso de escrever. Guerra Junqueiro, na superior intuição dos seus dizeres, sentiu melhor e mais belamente do que ninguém o sentido ruínento, belamente incompleto, da obra ainda recente, ainda apolínea do mestre: — «Em Fialho de Almeida há um poeta genial e um noticiarista sacrílego. Sacrílego, porque gastou uma parte do seu gênio, isto é, da sua imortalidade, a contar cousas fúteis e cousas que vivem instantes ou que nasceram mortas. De metade dum bloco de mármore fez beleza. A outra metade estilhou-a e converteu-a em pó».

Mas o lado fútilmente belo, disperso, da sua obra, enquadra nas primeiras fases da sua emoção — a fase de ironista crítico e a fase de panfletário onde deixou cousas supremas de milagre, como *O entêrro de D. Luís*, *O violinista Sérgio*, algumas páginas sôbre pintura e sôbre os simbolistas, páginas sôbre arte, e o trecho *Uma manhã no Tejo*. O lado fútilmente belo traduz o bizantinismo, que é a feição príveligiada da sua maneira de focar a arte. Organização essencialmente dispersiva, a focação da sua beleza era apenas um motivo para realizar a sua arte, toda embriagando enlaces de côr e de tédio, de estepe e tragédia, num sinistro enleio das máscaras e dos trágicos da dor vivida — os pobres, os nevrosados. Hoje, com a beleza requintada de Rodenbach, com a feeria dançante de Jean Lorrain, com a beleza imaginativa de D'Annunzio, Valle-Indan, Anatole France, Maeterlinck, Dostoïswsky e poucos mais, a elegância de Eça, de Flaubert e a realidade visual, intuitivamente genial de Zola e o lado geral da beleza de Balzac — encontramos a obra de Fialho, dando aos novos da beleza, ao mesmo tempo, simultaneamente pagã e mística, a maior e mais lasciva intuição de beleza. O erro

renascentino de Camões, realizando a feeria conjunta do paganismo com o misticismo da raça, vive o seu enleio na obra de Fialho, cantando belamente, pagãmente, o lado místico, íntimo, trágico, sinistro da vida. O que é sobretudo necessário para orientação da sensibilidade é criar numa obra um estado mórbido, emotivo de alma. Ao mesmo tempo eslavo pelo génio trágico, sinistro, da sua *Galeria de Sinistros*, e andaluz pela feeria do triunfo e do colorido da sua tela de pintor pagão da côr bizarra, ao mesmo tempo místico, alheado, fundindo o primitivismo contemplativo, bondoso, da raça e conseqüentemente irónico, sarcástico, camiliano, feroz, desvairado de orgulho, a obra de Fialho, ou mais intuitivamente a feição da sua beleza em arte, marca na nossa literatura, e na influência que teve e tem nos novos artistas, como a mais genial manifestação de génio — pena é que a sua nevrose inquieta não o deixasse realizar com esperança de conjunto e inteira realização de forma. O que fica das minhas palavras sem a natural ordenação crítica que elas deviam revestir é simplesmente, adentro da minha emoção feérica de debuxista deslumbrado da côr e da bizarria da forma, o comentário (mais iluminura de alma) sôbre a feição mais característica, mais individual, da índole de Fialho de Almeida como debuxista — a feição conjunta da sua beleza tão contemporaneamente ainda perdurável.



O que mais genialmente perdura na obra de Fialho de Almeida é a feição europeia, desnudamente moderna da sua obra. Um conjunto evidente de motivos deu-lhe o principado eleito do sarcasmo, da ironia e do estilo — porque sendo o pintor da «Sinfonia da Abertura» do *País das Uvas* um nevrótico com a ânsia da originalidade plástica e rítmica, e usando duma maneira eleita de enroupar de feitiçaria e enlêvo a beleza da sua língua artística, tinha de traduzir em si próprio o estado íntimo da sua intuição criadora. Isto é, Fialho de Almeida era um produto incoerente de arte, e se não realizou a unidade pensada duma obra de seqüência, isto explica-o a incoerência do seu próprio estilo e da focação dos seus assuntos. Panfletário, a sua obra ri sempre um claro riso de orgulho e génio e desnuda, numa galhofa vicentina de ironia, a pelintrice orgulhosa e mental dos que passavam ante o império do seu orgulho. Crítico, não perdoou a inferioridade, a subalternidade de talento que mascarava a mor parte das obras literárias e artísticas do seu tempo. Nunca foi injusto, antes a sua exigência define e marca como um indício supremo de só considerar belo o que era ultramente grande em arte e expressão revelada.

Contista, impressionista, basta a febre latente, bizarra do trecho a «Sinfonia de Abertura» do *País da Uvas*, a sua obra de mais unidade e de mais conjunto, ritmando o enleio que a paisagem e a legenda das côres e do tempo deixaram em saúde no seu sentir eleito; trecho genial, debuxando numa febril reza de ritmo, nervosamente traduzindo rimas musicais, para o revelar em qualquer antologia de eleitos como o maior, o mais fulgurante e colorido aguarelista dos mestres de fazer a prosa em literatura lusíada. E se virmos ainda nesta sua fase de contista, onde eu demorei o meu comentário por achar esta maneira a mais alta manifestação de talento de Fialho de Almeida,

evidentemente pela sua índole um russo de exílio, é porque a sua supremacia emotiva é o impressionismo, ou, melhor, o contismo.

Tirando alguns trechos dos *Gatos*, a longa galeria dos seus tipos trágicos, enfeitados, sinistros, torpes, (é ver os «Pobres») marca-o, denota-o como um novelista incompleto prejudicado pela febre do estilo e pela ânsia da forma. É no seu estilo que a sua obra o eleva em génio, sôbre quasi todos os nossos escritores europeus, mesmo sôbre Eça, mais romancista do que escritor, mais observador do que imaginativo. O seu estilo, focando maneiras imprevistas de dizer, não seguiu as pisadas de Flaubert e de Zola; foi sempre, ainda que sob uma vaga intuição estilista dos Goncourts, genialmente espontâneo, embruxado, irrequieto, soberbo, bizarro, imprevisto, arrastando um feiticeiro enleio de imagens fulgindo crepúsculos de jóias. Arte essencialmente europeia, a arte de Fialho foi o maior timbre de universalização artística a que deu forma um autor português, embora isto pese à caravana local e pequenina da paisagem triste dos boletineiros da emoção, da pretensa sensibilidade nacional. Por isso a feição de beleza de Fialho de Almeida permanece na actual maneira de escrever, ainda e sempre, com a mesma influência bizarra de imagens e feitiçaria, sôbre a geração dos novos, sentindo e sabendo sentir toda a estranha beleza da sua prosa bizarra ensaiando gestos de chama num incêndio de febre.

\*\*\*

Fialho de Almeida foi um aristocrata de beleza, pela feição única que deu à sua prosa e à sua maneira tão vincadamente pessoal de embelezar, com um carinho de bruxo, a lânguida, sonora, fluida, feérica unção da sua prosa — colcha de damasco ennodada por frisos de febre e ouro, em debuxos que êle tão eleitadamente manchou de renda. O lado incoerente e ao mesmo tempo significativo de ter aliado à sua feição aristocrática de debuxar a prosa uma por vezes plebeia forma de exprimir as ideas do seu sarcasmo tão fértil e viril, denota apenas como êle através da falange romântica e realista dos seus contemporâneos soube manter a ironia fulva da raça e o sôpro, o vôo grandioso do seu génio tão russo, tão caracteristicamente eslavo — na maneira como crepusculizou de tragédia e sinistro os seus personagens, como pelo anseio da sua prosa, *sabat* enfêrmo de beleza no ópio berrante duma *réverie* de febre e loucura. Joaquim Madureira (Brás Burity) teve eleitadamente, no seu orgulho de inteligência e emoção, a herança emotiva do que soube sentir na maneira de Fialho — debuxar, enlaçar em tinta a feérica côr dos seus motivos pictoriais, porque Fialho foi bem um mago pintor, dando às suas tintas um desvairo culminante de bizzarria e alma: — «E a prosa emmaranhada, convulsa, sacudida de Fialho, manchada com os altos e baixos da improvização nas críticas e mordida pelas tantalizações do Belo na cinzelagem percuciente dos contos — é a prosa cantante, a prosa colorida, prosa de sangue e nervos, toda ritmo e toda cérebro, que se não imita, que se não pasticha, que se não calca, não se adultera, não se contramarca nem se falsifica — estuda-se, analisa-se, perscruta-se, disseca-se, desfibra-se, desarticula-se e admira-se. Admira-se enternecidamente, comovidamente até as lagrimas porque é admirável e morreu com êle». Fialho realizou assim a culminância emotiva de Fradique Mendes, querendo uma prosa como ainda não houvesse, fluida, kermessiana, feérica, rica, des-

lumbrada, plena de côr e ritmo, enlaçada de ouro e música, prosa de saugue e dor, diademada por um anseio de nevrose, em tintas bizarras, impressionistas de jóias num crepúsculo de brilhos moribundos. O que desviou Fialho duma feição essencialmente aristocrática do seu belo, da sua feitiçaria imaginativa, foi ter olhado de mais a banalidade decorativa dos que o cercavam na política, na arte, no pensamento, na forma e na boçalidade quási primária da mor parte do rebanho panurgiano e falso dos seus admiradores acidentais de café. Philéas Lebesgue soube ver admiravelmente a intuição artística de Fialho de Almeida, melhor do que muitos dos nossos críticos. «Écrivain de transition qui ne dut rien qu'à lui-même, sensibilité exquise, tempérament contrasté comme tous les portugais de génie il laisse mieux que des traits d'esprit ou des phrases colorées: l'aspiration généreuse vers une existence exempte d'artifices plus large et plus sincère, meilleure». A sua visão de poeta venceu apenas traços de alma, porque a forma foi feérica, lasciva, bailante, plena de inauditismo, desnudando bizarras imagens de kermesse, diademadas de luzes, num crepúsculo em sangue e ouro bizantino. Emoção vendo irrealmente as cousas no seu desnudamento de forma, Ronald de Carvalho empresta à intuição artística de Fialho a *réverie* desta frase: — «o irreal é a memória duma vida que não podemos viver e que volta em desejo, no sonho, como um jardim se volve em perfume na sombra». Arte quási essencialmente irreal, o império da feérica beleza de Fialho de Almeida ennodou de requinte de plástica, côr, sortilégio e pintura, a unção musical da língua portuguesa, de ritmos tão belos e duma tão lânguida e pagã *nuance* de colorido. Toda a sua obra reflecte afinal um anseio, um gôsto bizarro de *allure*, na maneira como êle sentia a unção da sua própria intuição artística, confessada nos *Gatos* (I, 28) «uma sensibilidade de artista, desunida e mórbida, portanto». O seu estilo de artista e a elegância europeia da sua arte vestem-se de alma e realidade, na maneira como Oscar Wilde mascara nas *Intentions* o seu intuito sincero, na seguinte confissão *d'élite*, antevendo uma superioridade super-emotiva de genialidade a realizar na existência mental de Fialho — «a sua escola para estudar a arte era a arte». E tanto e tão sinceramente o foi, que esta sua dolorosa confissão de elegância na realidade, na beleza típica das máscaras de todos os artistas, o levou a escrever a magua crespante, ansiosa, inquieta, desta frase de alma: «Para os artistas ser belo é uma exigência profissional tão impreterível, como para as prostitutas ser tentante e miseráveis daqueles cuja figura não pode servir de guadamecim decorativo à grande missa pontifical da sua obra». Êste grito de alma, desnudando um anseio supremo de beleza, define bem a sua intuição de artista, amando sobretudo e acima de tudo a nevrose desvairada e irrealizante de tentar o vôo supremo, da perfeição e da forma. Toda a obra do artista marca pela sua intuição de conjunto, mas o que principalmente em Fialho define a sua beleza de conjunto é ter ido com o seu talento contra o espírito acanhado, quási local da literatura romântica do seu tempo, sem uma tragédia, sem uma alma de sinistro, sem uua forma máscula e sem um estilo meramente simbólico. Indo contra a índole do seu tempo, Fialho realizou a intuição de Fidelino de Figueiredo na sua *História da Literatura Clássica*: — «o nosso mal tem sido a obstinação em quereremos ser portugueses, esquecendo-nos de que essa qualidade tem de convergir com outras, a de europeus e a de homens». A arte do enorme iluminista e pintor

do *País das Uvas*, aguarela viva de sinistro e colorido, a expressão dolorosa de toda a paisagem alentejana, foi em todas as suas *nuances*, superiormente, profundamente viril, isto contrastando com a delambida emoção romântica que rodeou a sua infância de escritor. Por isso a sua parte crítica, onde altamente debuxou as suas impressões de inteligência e de emoção, era sempre combativa, contundente. A parte crítica a Eça de Queiroz e a Guilherme de Azevedo só nota, só traduz, evidentemente revela, o lado sinistro, fatalista da sua índole de crítico. Índole altamente combativa, a emoção panfletária de Fialho está dentro da síntese de Pierre Bovet, no seu livro *L'instinct combatif*: — «combatre implique l'acceptation de souffrir et de faire souffrir». Mas para síntese suprema da sua obra enorme, genialmente europeia (Fialho acompanha o talento e o génio dos maiores escritores seus contemporâneos), obra de panfletário, de crítico, de contista, de iluminista, de anotador da comparsaria mental do seu tempo, devemos focar, pôr em destaque—a sua arte de renôvo, donde nasceu a mais bela maneira de escrever a língua portuguesa. O seu estilo tem ouro, tapeçaria, paisagem, nevrose, anseio, temor, sinistro e a sua forma só traduz a índole do seu estilo, pomposo e funesto, com laivos de manto principesco e desnudas, fáceis deselegâncias de plebeísmo — mas sempre, altamente, aristocráticamente elevado e condizente a bom fim. A aristocracia do pensamento destaca-se, sobretudo, pela focação, pela índole inédita do sentir. Ora Fialho como debuxista, como colorista, como esboçador da sua galeria de trágicos, de nevrosados, deu à língua uma plástica que ela ainda não possuía, donde nasceu o considerar o seu estilo como a última janela aberta para a ânsia contemporânea, que por completo renovou a língua portuguesa.

Passeando a nossa emoção pelas suas páginas de estilo, temos de confessar ser êle o mais inédito, o mais belamente feérico, inesperado escritor que deu à sonoridade, à plástica, à côr e ao ritmo da língua a beleza que ela ainda não tinha revestido. Nevrosados, trágicos, funestos os seus personagens sofrem e fazem sofrer, e a sua maneira, a sua rara emoção de traduzir eleitamente, curiosamente, a sua forma, deram-lhe o supremo desejo de moldar, de dançar, de embelezar, de fazer faustosa e rica a pobre emoção duma língua feita para o triunfo vulgar de todos os lugaristas comuns da literatura. Enchendo uma época literária, a obra de Fialho é um mundo, uma ânsia enorme de inédito, que agora, vestido o estilo dos novos *en robe de parade*, encontrou emfim, tirando alguns seus discípulos consagrados, os seus discípulos revelantes e eleitos. Da forma do estilo de Fialho temos de considerar sobretudo a sua maneira — e a sua maneira como ninguém ainda o tinha feito milagrou e bordou de esvelteza, ritmo, côr e música, o mais belo timbre da língua que é o seu estilo. Ora o estilo do artista dos *Gatos* é a mais segura evidência da sua forma de renôvo, profundamente eleita e inimitável. Carlos Parreira aumenta estes meus comentários com a beleza dos seus dizeres de fragmentário ilustre: — «Fialho de Almeida, espécie de sombrio Deus púnico devastador, que vai flagelar multidões miseráveis mas de súbito pára e volta a doida cabeça, apaziguada na côr de berilo dum estôfo, scintilando em pregas nobres; Jehovah que caiu entre o *delirium-tremens* contemporâneo, e, desvairado sonha catástrofes, incêndios, trágicas represálias e a volúpia grisalha dos grandes estertores. Na prosa dêste quanto inauditismo. Aquelas

linhas não juntam frases, mas fios torcidos de nervos, onde labutam gritos, latidos de sarcasmos, crepes de soluços, calamitosas crises de gigante, revolvendo-se em sensualidades hiper-agudas e sêdes de beleza, formando a mais espantosa organização de emotivo e intelectual de todos os tempos».

O baixo-relêvo emotivo destas frases que Carlos Parreira tão bem gravou, fala pela minha sensibilidade e define a minha submissão ao estilo imperial e irrequietamente scintilante do mestre.



O fragmentarismo de Fialho de Almeida tem a sua filiação no motivo. O que na obra do escritor melhor revela a sua maneira é o motivo. Fialho realizou uma intensificação na maneira como sabia adivinhar. As suas ideas vinham-lhe apenas expressar melhor os motivos, que traduziam sempre a sua conduta essencialmente imperialista. Dispersou a sua emoção para que mais essencialmente definidora, concludente, fôsse a sua forma. Demais entre o contraste subjectivo e objectivo da sua individualidade contrastante, surge a sua visão que desculpa os seus anteriores pontos de contacto, com a tendência que mais tarde teve a sua consequência no contismo. Fialho na sua obra reflecte o que sente mas não consegue a mais das vezes realizar o motivo da idea, isto realizando o seu pensamento criador, pensamento criador que Gabriel Dromard no seu admirável livro *Le Rêve et L'Action* sinteticamente justifica «une pensée que nous appellerons, si vous le voulez bien, la pensée idéative, pour marquer son trait essentiel qu'est d'utiliser surtout des idées». Indo contra um meio que já de per si merecia a sua reacção crítica e literária, êle viveu admiravelmente uma nova aspiração de forma. Não fazendo realismo êle foi um pouco realista pelo desnudamento, pela visão nítida observada dos motivos e que a sua admiração por Cesário Verde justifica em concordância com o seu lado crítico. Demais o realismo veio-lhe do meio e da sua intuição adolescente. A sua convivência com assuntos médicos deu-lhe uma preocupação de análise, que apenas é uma consequência mental das suas tendências profissionais. Não sendo simbolista, antes contrariando o lado selectivo, eleito da focação artificiosa duma arte de mera transição, e combatendo essa corrente que permaneceu sempre duma altivez orgulhosa em algumas páginas injustas, mas duma pintura admirável de tintas e imagens nos *Gatos* — êle foi em parte simbolista, porque a sua focação de imagem vê a idea através da maneira mais bizarra de a realizar. Toda a sua obra, vista em conjunto, tem uma evidente unidade, no seu desequilíbrio de tendências. Fialho permaneceu em arte sobretudo como um insatisfeito, um fragmentário.

As suas páginas, através do figurino bizarro da sua expressão, têm um poder evidente de síntese. Manuel da Silva Gaio soube ver no contraste do seu fragmentarismo a maneira de o revelar e justificar: — «a irregularidade e o fragmentarismo do escritor, se puderam prejudicar-lhe a obra sob o ponto de vista objectivo, não diminuem de modo algum o interêsse despertado pelo autor, considerado pelo lado subjectivo»: o contraste assim entrevisto na obra do estranho artista da *Madona do Campo Santo*, justifica o seu drama. Fialho para a focação duma idea excedia de mais a forma, isto é, o seu estilo era uma máscara que mais tarde vinha a ser expressa pelo motivo. Duma tonalidade

esboçada, bizarra, êle pintava sempre a sua febre em páginas que reflectiam a sua ânsia, mas que as mais das vezes não revelavam o seu motivo, num instante adivinhado. Logo o que surge plenamente em Fialho de Almeida, mais do que a tonalidade, é a expressão. A sua íntima concepção não revelava bem a idea, preso à sedução da forma. O escritor ansiava sempre, logo o seu aspecto de beleza, desde que sôbre êle focarmos tôdas as suas tendências de expressão, traduz uma vibratibilidade mórbida sem uma tendência de serenidade plástica a realizar, como compensação entre o motivo e a forma. Demais o artista, pensando o motivo da sua obra, só realiza a evidência da obra desde que a traduz em expressão. É uma lei de expressão literária que condiz com todos os factores originários do artista. Veiga Simões, na admirável conduta mental do seu livro de detalhes críticos, a que falta uma ordenação prevista de conseqüências, *A Nova Geração*, justifica no capítulo «A obra de arte e o artista» o ponto a discutir entre a idea imaginada, originária do motivo e a sua forma de expressão: «Na concepção ideal principia definitivamente o acto criador. Vida toda interior, quando o inventor transformar a visão interna numa forma externa terá realizado a criação». Ora a forma externa de Fialho como índice e verdade de beleza, sendo criação revela essa criação fragmentariamente, medindo-se bem a distância entre o ponto conceptivo e o lado expressivo de revelar a forma. A personalidade de Fialho revela, desde que tenhamos sôbre ela uma concepção de análise, três pontos de *nuance*. O seu contismo é a mais completa manifestação da sua beleza, do seu estilo e da sua côr descritiva, porque mascarava de tragédia e alma a longa côrte dos seus trágicos, dos seus farçantes e dos seus doentes; melhor, da sua côrte de doentios.

Eram gratos ao seu espírito de contista os personagens que sofriam, sendo a expressão do seu contismo intrinsecamente dolorosa, nevrosada, doentia e sem finalização conseqüente. O seu fragmentarismo dispersou-lhe imensa beleza, mas a maneira como o tratou atestava da sua análise um grande combativismo e por vezes um grande egoísmo. Diante do facto político ou artístico, apaixonavam-no a attitude, a conseqüência, a derivação que melhor conviessem ao seu fim — que era criar beleza pela imagem, pelo tom descriptivo e sobretudo por conseqüência da sua nevrose de criador. Brilharam as suas qualidades irmãs de estilista e artista, mas o prejuízo da sua não justa visão das cousas, dos aspectos, suicidou muito a sua tendência de arte. Basta ver a conseqüência do artigo sôbre Guilherme de Azevedo, a ironia injusta sôbre os simbolistas e o artigo após a morte de Eça de Queiroz, ainda em nenhum dos seus livros póstumos incluído como devia, a título de documentação e conseqüente análise. No entanto, essencialmente combativo, êle encontrou para o seu panfletarismo uma nova maneira de revelar a vibratibilidade da sua personalidade artística e do seu drama contínuo de artista de renascimento e de remodelação.

O conseqüente, o justo exemplo dêste ponto de vista está nas páginas soberbas, inegaláveis, únicas, dos grandes painéis descriptivos que são «O violinista Sérgio», «O entêrro de D. Luís» e os «Ceifeiros» incluídos no *A' Esquina*, algumas páginas sôbre a Arrábida, e trechos sôbre pintura admiráveis na *Vida Irónica* e páginas dispersas, mas enormes, nas *Pasquinadas* sôbre Camilo e Sarah Bernhardt, e também na *Lisboa Galante*

O seu descriptivo foi uma grande intuição que elevou até o maior gra

de expressão a sua arte. Isto justifica plenamente que a melhor consequência de arte é o seu lado expressivo. Como narrador, como pintor de paisagens, de côres, de aspectos, de perspectivas, de conjuntos, Fialho de Almeida foi o nosso mais faustoso, o nosso mais fértil escritor. Ninguém o iguala na imagem, no símbolo, na análise, na fisionomia que imprime às paisagens e às almas. Um trecho disperso, um único período saído das suas mãos de lavrante febril da frase, nas páginas únicas da «Madona» atesta a síntese de todas as suas qualidades de artista, irmanando com os grandes artistas europeus do seu e do nosso tempo. «O escultor marchava distraído, um pouco atrás do companheiro, mãos nos bolsos, cachimbo apagado, absorto naquela doentia singularidade de Judit comer rosas, tão extraordinária, ligeira, graciosa e poética, que dirieis um episódio de lenda mística, pintado por algum veneziano da idade gótica em fundo de ouro bizantino». Vendo eleitamente a sua expressão, como modelo e plástica, é ainda uma consequência da sua maneira de focar e realizar.

Fialho viveu e traduziu o seu drama na sua obra fragmentária, isto confirmando bem que êle foi um pouco o mármore, o barro febril, convulso e transmigrado da sua deslumbrante beleza de arte. Sendo um escritor representativo êle foi em síntese a melhor idealização de beleza e colorido que as suas aspirações de plástico e painelista exigiriam. Mais do que as suas qualidades de contista e sonhador realçavam as suas qualidades de descritivo. Isto afirmando consequentemente que dentro do seu âmbito de beleza, simultaneamente deslumbrante e dolorosa, esboçada e convulsa, as suas qualidades de estilista corresponderam mais à tinta e ao colorido da sua aspiração plástica do que propriamente à tendência corrente e analista do realismo em voga, e expressão, e á transição aristocrática, antes botticelina do simbolismo considerado como uma escola de transição literária, sem influência directa no meio e na literatura portuguesa contemporânea. Demais Fialho foi o que diremos um artista de síntese e o nosso maior artista por expressão, colorido e ritmo, porque a plástica do seu estilo, a sua côr, a sua índole e o seu imprevisito de motivos, levaram-no ao imperialismo da sua própria confissão — «o assunto é que dita o estilo». Flexa Ribeiro, no seu trabalho sobre Fialho de Almeida, analisando a febre criadora do artista supremo dos «Ceifeiros», soube escrever intuitivamente curiosos pontos de análise, donde se conclui a inconsequência de uma obra de fôlego a realizar e a escrever na aspiração culminante dum artista, que era fundamentalmente e por índole dispersivo e fragmentário, melhor, perdulário da sua própria expressão criadora. Assim êle sabia embelezar o seu estilo imprevisito por índole e sobretudo faustoso em côres berrantes, ou tintas esbatidas, num crepúsculo de síncope, pela tendência que o escritor sempre manifestou de dizer na melhor linguagem as suas dores íntimas de sensível e criador. Fialho foi pois o actor representativo do seu drama contínuo e expressivo, no palco onde os seus funestos e os seus dolorosos agitaram a sua existência de farça e dor, e ao mesmo tempo actor inconsciente do seu deslumbramento e do seu sonho faustoso de beleza febril. Agitou na sua alma o drama que pôde sentir mas por índole não chegou a realizar todo o drama que sentiu, daí a consequência de não ter sido um executor-fiel do seu íntimo. Tendendo a um fim, a continuidade no seguimento da sua obra era sempre uma síncope imprevisita e mais consequentemente

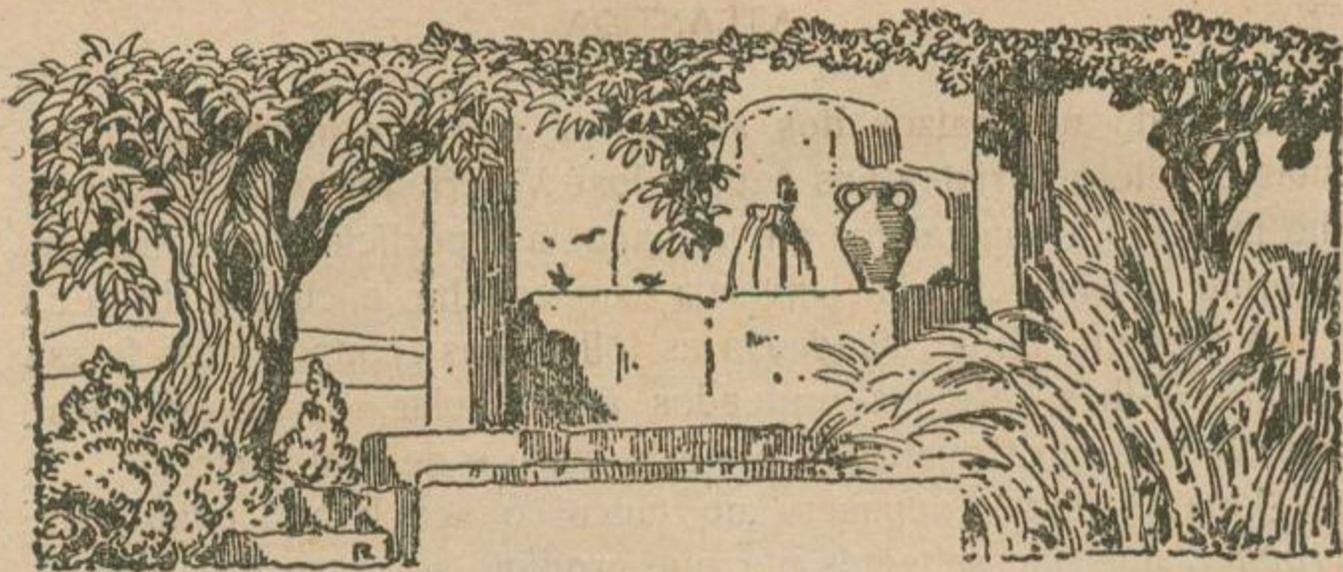
dentro dos seus recursos de doente de alma e beleza. Esta a causa expressiva do seu fragmentarismo que é decerto a melhor índole da sua beleza criadora.

Portanto, nos três pontos da sua filiação artística de aspectos, Fialho de Almeida veio abrir à literatura portuguesa o caminho superior, europeu, de atestar a nossa universalização como artistas. Indo contra o meio ambiente êle criou em si um único meio condizendo com a sua feição de artista superior — e êsse meio foi portanto o seu orgulho de renovar, vestir de novas imagens e novas côres uma lingua a cair com a boçalidade lírica dos românticos de consequência e não dos românticos de início, no estôfo imaginativo do lugar comum corrente. Em síntese a obra eleita de Fialho é um resgate de beleza que o coloca, a par de Eça, como o maior artista da sua lingua. A sua influência é o melhor ensinamento a esperar das gerações que despontam. Fialho de Almeida, liberto de todos os lugares comuns que sôbre êle têm sido escritos por todos os eunucos da escrita cabotina quási geral dos nossos dias, enche um século de literatura ; e sendo o fragmentarismo o seu timbre de arte, pela maneira como o realizou e expressou, êle é o maior indício da sua individualidade eleita, que ninguém poderá continuar e seguir, tão grande foi o vôo ascensional do seu sonho e a expressão realizada da sua beleza.

Lisboa, Maio de 1918.

CORRÊA DA COSTA.

**Quereis fazer a propaganda  
dos vossos productos em toda  
a Europa e em toda a Ame-  
rica? Dirigi-vos ao**  
**ESCRITÓRIO INTERNA-  
CIONAL DE PUBLICI-  
DADE DA ATLANTIDA**  
**na Rua Antonio Maria Car-  
doso — LISBOA (PORTUGAL).**



## Escoleiro e guardilha

(a Lopes de Oliveira)

O calmeiro asfixiava tremulinando na atmosfera, ao redor.

Êles estavam à beira da água corrente, à sombra refrigerante das faias.

O homem trajava capote à militar, muito desbotado, de botões arrancados, botas de cano pretas, já esfoladas, e ao pescoço, *cache-nez* de ramagens verdes e flores rubras em fundo rosa-chá.

Sôbre os fartos, nigérrimos cabelos, abatia-se, em forma aproximada de pão-de-açúcar, o alto chapéu em feltro, castanho, já rôto e desbotado. E, pendente de correias de coiro estreitas, cruzadas a tiracolo, um canudo de lata bem polido esbranquiçando-se em reflexos de sol.

O rapazito avolumava, gorducho, em seu calçãozinho de cotinilha, casaquito branco como ela, sujo de poeira, sapatinhos de atanado encardidos, cambados nos saltos, machucados nas biqueiras metálicas. Pés sem meias, pernitãs sapudas, crestadas de sóis e de frios. O olhar rasgava-se sob sobranceiras bem curvas, e o narizito arredondado dir-se-ia brando, como modelado em cera.

O sol caía a prumo, por entre as ramagens, e, esbatendo-se em luzernas cruas, pintalgava-lhes os trajés e os rostos azulescendo no chão, a toda a volta dêles.

O homem cofiava a espessa barba negra.

Sentado nas raízes dos salgueiros que iam mergulhando as suas cabeleiras tristes nas águas, José Valério mirava, com orgulho másculo a sua cabeça altiva, naquela superfície que, como um enorme abismo circular, invertia, em concha, a cúpula do céu.

A aragem, ténue, bandeava as fôlhas dos choupos e das faias, arrancava-lhes reflexos prateados à luz solar, e, ao agitá-las, aguava-lhes em translúcido o verde tenro e de real frescor.

Jónatas, êsse, depusera no juncal o seu bonito chapéu de *crochet*, que não sabemos por que prodígio se conservava branco e engomado e dava a idea dum grande cogumelo dos estevais, e, a testa coberta de suor, os longos cabelos empastados, de bôrco na lama fresca, espreitava o movimento das rãs que, paradas, esfíngicas, pareciam querer hipnotizá-lo com seus olhos ourescentes, fulvos ou côr de ágata.

— Não me vêem! — dizia de si para si. E movia a mão.

As rãs saltavam, e, abarrentando a água, escondiam-se nas raízes do brejo ou sob as pedras lamacentas.

Dentro em pouco voltavam, mais longe, à superfície, pasmadas, idiotas, quais bobos em silêncio, lendárias de atitude, excêntricas de vida animal, naquele seu colorido verdoengo, lembrando partículas animalizadas das plantas.

— Parecem mesmo gente! — dizia Jónatas. E continuava em monólogo:

«Sempre gostaria de agarrar uma e de lhe apalpar o peito, só a ver se o coraçãozinho lhe batia como o meu, quando o cigano me roubou e me levou no macho!»

— Eh! que dizes tu lá, Jónatas cigano? — interrogou Valério, com sorriso de bonomia, ao ouvir o filho.

— Nada, senhor pai. Falava com as rãs. Parecem mesmo gente!

— Gente mais feliz que nós, Jónatas, sabes? Basta que têm certo o pão e a casa. Se têm calor, mergulham, se querem sol, deitam a cabeça de fora. Um tapetezinho de brejo, e está a cama feita. Cobertura como a queiram: ou de sombra ou de luz. Páparoca ao pé do leito... São felizes as rãs! Não receiam os cães das quintas nem os lônbo das charnecas. E então cada barriçada de preguiça!... Comer, beber, estar de pança ao sol, e quando alguém passa, p'lo sim, p'lo não: *tchác!* mergulho. Ah! quem me dera ser rã!... Lá me importava que, fôsse quem fôsse, me guerreasse para que não me alugassem casa!...

— Também gostava de *a* ser — respondeu Jónatas.

E um sorriso terno, de puro embevecimento, pairava-lhe nos lábios sazonados de rubro, enquanto o seu olhar saúdoso, rasgado e nítido, viajava nas águas frescas, piscando de gôzo.

— Mas . . . uma vez que não podemos ser rãs e que o guardilha Mateus andou a espalhar que não me alugassem casa porque não sei nada, teremos nós que fazê-la. Vou ficar aí. Sempre quero ver quem sabe mais, se eu, ou se o seu moçalho de treze anos! P'la razão ninguém me vence! . . . Queres ajudar-me à casa, Jónatas cigano?

— Eu ajudava de boamente, senhor pai, — disse Jónatas, espalmado a mão que ladeava lentamente, inclinando a uma e outra banda a cabeça e arregalando os olhos grandes — mas, se não temos pedra e cal . . .

— A pedra e a cal estão aí no montado e tu me ajudarás a acarretá-las. Boa lenha que se há-de cortar com serra e machado. Jónatas envolveu o pai num olhar de pasmo intenso, como de quem se admira e faz por compreender.

Valério continuou:

«A casa há-de ser de azinho e sargaço».

— Cabana temos, senhor pai? Pois não se me dá nada de ajudar a fazê-la. E quedamos, sim? Gostarei de ver muitas vezes estas rãs e de falar com elas.

E eu de passar a calma debaixo destas faias, à beira desta água fresquinha, — redarguiu Valério.

E o seu olhar demorou-se na água, num ponto fixo, mareado de scismático, sem que fôsse arrastado pela corrente.

Continuou cofiando, em silêncio, a barba, que lhe dava pela cinta.

Uma rã pôs-se a coaxar, a meia voz, lentamente.

Outra respondeu, em voz alta, muito apressada, como numa irritação súbita.

— Como cantam! — disse Jónatas encantado, num sorriso satisfeito, em gesto doce, olhar interessado.

«Como cantam!», repetiu.

E os cantos da bôca alargaram-se-lhe, num franco, terno sorriso; e as pálpebras batiam-lhe em doce sonolência de bem-estar, qual a um melómano assistindo a um concêrto de orquestra delicioso. Encostara-se lentamente sôbre o cotovêlo, e, cabeça tombada na palma da mão, envolvia, no seu olhar ingênuo,

o amoroso par que concertinava, em idílio, no espelho das águas.

— Aquilo são dois amigos, por fôrça! — pensava Jónatas.

E continuava o seu raciocínio, muito simplistamente: «Estão a conversar. É pela certa! . . . Mas que dirão êles? . . . A de lá está a dizer à de cá: «acautela-te com o rapaz!» E a outra responde: «O rapaz do chapéu branco? . . . Já vi . . . já vi . . . não te dê cuidado! Se me atira alguma pedra, depressa mergulho, *tchác!*, logo me enterro no lodo e já não me vê».

De repente, Valério disse:

— Vou ao casal, onde pernoitámos, buscar o machado e a serra que me prometeram e saber se já chegou o barbante e os pregos que mandei vir de Serpa.

Afastou-se.

Jónatas pareceu não ouvir o que o pai lhe dizia. Agitava vigorosamente, ao alto, uma das pernas, dobrada, o pé de planta para o ar, enquanto a outra se conservava estendida. Colheu um junco semi-sêco e pôs-se com êle a furar o chão brando.

Ao leve movimento, as rãs não se mexiam, talvez familiarizadas com a sua presença, talvez seguras de estarem no seu elemento.

Jónatas fitou-as de novo e continuou fantasiando:

«Se eu fôsse um cigano do tamanho duma rã e tivesse um machinho do tamanho duma doninha, havia de roubar uma rã pequenina. Escarranchava-a no meu macho e levava-a. Sempre queria ver o pai e a mãe a correrem atrás de mim e a gritarem:

«Cigano, cigano! Dá-me o meu filho! Dá-me o meu rico filho! . . .» Havia de ser triste!

E Jónatas via, na sua imaginação, aquele quadro assim:

As rãs vizinhas acudiam todas, numa balbúrdia de batráquios alanceados, as boquinhas tenras muito abertas, as mãozinhas verdes espalmadas, equilibrando-se, como gente, nas pernititas verdentas, os olhitos esbugalhados, roucas de enorme grita. E agarravam-se umas às outras, filavam pelas guelas o machinho, puxavam-lhe da arreata; outras puxavam pelo casaco dêle, Jónatas; outras agarravam-se-lhe às pernas. Mas, êle metia esporas à besta, e fugia aos quatro, com a rãzita na garupa.

E aquele povo líceo, quedava para trás, triste como a noite, trágico e transtornado, umas caídas na lama fria, outras de mãos no rosto, carpindo, umas, rosários de lamentos, outras sacudidas

por soluços bárbaros. E então, entre o murmúrio triste do regato que com elas chorava e soluçava, as lágrimas caídas iam fundir-se como gotinhas de prata nas águas de prata.

Mas Jónatas não tinha nada de cruel. Chegava lá mais adiante, batia-lhe muito o coração, porque ouvia que a rãzinha chorava e gritava pela mãe.

Jónatas choraria também. Voltava atrás, com o machinho à desfilada, abeirava-se do regato, pegava na raptada, e, com todo o jeitinho, atirava-a à água.

E então haveria uma grande festa.

As rãs levantar-se-iam todas em cortejo. As perninhas verdes brilhavam, as barriguinhas brancas luziam ao sol, e, de mãos dadas, boquinhas escancaradas, rindo e chorando de alegria, formavam uma dança de roda, com a rãzinha no meio. E cantavam todas :

Quem anda na roda  
é bem bonitinho,  
para namorar  
tem belo jeitinho.

E todas lhe baixariam a cabeça, e talvez até que algumas ajoelhassem, de mãos postas, agradecendo-lhe aquela boa acção.

E Jónatas pensava: «E daí, talvez que houvesse alguma que lhe cerrasse o punho em ameaça, com os olhos muito esbugalhados. Mas é que êle, Jónatas, atirar-lhe-ia uma pedra!

Mas não! — pensava êle. Para quê?!

Se fôsse alguma rã cigana, sim! Mas não na sendo, deixá-la lá fechar o punho! . . . Havia até de ter graça; tão pequeninos, os dedinhos verdes! . . .»

Todo um sonho de domínio e piedade, aquele em que se embevecia o pequeno Jónatas, cuja alma tinha os germes da crueldade inata em todo o ser humano, modificados pelas taras boas duma educação moral e piedosa, de pais para filhos, através dos séculos.

Entretanto, as rãs, não dando pela importância que Jónatas lhes tributava, continuavam coaxando. Agora, eram já mais de meia dúzia que, ora em alternado, ora em simultâneo, faziam vibrar a atmosfera do arroio e rouquejar de vida o espelho plácido das águas.

O arroio, entretanto, corria, na sua calma indiferença, um deslizar nítido e brando de vida, beijocando as ribas arenosas ou pe-

drentas, remoçando os juncais, gargulando nas pedras do alvéu. E abria, aqui, as entranhas incolores em feridas que floriam brancas de espuma, ali, lambia as limugens glaucas, mais a lá, afagava alguma cabeleira aquática, ou revolvia, em pequenos corropios, a areia, em volta dos seixinhos, e seguia, seguia sempre.

Nos pontos mais largos e mais fundos, a corrente, muito ao de leve, muito ao de cima, mansa e calma, ia, num ténue escorrer de cristal bem polido, reflectindo o azul luminoso, em desmaios de luz que se prolongavam cristalizadamente.

Nas fôlhas das árvores sussurrava o vento um hálito brando. Troncos e hastes, tudo era erguerem-se vigorosos por entre aquele murmúrio cândido do ar e da água, sob o sol ardente.

Soou um forte assobio quadrado.

Jónatas, que se conservava ainda na sua posição de remanso, levantou a súbitas a cabeça de azeviche, com surpresa.

Era o chamamento de Valério, que vinha de muito mais longe que êle esperava.

O pequeno prescrutou com olhar inquieto a riba, que era vasta, depois, cravou-o a fundo no montado, e viu o braço do pai, e, ao alto, a mão que lhe acenava.

Valério estava encostado com o braço esquerdo a uma grande serra de cabo e tinha ao ombro um machado, cuja lâmina soltava uma scentelha branca de sol.

Num ápice, Jónatas pôs o seu chapéu branco e pulou pela riba como um gamo.

Calaram-se as rãs e mergulharam de assustadas.

Jónatas nem deu por elas. Levado na carreira, pisava lesto os sargaçais.

— Eh! cigano Jónatas! Abaixo, às passadeiras!, bradou Valério. Onde queres tu atravessar?

Mas Jónatas, como se não ouvisse aquela observação, continuou correndo em direcção a Valério.

Chegando diante dêle, contemplou um momento a água, sentou-se rápido na riba, descalçou-se e despiu-se lesto, fez uma trouxa da roupa que hábilmente dispôs em concha sôbre a cabeça, pôs-lhe as botas ao meio, e pôs-se a atravessar, a nado, no ponto mais fundo, a corrente.

— Cabeça a suor e banho, Jónatas! Melhor terias feito em ir à volta, às passadeiras!

— Aborrece-me, sabes, senhor pai? disse êle alongando o pescocito como um cisne novinho. E continuou:

«Passadeiras . . . anda uma pessoa pé atrás pé adiante. Tenho as pernas muito curtas para elas e estão quentes do sol. Escaldam que tem diabo! e a água é tão fresquinha! . . .»

E a voz de Jónatas solavancava ao ritmo da natação, e os braços e pernas, rijitos de músculos, cortavam com rapidez as águas.

Chegado à margem, vestiu-se tão lesto quanto se despira, e ambos se internaram no montado.

As azinheiras, de copas verde-bronze, farta ramagem crespa, contorcionavam os braços pujantes, postando-se numa grande extensão monótona, que a ténue aragem animava com um vago sussurro, semelhante ao do mar muito ao longe. O candeio, louro, entrelaçava-se nas ramagens, imprimindo na côr brônzea, pesada, a nótula terna e hierática do ouro. Por entre os claros do arvoredado, em serenos lagos azulinos, ao alto, recortava-se o céu puro. E, da vastidão do montado, a perder de vista, chegava um contínuo, delicioso queixume, um ritornelo manso e atristador, de rôlas bravas, no seu merencório arrulhar selvático.

E êles continuavam marchando, sentindo estostrar sob os pés o rasquilho sêco.

Valério prescrutava as árvores. Jónatas olhava-o de soslaio. De repente disse:

— Como estão contentes as rôlas, senhor pai!

Parece, Jónatas. Cantam. E daí, quem sabe se aquilo não será uma cramação de tristeza? Vivem tão sós as rôlas! O canto delas parece mesmo o pranto do montado!

Valério fez uma pequena pausa, franziu a testa, desfranziu a, e arqueando as sobrancelhas, repetiu calmo e langue:

— É verdade! É bem triste o montado, e êste cramor das rôlas põe-me o coração em deslaios.

— Elas devem ter por *i* ninhos, interrompeu Jónatas, e não se me dava de achar um ou dois! Em Morianes tive quatro ninhos, todos êles de rôla: um que eu achei, dois que me deu o João da Malhada por três botões de vidro bonitos, e outro que êle trocou p'lo brimbau de aço que o pai comprou na feira de Alvito.

— Bem caro o teu ninho a falar a verdade, respondeu Valério.

Se em todos os negócios que vieres a fazer te mostrares tão desastrado, hás-de ser como a rôla, que não soube fazer o ninho. Já te não chamo cigano, Jónatas: És um Jónatas embarriado! . . .

— Lá barato não foi, isso não! — disse o pequeno abanando a cabeça em ar compassivo. De mais a mais, o ninho, tão mal feito! O vento atirou com os ovos e partiu-os no restolho. Até metia dó! As cascas tão branquinhas! São sempre malfeitosos os ninhos das rôlas.

— É certo, redarguiu Valério, meia duzia de pauzinhos cruzados, à laia de grelha, quatro sêdas de cavalo ou de gericó, e está o ninho feito. Mas, o que tu não sabes, é a razão porque fazem tão mal o seu ninho, as rôlas!

— Lá isso, não; não sei! . . .

— Então ouve: «*Diz* que quando Deus formou o mundo, fez todos os animais e ensinou todos a falar e a fazerem a sua casa. O rouxinol, o melro, a toutinegra e outros pássaros cuidadosos, foram ouvindo com toda a paciência tudo o que Deus dizia e fizeram uns ninhos lindos. Quando chegou a vez à rôla, põe-se ela a dizer ao Senhor: «bem sei, bem sei!» Vai daí, diz-lhe o Senhor: «Que o faças como sabes!» E ela como resposta: «bem sei!» Vai daí, então, o Senhor virou-lhe costas. A rôla trouxe dois ou três tronquinhos, umas quatro sêdas, arrancou de si, à pressa, umas duas penas, e, dizendo sempre: «bem sei!» pôs os ovos e foi aos biscatos. Quando voltou, viu-os partidos, no chão.

O melro, o rouxinol, a toutinegra e outros pássaros puseram-se, em acção de graças, a cantar lindamente.

A rôla queria cantar, mas vendo os ninhos dêles cheios de ovos e o seu vazio, não podia soltar mais que gemidos de remorso e soluços de arrependimento.

Por isso, dizem, é tão triste o cantar das rôlas».

— E será também por isso que respondem, agora, aos rapazes que dizem «bem sei»: «és como a rôla?»

— Isso mesmo, Jónatas. Uma pessoa nunca deve dizer «bem sei», mas sim: «gostaria de aprender». Mas, espera . . . — mudou Valério de assunto — está ali um azinho dos novos que me serve, e uma vez que o dono da herdade me disse: «corte por donde quiser», vai aquele à degola.

Valério arriou a serra e o machado, sentou-se numas pedras

musgosas, debaixo das quais irrompiam rebentos de zambujeiro, e pôs-se a limpar o suor que lhe perlejava a testa afogueada.

Jónatas, que contemplava o machado, tentou levantá-lo, mas podendo a custo soerguê-lo, depô-lo rápido, mau grado seu, murmurando :

— É pesadito, safa !

O olhar de Valério fitou-se, calmo, no rosto do filho, numa contemplação amplamente enternecida que trazia ao rosto do homem uma acentuação de bondade puramente paternal.

Valério pensava :

— Como Jónatas se parece com a mãe, a minha falsa Graciana ! Ingrata criatura a quem tanto eu queria ! . . . Todas as manhãs a ajudava a vestir entre um chuvaireiro de beijos. Vai daí, um dia, sem mais nem menos, deixa-me e ao Jónatas, leva a Emília, e foge ! E para quem ? ! Ainda se fôsse para alguém mais bonito e melhor do que eu ! Mas qual ? !

Troca-me por um jarreta com duas filhas mais velhas que ela, qualquer delas capaz de ser sua mãe ! . . . Ai, as mulheres ! . . . E porquê, afinal ? Só porque eu tinha na calça um vivo verde e o outro usava um dólmen de galão branco !

Ambição de dinheiro e . . . dentes pôdres. Não mais a quero ver e . . . pareço estar sempre a vê-la . . . Bonita, a magana ! . . . »

E os olhos de Valério beijavam, em luz acariciadora, o rosto de Jónatas, a bonita oval de pele rubra e morena, através da qual circulava um sangue vivo e forte. E delineava-lhe, com a vista, a estrutura suave da testa serena ; o nariz engraçado, modelado em finuras tácteis de cera colorida ; os olhos castanho-escuros, rasgados, de pupilas pretas, olhos de brilho amplo e fixo, a que as pestanas, muito negras e ásperas, davam o pico duma nota selvática, adoçada por aquele sorriso franco que lhe inundava de bondade o rosto.

Depois os olhos de Valério baixaram-se lentamente, e a um dêles aflorou uma lágrima retida, um como pequeno resíduo de cristal liquefeito, empastado entre as pestanas, que eram também negras e ásperas como as de Jónatas.

Jónatas estirara-se no chão, de papo para o ar, e, a mão por sôbre os olhos, a perservá-los do encandeamento da luz forte, contemplava, por entre as frestas dos dedos, o céu azul.

Valério continuava pensando :

« Escangalhei, com desgosto, toda a minha vida. Graciana des-

truíu-me o lar. Apagou todas as brasas. No meu coração só há cinzas que ninguém poderá acender. Não mais mulher, não mais casa! . . . Só o viver como os bichos dos matos e os pássaros que arribam . . . Quatro anos de acaso, já cá estão. Continuarei. E, quando a morte vier, à beira dum rio ou no fundo dum vale, bem está, contanto que Jónatas seja já grande e se governe por si . . . Gostava, em todo caso, de morrer à beira de água! Era mais limpo, mais fresco, e talvez que a minha alma branca se convertesse em cristal do rio, em espelho do céu. Jónatas, que tanto gosta de nadar, andaria dentro da minha alma, e eu poderia assim beijá-lo constantemente.

Valério fitou furtivamente Jónatas, levou as pontas dos dedos aos olhos, como quem disfarçadamente os esfrega. Secou assim a lágrima. Depois, levantando-se de súbito, tirou o capote e o colete que depôs sôbre as pedras, arregaçou as mangas da camisa, pegou no machado e dirigiu-se para o azinheiro novo.

Contemplou-o uns momentos, como a avaliar o trabalho que ia ter, e pondo um pé atrás levantou bem ao alto o machado. Curvou-se e fê-lo cair em oblíquo, vibrando o primeiro golpe.

Uma ligeira ferida clareou, avermelhada nos bordos, pelo corte da casca. O machado elevou-se de novo e de novo veio assentar na árvore. A ferida alargou e aprofundou-se. O machado tornava a subir e a descer.

Jónatas, espernegado, contemplava o trabalho do pai.

Valério comprimia os lábios aos cantos e cerrava os dentes, num gesto de energia, os músculos dos braços e das pernas rete-savam-se, o tórax arfava, os pés fincavam-se no solo, e todo o rosto era coberto de rubor.

Passados quinze minutos teve de parar, para limpar com a mão o suor que lhe camarinhava na testa.

Disse:

«Trabalharás e ganharás o pão com o suor do teu rosto».

Foram as palavras do Senhor, segundo o Velho Testamento. Mas esqueceu se êle de acrescentar: «e tu mesmo farás a tua casa, porque eu produzirei homens ruins que se neguem a alugar-te as que quiseses pagar, por acreditarem nas intrigas dum teu velho camarada . . . «Bom Deus! Para que fizeste assim o homem, à Tua imagem e semelhança, mau como as cobras e duro de coração como as pedras? E para que me fizeste com esta idea de duvidar de Ti! Para ao depois o castigares? . . . Se as-

sim é, posso então concluir, Senhor meu Deus, que a matéria de que é feito o homem era lama indefesa antes de lhe tocares, porque só depois de feito êle à Tua imagem e semelhança é que teve a consciência do Bem e do Mal, como dizem os Livros Santos. E o Bem e o Mal foram encorporados por Ti nele, apenas para à custa dêle te divertires cruelmente . . . Sim, porque se o tivesses podido fazer inteiramente bom, não terias depois de vir a castigá-lo . . . Duvido de Ti e sou pecador, dizem. Mentem! Porque sou feito à Tua imagem e semelhança, e portanto, se duvido, é por Tua vontade.

— Senhor pai, isso é algum padre-nosso novo! — perguntou Jónatas, grandemente interessado.

— Não. Isto chama-se um contra-padre-nosso, ou antes um contra-credo.

É verdade: ainda sabes muita doutrina?

— Agora já não. Esqueceu-me mesmo toda! Desde que não vejo a tia Maria Inácia, que ma ensinava . . . Aqui, também, de que servia?! Não há igreja! . . .

— Reza-se assim, como eu, há pouco, debaixo das azinheiras e à borda dos regatos. Deus está em toda a parte, não é assim, Jónatas?

— No céu, na terra e em todo o lugar, como dizia a tia Inácia — replicou calmamente Jónatas.

— Então, aí tens que te falo verdade. Também está dentro dêste machado que vai matando aos poucos esta árvore que êle fez. Tem trabalho, o tal Senhor, a fazer e a desfazer o que faz. Mas . . . o melhor é continuar o trabalho, que o sol, daqui a nada, torra.

Assim falando, Valério pôs-se de novo a machadar no azinho, Êste tinha já uma grande brecha, de lado. Valério pôs-se a cortá-lo do outro.

Perto de meia hora se passou, de trabalho penoso, com intervalos de descanso, notando-se que Valério não estava acostumado à faina de lenhador.

Para mais ajuda, o machado, de quando em quando, longe de cortar, saltava, por mal afiado.

Quando Valério viu que o azinho tinha já no tronco uma boa cava, tratou de lhe meter a serra, que puxava e empurrava com auxílio de Jónatas.

Depois, vendo o tronco preso apenas por uma insignificante

aresta, prestes a vergar, mandou afastar o filho para longe e empurrou fortemente a árvore.

Um estalido brusco, o sacudir dos ramos e o fracasso da queda em cheio, ecoando no montado.

Jónatas, que contemplava com prazer os últimos toques do trabalho, pôs-se a saltar, a rir alto e a bater as palmas, logo que viu a árvore caída.

A alma juvenil entoava assim o seu cântico de alegria à fôrça vitoriosa do homem sôbre a Natureza.

As rôlas, que tinham feito no seu descante uma súbita cava de silêncio para escutarem, reataram logo o seu contínuo queixume, habituadas de sempre aos ruídos lenhadores.

— Senhor pai, deixas-me ir em cata de ninhos de rôla? — perguntou Jónatas, humilde.

— Se queres, vai, mas não te afastes para longe. Podes perder-te, como na Aldeia da Vitória! . . .

— Não me perco, senhor pai, — disse Jónatas, e acrescentou: «de quando em quando, assobio e tu respondes».

Jónatas afastou-se.

Mal se viu a uns cem passos, principiou a caminhar em redor das azinheiras, a internar-se-lhe nas copas, a empoleirar-se nos ramos, prescrutando o interior das frondosas árvores. Estas, aprumadas, vestidas no seu verde-escuro, sombreando o chão avermelhado, onde o sol semeava largas nódoas de luz, estendiam-se como um grande exército vegetal, vigilante e firme, por todo o campo.

Entre os ruídos do corte, a intervalos irregulares, soava de longe um assobio vibrante, e um outro mais fino respondia.

Quando o assobio de Jónatas soava muito fraco, o de Valério era mais agudo e prolongado. Quando o de Jónatas se apróximava mais, o de Valério soava menos forte e mais curto. E aquela linguagem de gente da floresta, era como uma conversação sustentada a distância, o traço de ligação entre duas vidas que se amavam e se entendiam.

Três quartos de hora assim se passaram.

Depois de ter cortado vários troncos com forquilha, para espeques, e depois de ter alinhado no chão muitas varas de zambujeiro, limpas a podoa, Valério monologou:

— Paredes e vigas para a minha casa, já eu tenho, nestes troncos e nestas varas. Amanhã colherei o sargaço e a junça que

me servirá para fazer o teto. Não me queriam dar casa, mas hei-de tê-la! Tenho razão, e p'la razão ninguém me vence! . . . Agora deixa-me chamar Jónatas. Já cá devia estar . . . E Valério soltou uns seis assobios seguidos, agudos, desesperados.

Uns poucos de assobios semelhantes soarem de longe.

Passados alguns minutos, nova série foi soltada por Valério e nova série lhe respondeu, de mais perto. Repetiu-se aquilo por mais algumas vezes. Depois, ouviu-se um brado onomatopaico, muito prolongado: *óóóóóóóóó!*, e, pulando como um gamo, Jónatas aparecia, rubro e suarento, por entre as ramarias. Vinha esguedelhado, trazia na cabeça uma pancórpia, entretecida de cachos de bolota e ramos verdes em que se entrelaçavam flores róseas de calças-de-cuco e espigas de trigo, e ria, correndo, como um pequeno filho da floresta, que do seio das entranhas verdes dela surgisse inopinadamente para a luz.

— Sete ninhos de rôla — gritou, batendo as palmas. Marquei com pedras as árvores. São cinco com ovos, e dois andam fazendo.

— Já ganhaste o dia Jónatas. Nem precisas jantar, lhe disse Valério, irónico, e acrescentou: agora, fazer um feixe, e, para casa . . . que é como quem diz: para debaixo das faias.

Valério tirou da cintura uma corda, que ali tinha enrolada com muitas voltas, escolheu parte das vergõntes e troncos delgados de forquilha, fez um bom feixe em que incorporou a serra e o machado, e olhando demoradamente o resto da colheita de lenha, disse: as colunas e o teto vão amanhã. Nada! que isto pesa!

Os passos de ambos tornaram a soar estoirando o rasquilho. O sol dardejava forte. O candeio caía, num farelo dourado, ao agitar dos ramos pela brisa. Como Jónatas caminhasse à frente, Valério, que via tombar aquela chuva loira por sôbre os cabelos pretos do filho coalhando-os duma ourescência de pequeninas flores, pôs-se a dizer:

«Chove ouro! chove ouro! Tenho um filho que tem a cabecinha de ouro!»

Jónatas voltou-se, todo rubro dum pudor feroz, sacudiu bruscamente os cabelos, pôs sôbre as flores o seu chapéu branco e continuou a marcha em silêncio.

E um no encalço do outro, aproximavam-se da aldeia, como duas figuras silhuetadas pela miséria mas engrandecidas, quási divinizadas pelo silêncio do ermo, pela luz do sol criador caindo

a flux do alto, e pela exuberância da vegetação que os circundava, parecendo que cada vergôntea, no seu contorcer e elevar, lhes ensinava, tácita, e contudo, eloquentemente, o caminho da existência, a exibição do esforço muscular, o viço da matéria, essa fonte da vida sempre eterna, sempre vencedora.

\* \* \*

Oito dias depois, à margem do ribeiro, onde até ali se erguiam e imperavam sómente as faias e os choupos, via-se, postada de atalaia, com sua larga porta e suas duas janelas espreitando os campos, uma famosa casa-choupana, em longo quadrilátero, murada de sargaço e tetoada de junça e piorno, resistente nos seus espeques de forquilha que o colmo dissimulava, e tendo ao centro um tronco de azinho novo que, com mais quatro azinhos, aos cantos, suportava o primeiro andar, à laia de coluna. E passadas duas semanas, tendo corrido pelos montes a nova de que tinha chegado um escoleiro novo, duas filas de tripeças de azinho vieram mobilar o bucólico alojamento, e os moços da aldeia soletravam, lá dentro, às noites, sob a luz mortíca de candeias de azeite, o velho método de Monteverde, ou folheavam, com emoção campesina, o *Livro dos Bichos*.

— Então ? aprendem ou não aprendem ? P'la razão ninguém me vence ! Vêem que eu tinha razão ? dizia Valério.

E vencera realmente pela razão. A população aldeã, rude no seu modo de ser, mas compreendendo bem a energia dum nó-mada que se fixa, atirara-lhe com os filhos pela porta dentro, com prejuízo do outro escoleiro, o filho do guardilha.

— Pois se eu tinha razão ! — repetia êle aos seus clientes.

E os doze vintens mensais por cabeça e o pão de trigo de cada sábado, por aluno, corriam na vida do escoleiro sustentando-o, como corre a água forte da levada fazendo mover a roda da azenha, a intervalos regulares, rítmicamente.

Ora, certa tarde, à hora da calma, lá ao fundo do regato, num cotovêlo da riba, onde a água alargava e havia um pequeno areal, Jónatas estava, segundo o seu costume, estendido à beira dos juncos, e contemplava, como sempre, as rãs, fantasiando a respeito da vida delas, ora os mais sociáveis, ora os mais trágicos acontecimentos.

De repente, ouviu uns latidos agudos e uma grita de rapazes.  
— Ê o filho do guardilha, — disse Jónatas de si para si. E

acrescentou: «Má peste! Já me bateu duas vezes e não lhe voltei mão. Mas, às três é de vez. Se me torna a bater, esmago-o!... É verdade que êle é maior do que eu, e tem o cão que morde, mas... p'la razão ninguém me vence! É como diz o senhor pai».

E Jónatas quedou, com olhar scismador e semblante contristado, sempre fitando as águas.

Súbito, ouviu um rojar pela ribanceira de terra sôlta da margem; voltou a cabeça, e viu a grenha encarapinhada e ruiva e o olhar vesgo e mau do Leocádio, que lhe atirou um berro por entre os juncos, enquanto escorregava, de mãos nos joelhos, à laia de trenó:

— Eh! escoleiro! — lhe disse.

— Olá! guardilha! — respondeu Jónatas, pondo-se em pé, muito rápido.

Lentamente, o Leocádio dava alguns passos para Jónatas.

Jónatas, a seu turno, fincava os pés na areia, as pernas alargadas, as mãos na cinta, e olhava, ao derredor, as pedras sôltas, à beira do juncal.

O Leocádio tinha nove anos. Era espigado e leve, um sorriso velhaco e um olhar surrateiro, os lábios finíssimos, as narinas palpitantes de maldade. Um pequenino homem tarado de vício e crueldade. A paz da aldeia não exclui estes produtos da degenerescência humana que a taberna lôbrega engendra, transmitindo-lhes o seu sangue de megera ubérrima de desgraça, pela porta escancarada do alcoolismo cívico.

Jónatas tinha sete anos. Era um são. Criado numa vida nômade, bebendo o ar a plenos pulmões e o sol pelos poros a toda a hora, com a sua tez morena e bem corada, maciezas circulatórias de sangue puro, um sorriso franco e um olhar ingénuo, tanto no físico como no moral, Jónatas formava um verdadeiro contraste com o seu émulo. E assim, ao passo que o Leocádio fazia por sustentar o seu ódio, Jónatas mostrava-se entre receoso e calmo.

— Não estejas com medo, que hoje não te bato! — disse-lhe o Leocádio triunfante. E, com voz lisonjeira, acrescentou:

«Vamos os dois tomar banho, queres? Ajustamos as pazes».

— Pois vamos lá! — respondeu Jónatas, cuja fisionomia serenava perdendo o receio.

E dentro de alguns minutos, como dois amigos, o *Escoleiro* e o *Guardilha* confraternizavam, despindo-se não longe um do outro.

Viram-se, daí a instantes, despojados das roupas, na nudez inocente dos impúberes.

Jónatas, roliço e, atarracado, a cútis fina, tinha grandes luvas e polainas do crestado do sol, e espalhado pelo corpo, todo êsse tom suave à vista, da epiderme cetínea dos morenos, em que há maciezas de músculos contidos, fôrça em repouso, coberta dum ténue véu plástico, e que não tardará a trasbordar de vigor, logo que a despertem.

O Leocádio tinha a pele branca e áspera dos ruivos, músculos delgados em abatimentos baços, o aspecto raquítico dos brancos irritáveis e frenéticos, fôrça que denuncia o génio de ímpetos nervosos por esforços extremos, com esgotamentos.

— Vamos ali para mais cima, Escoleirito, ali nada-se bem, há mais fundo,— dizia o ruivo no seu sorriso cínico de precoce malévolo.

— Aqui, Guardilhita, aqui é melhor. Ontem cansei-me de nadar. O piso aqui é mais seguro, há aqui mais pedra.

E Jónatas, como se o sorriso de velho do Leocádio o contagiasse, sentia alargarem-se-lhe os lábios, numa expressão finória que até ali em si desconhecera.

A grita dos rapazes e os latidos, que Jónatas ouvira antes da chegada do Leocádio, soavam mais de perto, ouvindo-se distintamente, por entre o zoar de vozes em pragas infantis, êste brado: «Pega-lhe Morcego! Olha que me roubam!»

E ao som daquele brado de incitamento, a vozearia aumentava e recrudesciam os latidos.

— Dá cá a mão, dizia o Leocádio, não tenhas medo, ali há pé, é um fundão pequeno. De mais a mais, sabes nadar e eu não!...

Mas Jónatas, desconfiado, dissimulava, as mãos nas ancas roliças e boleadas, afastando-se para o espraiair da corrente, onde, na água baixa, transpareciam, brilhantes e polidos, os seixos, e onde, verdoengas e escorregadias, buliam as limugens.

O Leocádio pôs-se de ouvido à escuta, uns momentos, e num sorriso triunfante, com um brilho repentino e feroz no olhar, deu três passos rápidos para a frente, entre o arregaçar das águas, e agarrando Jónatas por um braço:

— Anda, meu escoleiro! Já te disse que não te faço mal!...

E o Leocádio puxava Jónatas com fôrça. Jónatas, oferecendo resistência, disse com uns ares muito sérios:

— Vê lá se me deixas, Leocádio!

— Se te deixo, o quê?! — berrou enraivecido o ruivo agarrando Jónatas às mãos ambas pelos ombros. Vais mas é baldear ali no fundão dos cágados, meu escoleiro dum raio!

— Não vai, não, meu guardilha dos cães! — retrucou o mereno, súbitamente enfurecido, circundando com os bracitos roliços, numa forte gravata, o pescoço esgrouviado do seu contendor. Este fez a diligência de escapar de repente a cabeça, mas Jónatas apertava-o, cada vez mais fortemente.

Por momentos, o Leocádio pareceu um pássaro, preso num laço, agitando em aflição as asas, prestes a ser estrangulado. Mas Jónatas, possuído dum instinto generoso, afrouxou os braços.

A cabeça ruiva apareceu esbaforida, ao alto.

— Que me fazias tu, com um raio de diabos?! — disse o Leocádio espumando.

— Dava-te um abraço, meu amigo do banho... Querias-me no fundão, querias?

E Jónatas, tornado de repente irónico, segurava o ruivo, na mesma posição, os olhos piscos de gozo e um sorriso de forte, que se lhe alargava pelo rosto.

E as pernas, de coxas roliças, retesavam os músculos a que a reacção do banho dera uma côr acobreada, brilhando ao sol.

— Pois eu vou dar-te três beijos! — respondeu o Leocádio num sorriso amarelo. E cravou-lhe, por três vezes seguidas, os dentes na nuca e no ombro, rasgando-lhe as carnes.

O sangue aflorou rápido às feridas em forma de ferraduras, depois espraizou-se lento pelo pescoço e pelas espáduas.

Soou um rouquido feroz. Soltara-o Jónatas que, alargando os braços, deu um passo atrás.

— É então a sério, é? Olha que eu cuidava que era a brincar! vociferou.

— É a sério, sim; a sério é que eu quero, filho do escoleiro que roubou os rapazes à escola do meu mano!

— Então, vá lá a sério, filho do guardilha que roubou a casa ao meu pai e a mim! P'la razão ninguém me vence! Já to tenho dito, meu pêrro!... Às abarcas, queres? Mas não vale morder como os cães!...

— *Támêm!* Só o que sabes dizer é que tens razão!... Às abarcas, sim!... E crescendo um para o outro, os dois rapazes abraçaram-se estreitamente e tentavam baloiçar os corpos, no meio da corrente, à maneira de dois lutadores romanos.

Os latidos, a grita de rapazes e o grunhir de porcos, soavam cada vez mais perto.

Os dois corpinhos humanos, cada qual fazendo o seu esforço, compensavam-se, ficavam parados. Os lutadores tinham ambos o rosto congestionado e as fontes latejantes; mas as pernas, firmes como pedras, não desandavam.

A água dava a Jónatas por cima dos joelhos e ao Leocádio um pouco mais abaixo.

O ruivo forcejava sempre por arrastar o moreno para o pego escuro. O moreno resistia-lhe tenazmente. E, quando se sentiu arrastado dois passos para a frente, conseguiu, logo de seguida, arrastar quatro, o seu contendor, para trás. Novamente os corpos estacaram.

No esforço, a pele de Jónatas lustrava, no seu cetineo-cobre, dando evocações da carne morena, talvez descendente longínqua dalguma tribo árabe, que atravessaram, de longa data, consistências lusas.

As costelas do ruivo, bem visíveis, vergavam e ondulavam, através da pele branca, arripiada e sardenta, denunciando taras, quem sabe se visigóticas, com atravessamentos célticos?

O tórax de Jónatas, mesmo nos grandes esforços, agitava-se calmo. O de Leocádio arfava desesperadamente.

De repente, Jónatas passou à ofensiva. Alargou as pernas, e, fincando bem os pés na areia, conseguiu fazer girar o Leocádio sobre os tornozelos, à laia de compasso que se move na sua haste a prumo. Arrastava-o para o ponto mais baixo da corrente, uma descida pedregosa, sobre limugens.

Os pés do ruivo escorregavam. Jónatas continuava a impeli-lo com esforço. O ruivo, mau grado seu, recuava. Passados momentos, conseguiu firmar-se, e agarrou Jónatas, num repente, por baixo da cinta. Levantou-o a pêso, e tentava levá-lo, ao colo, para o pego.

— Tu queres é afogar-me! Mas, não afogas, não!...»

E as carnes do moreno, rijas e lustrosas, em que o sol punha o brilho que poria numa estátua em barro humedecido, agitavam-se serpenteantes, estortegadas pelos braços brancos, delgados, quasi vis do ruivo, que tinha na pele um brilho ténue, de luz levemente de ouro.

Jónatas, no seu debater, fazia retardar os passos do Leocádio, que ora tropeçava nas pedras, ora escorregava nas limugens.

parecendo, no seu caminhar incerto, um bêbedo que transportasse o fardo do seu próprio vinho.

Uma espécie de furacão de gritos, de latidos e grunhidos irrompeu, a súbitas, da margem, e, por sôbre o sargaçal, appareceu um cortejo burlesco, de garotada aldeã.

À frente, correndo, em calças sujas de lama, esbarrigados, as fraldas de fora, chapéus bragueses rotos, de abas escanzeladas, camisas em farrapos, vinham puxando duas rédeas de atilhos de trapos emendados, os dois rapazes mais travessos da aldeia, o João Farinhas e o Manuel da Russa.

Em seguida, vinham dois bácoros magros, de olhar em fogo, orelhas no ar e dentuça afilada, cavalgados pelo Rolão e o Conchinhas, espécie de reis da pândega, de cabeças de cigano, suando em bagas, lambusados, quási negros. E à volta dêles, outras figuras conhecidas da garotada brava do lugar, entre os quais o Peliça, zanaga e com uma costura de carbúnculo no queixo, e o João Barrela, de cara abadenga, à laia de escudeiros, amparando cada qual os que cavalgavam. Tudo o mais era um côro grazinante, de pequenos sarrafaçais, figuras de terceiro plano daquela cavalgada illustre, pobres peões tratados com desdém pelos triunfadores, os palafreneiros e os reis da festa. Havia, contudo, mais umas seis figuras, ladeando os suínos, e que seriam, talvez, uns vilões de concelho, entre os quais o irmão mais novo do Leocádio, o Rodrigo, que se distinguia açulando, a berros contínuos, o «Morcego», o seu cão, que batia infrenemente, fazendo bastas vezes, e a curtos intervalos, escorregar os dentes nos cascos esguios e pretos dos suínos, de patas em sangue, indignados e esbaforidos.

— Olha o Escoleiro a apanhar p'ra tabaco! — gritou o da Russa, rematando com uma casquinada alvar.

— *Atão*, vocês comem-nos com água no banho? — acrescentou para os contendores o Farinhas.

E o Conchinhas, alargando os braços, as manápuas abertas: «Éna, moços! Vamos a ver qual dá mais!»

— P'r'ó pego não vale! — disse o Peliça.

— Demais a mais, com o rapaz assim agarrado! — berrou o Rolão.

O Barrela acrescentou:

— Larga o rapaz, larga, que assim não é fineza nenhuma!

Entretanto, Jónatas conseguira apertar o Leocádio pelo pescoço com ambos os braços, e dizia-lhe a meia voz, entre impos:

«Se vamos ao pego é os dois!»

O Leocádio, ao ouvir as últimas invectivas, voltou-se para a margem, com o seu fardo vivo, tropeçou numa raiz e caiu, ao tempo a que Jónatas lhe escorregava dos braços, como um peixe vivo que à beira de água se escapasse às garras dum gato.

Jónatas caiu de pé. A água dava-lhe pelo peito. O Leocádio caíra de bôrco. Ao levantar-se, fê-lo tão precipitadamente, que deu um escorregão de guinada, e foi de escantilhão cair no pego.

— Oh! *diânho!* — berrou o Conchinhas. É capaz de morrer! Ele não sabe nadar!...

Todos se calaram. Naqueles semblantes infantis apareceu o pasmo.

O corpo descia. Instintivamente atraídos pela tragédia, estavam todos como pregados ao chão, esperando observar, sem poderem escapar-se, o desenrolar do extraordinário.

Mas, no meio daquele silêncio, ouviu-se a voz calma de Jónatas:

— «Não morre, não!» E abaixando-se, num repente, do pego, agarrou-se, firmemente, com a mão direita, à raiz grossa dum salgueiro, estendeu o braço esquerdo, e esperou.

A cabeça do ruivo, de olhos esbugalhados, o semblante tôrvo, o gesto aflitivo, aparecia nesse momento. Os dois braços contorceram-se-lhe, e fincou as mãos como garras no braço de Jónatas.

— «Não morre, não!» repetiu Jónatas com toda a calma, e puxava o rival que, pouco a pouco, subia a riba molhado.

Os espectadores puseram-se todos a gritar e a bater as palmas.

— Agora, larga-o! — gritou o Conchinhas.

— Deixa-os brigar! — berrou o da Russa, que gostava imenso de meter à bulha.

— Larga-o o quê?! Tá-te lá quieto! — respondeu o ruivo, com os olhos injectados, mascando água e lôdo bebidas no pego.

— Às abarcas, p'ra li? É o que queres?... Pois vamos! — disse Jónatas, e puxava novamente o Leocádio para as limugens.

O Leocádio, ainda meio sufocado, piscando os olhos, obedecia maquinalmente.

Uma vez no ponto em que a água mais se espraiava, Jónatas agarrou, sem dar palavra, o ruivo, de través pelo ombro e as costelas, e baloiçou-o.

O Leocádio escorregou e ficou de joelhos, enquanto, de pé, com os braços passados ao pescoço do rival, Jónatas esperava que êle se levantasse para continuar a luta.

— Isso! Fôste ao charco, e agora pões-te a adorá-lo!... Aquilo é por êle o ter livrado da morte! — disse o Barrela, invectivando o ruivo e piscando o olho a todo o séquito.

O Leocádio, que se conservava, havia momentos, naquela posição, como se estivesse a reflectir, atirou de repente uma cabeçada ao ventre de Jónatas, com tal firmeza, que o voltou de costas.

Jónatas levantou-se, muito pálido, e, com a voz embargada pela pancada que recebera, disse:

— Olha que não bati com a cabeça, sabes?

E agarrando, furioso, o ruivo, torceu-o à direita e à esquerda e rebolou com êle no chão.

O Leocádio ficara por baixo, o corpo todo metido na água. Levantava a cabeça para não sufocar.

Jónatas, cavalgando-lhe o ventre, pôs-lhe as duas mãos por baixo da nuca, para que êle pudesse respirar.

— Descansa, Guardilha, podes dormir! — lhe disse sorrindo. E, após um curto silêncio, acrescentou:

— «Ainda não queres acabar a guerreia?

— «Não, não quero, Escolheiro do diabo! Deixa-me levantar!

Os espectadores estavam outra vez calados.

A água corria, por sôbre o corpo branco. Afastava o lôdo, e fazia viver ali, numa penumbra baça, a carne, aumentada de volume, num aspecto indistinto, confuso.

No corpo de Jónatas, na pele encarnçada de vergões pela luta, alastrava uma vermelhidão sadia. Do pescoço e da espádua já não corria o sangue que a água limpava e que estancara pela tumefacção dos lábios das feridas; mas, enfranquecido, Jónatas estava cada vez mais pálido.

O Leocádio, com aquela trégua, refazia as fôrças. De repente deu um impulso violento, e Jónatas viu-se voltado de lado, depois por baixo.

Em vez de lhe levantar a cabeça, o ruivo tenta mergulhá-la. Jónatas, levantando-a, resistia.

— Eh! lá! Homem deitado não se *le* bate! — berrou o Barrela, pegando num pedregulho e dispondo-se a atirá-lo ao Leocádio.

O ruivo temeu e cessou de impelir a cabeça de Jónatas que, torturado, continuava a sustê-la fora de água.

Em novo impulso, o moreno, abraçando o ruivo, voltou-se, e ambos se estorciam de lado, esbaforidos, soprando a água, as carnes na penumbra, os ombros brilhando ao sol.

Depois, viu-se o Leocádio empunhando um pedra, ao mesmo tempo que soprava como uma foca. Soerguendo o tronco, conservava a mão que empunhava o seixo, ao alto, por sôbre a cabeça de Jónatas. Baixou a mão de repente. Jónatas, que estava de cabeça rente à água, desviou-a lestantemente. A pancada fez saltar a água, e o seixo bateu de encontro a outro seixo.

O ruivo conseguiu, dentro em pouco, pôr-se de joelhos, um braço passado em volta do pescoço de Jónatas, na posição que Jónatas ha pouco tivera.

Então Jónatas elevou, por seu turno, o braço. Empunhava um calhau, por sôbre a cabeça de Leocádio. A mão desceu com rapidez segura e a pedra feriu o ruivo no ócciput. O sangue aflorou tingindo a água em volta da cabeça do Leocádio. Êste esmoreceu. Principiou a gritar e a gemer.

Jónatas pôs-se em pé, e, puxando-o pelo braço, disse:

— Fizeste-me sangue, fiz-te sangue. Estamos pagos... Levanta-te, anda! Vamos p'ra fora d'água. Ajustamos as pazes...

O ruivo levantou-se e sacudiu, num gesto de desprêzo, a mão que lhe pegava.

— Fora d'água! Já p'ra fora d'água! — bradava o Barrela.

O Rodrigo, que fôra buscar uma pedra, dispunha-se a servir-se dela contra Jónatas. Mas o Conchinhas tirou-lha da mão, dizendo muito ancho:

«A conversa é só de homens».

— Acabou! acabou a contenda! — completou o António Rolão vendo o sangue escorrer pela nuca do Leocádio.

O Morcêgo pôs-se a latir desesperadamente.

Os suínos, largados pela matula, corriam pelo mato, roncando em liberdade.

Jónatas e Leocádio, a pouca distância um do outro, caminhavam para terra. Ambos levantavam as pernas com dificuldade, como se a baixa camada de água lhes pesasse arrobas sôbre os pés.

Chegados à margem, o Leocádio correu para Jónatas, e beliscando-o num braço, berrou alto: «Morcego, olha que me roubam!...»

O cão investiu com as pernas de Jónatas mordendo-as, rosnando e latindo furiosamente.

Era como uma fera do Círculo Romano soltada sôbre condenado. Mordia com prazer, com ânsia, com ferocidade.

Jónatas, não podendo suportar as mordeduras, nem sabendo como livrar-se, principiou a rebolar-se pela terra. Mas, o cão, ora se afastava ora investia, mordendo Jónatas nos ombros, no ventre, nos braços, no próprio rosto.

O Leocádio berrava sempre: «Morcego! Olha que me roubam!...»

O Morcego continuava mordendo.

De repente, ouviu-se um estoiro sêco e o ruído dum baque no lôdo.

Do grupo partira um tiro de pedra que dera em cheio no ventre do Leocádio, prostrando-o.

— O raio do cão parece mesmo marfado! — gritou o da Russa.

O Peliça, o Conchinhas e o Barrela correram com todo o séquito para a areia e principiaram a apedrejar e pontapear o «Morcego». O cão gania e fugia, pela riba.

Jónatas levantou-se, cheio de feridas, donde manava muito sangue. Vendo que êle não estancava, pôs-se a deitar sôbre elas areia sêca. O sangue, apesar de tudo, corria.

O Leocádio, que se levantara e se vestira à pressa berrou: «Morcego! P'ra casa!». O cão obedeceu, correndo para o mato.

Soava, de longe, naquele instante, um vibrante assobio quadrado.

— Raspem-se, que é o pai dêle que aí vem! — gritou o Rodrigo.

A malta correu desordenada.

Jónatas meteu os dedos anular e índex na bôca pretendendo assobiar, mas apenas lhe saíu um fraco sôpro.

Perdia todas as fôrças. Tremia como varas verdes e esvaía-se-lhe a luz dos olhos.

Principiara a vestir-se, mas as mangas da camisa tinham-se embaraçado.

Os assobios de Valério sucediam-se, quási ininterruptamente.

— Fugam, que vem aí o pai! — continuava a gritar o Rodrigo.

A malta corria cada vez mais.

Jónatas, ficara sòzinho, muito pálido, todo ensangüentado, uma manga da camisa meio vestida, outra completamente por

vestir, sentado sôbre os juncos. Reclinou a cabeça para trás e ficou sem acção. Sentia as fôrças a esvaírem-se-lhe cada vez mais. Não se sentia com valor nem para levantar um braço.

O assobio de Valério soava mais de perto, mas Jónatas, numa espécie de entorpecimento de todo o seu ser, parecia ouvi-lo de muito longe, quási apagado, como lá de outras regiões, dum outro mundo que não fôsse aquele mundo vago em que se sentia agora transportado. Imóvel, como desmaiado, dir-se-ia adormecido.

Entretanto, o sangue alastrara por toda a camisa, tingindo-a de vermelho intenso.

— «Filho! meu querido filho! Quem te pôs neste estado? — disse Valério aproximando-se, e pegando ao colo naquela espécie de pequeno Cristo.

Jónatas articulou a custo:

— «Guardilha... Morcego...». E a cabeça, cujo rosto era pálido de cera, pendeu exausta sôbre o ombro do pai.

Valério estugou o passo a caminho da cabana.

\* \* \*

Dois dias depois, no largo da igreja, o Conchinhas, que se desaviera com o Leocádio por ter apanhado muito mais confeitos que êle nas correrias dum casamento, dizia-lhe:

— Cuidas talvez que sou como o Escoleiro, que se deixou levar de ti? Pois enganas-te!... Bem sabes o que lhe *fizestes!* *Assomastes-le* o cão, que o mordeu todo. Lá está de cama, sem se poder mexer. O doutor da vila disse que é um milagre se êle escapar! P'ra que *le assomastes* o cão, anda? E se êle agora morre?

Muito calmo, o Leocádio respondeu:

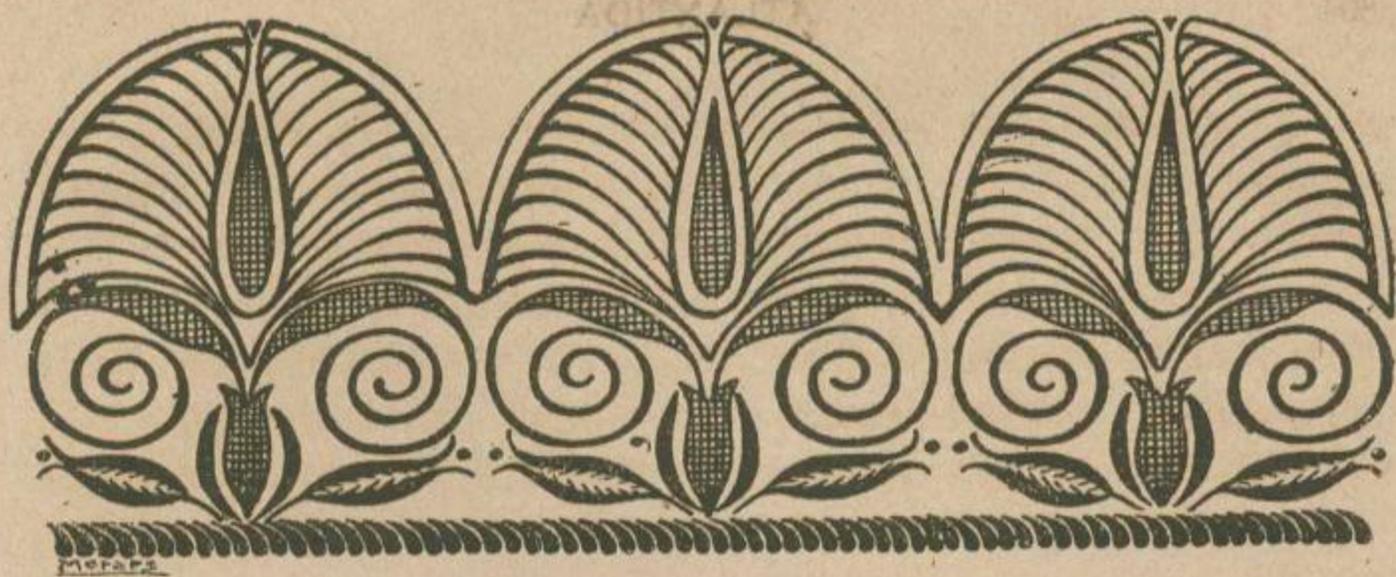
— Quero cá saber! P'ra que me andava êle sempre a dizer: «Tenho razão e p'la razão, ninguém me vence?»

Que me importava lá isso?... Êle tem razão, tem? *Tá* bem. E eu tenho um bom cão, que morde quando eu quero. Vê lá agora qual é melhor, anda!»

E o Conchinha, reflectindo um pouco:

— «É o cão, lá isso é...»

EUGÉNIO VIEIRA.



## O Suave Milagre

(DE UM CONTO DE EÇA DE QUEIROZ)

A Melle Rosalina Gabizo Coelho Lisboa.

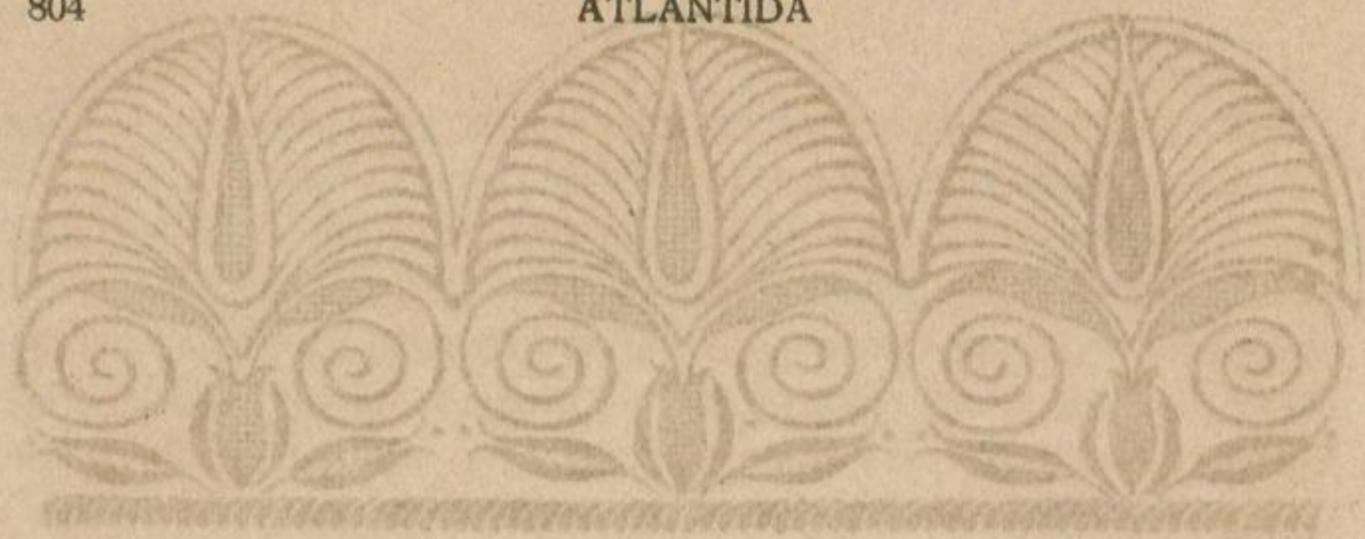
### I

*Junto a Sichem, num velho e lúrido casebre,  
Exposto à ira do vento e às invasões da chuva,  
Inditosa entre as mais, vive esqualida viúva,  
Sem que os laços do amor a indigência lhos quebre.*

*Sem azeite, sem pão e sem um cacho de uva,  
Vela o único filhinho, escaldante de febre,  
E, porque a Morte à criança o olhar não entenebre,  
Ninguém lhe traz remédio e ninguém a coadjuva.*

*E o débil ser, um dia, a abraçar-lhe o pescoço,  
Plange-lhe: — «Ouvi falar, de Jacob junto ao poço,  
Num galileu que aplaca as tormentas do mar,*

*Que os homens salva e nutre, e ama todas as crianças...  
Nele só, nele só — tenho agora esperanças...  
Corre a buscá-lo, mãe, para me vir curar!»*



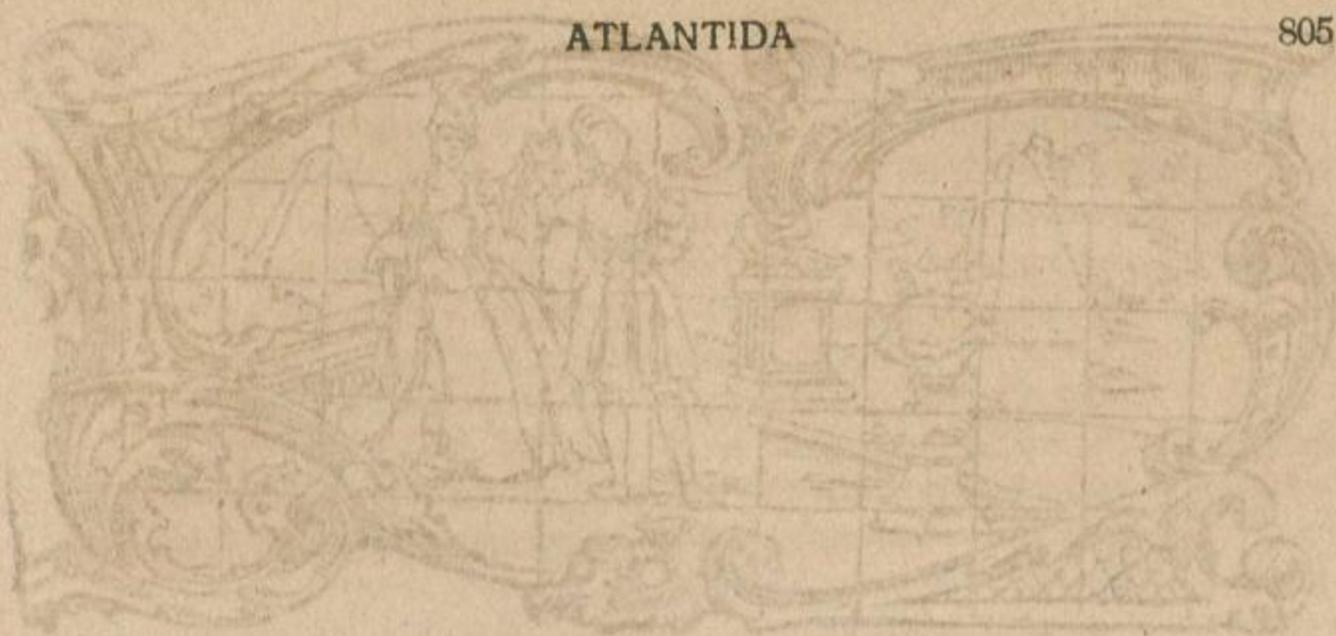
## II

*E a mãe diz-lhe, chorando: — «Ah! por estes lugares,  
O Messias passou, há tanto, e não o viste!  
Desde o Hebron até Moab e até a beira dos mares,  
Septimus busca-o em vão, com a tropa que lhe assiste...*

*Não o acha Obed, que tem servos aos centenares...»  
— «Vai procurá-lo, mãe!» o doentinho ainda insiste.  
— «A Síria é longa, filho, e, à porta dos solares,  
Nem humanos nem cães têm compaixão do triste!»*

*— «Vai procurá-lo, mãe!» de novo a criança roga.  
E a viúva: — «Está, decerto, a ler na sinogoga...  
Mas devo aqui deixar-te, a sós e doente assim?»*

*Jesus anda tão longe, e a dor connosco mora!  
Como há-de a minha queixa ouvir, se eu, qual outrora,  
Só sei ir, fiel, orar no alto do Gerazin?»*



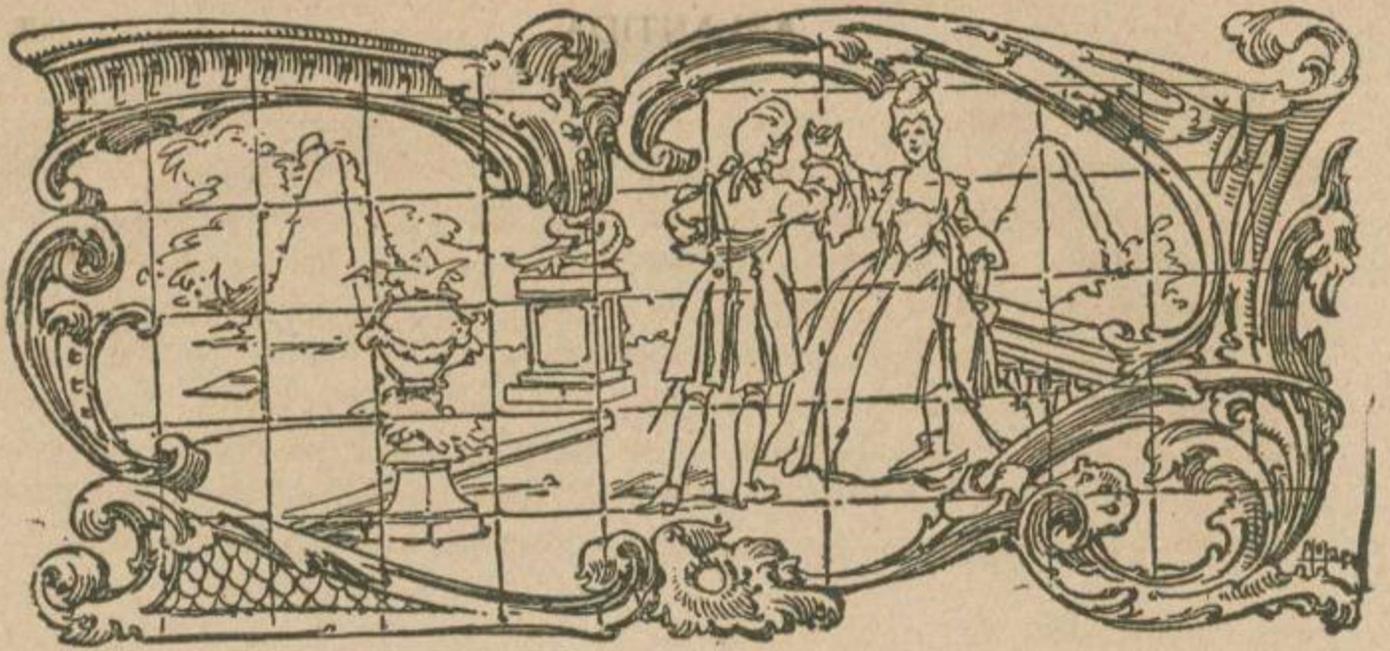
## III

*Quedou-se, há muito, a voz dos zagais e campinos,  
Além. No seu grabato, a pobre criança enfêrma  
A' inconsolável mãe ergue os braços franzinos,  
Enchendo dêstes guais a noite plácida e erma:*

— «*Eu sei que o bom Jesus, mais sábio que os rabinos,  
A todo mal dá cura. E espero-a em vão... Trazer-ma  
Porque não vem? E eu morro... Ah! se ama os pequeninos,  
A canção, que lhes diz, deixará de dizer-ma?»*

*E a triste mãe: — «Decerto, é já morto o Messias,  
E do humilde levou consigo as alegrias,  
E do infeliz, que sofre, a esperança levou...*

*E a criança: — «Eu quero ver Jesus!...» suspira, absorta...  
E, nisto, devagar, risonho abrindo a porta,  
O Cristo apareceu, murmurando: — *Aqui estou!**



## A «Epopéia Humana»

Eu conheci-o muito bem, fui mesmo, até, da sua intimidade, principalmente nas horas vadias da boémia, quando êle tinha a paixão branca do luar, e amava silenciosamente, no ermo, as ruínas chorosas do passado.

O João pertenceu a uma dourada geração de eleitos que deram ao pensamento a forma harmoniosa, e criaram, à fantasia, asas vermelhas em que ela pôde voar até os astros. Foi nesse tempo que a árvore sagrada do génio que na divina Grécia florira em frutos imortais, e quinhentos anos se manteve estéril, renasceu longamente sob o luar ocidental, enchendo de perfumes os *ateliers*, e coroando a alma de fôlhas verdejantes.

Foi, na verdade, uma época de renascimento. Em Balzac renasceu a Idea; em Rodin renasceu a Forma; em Izadora Duncan renasceu a Graça. E, assim como outrora, de Cartago, irradiava a Opulência; e de Florença irradiava o Sonho, e de Jerusalém irradiava a Fé, de Paris, então, irradiou, pelo mundo, a Beleza. O sonho do homem fez-se asa; pulsou nele, estranhamente, o fogo de Prometeu. Como em Atenas, as multidões iam, entoando hinos apoteóticos, coroar de flores os poetas, os santos e os heróis; e já nas praças de Roma, ressurgida, não se ouvia sómente o pregão utilitário dos mercadores, que vinham de Alexandria vender a lã acariciadora dos rebanhos.

A abelha humana renasceu na colmeia de ouro, e o mel divino, em báttega, correu outra vez pelo mundo! E todos os homens dessa geração foram grandes; todos êles puderam fazer alguma cousa que fôsse imortal. Só João transitava invisivelmente e, da rua, entre a turba dos anónimos, parecia assistir, sem estremecimentos, ao desfile triunfal dos novos heróis. E por isso os do seu tempo lhe chamavam impotente, ou o acusavam de ter abdicado da glória — abdicar da glória, que sacrilégio!

Mas o que fazia João? Nada: vagueava na noite, sob o grande céu da península e as falas acolhedoras do luar.

Os boémios, os mendigos, as meretrizes, — todos os noctívagos, viciosos da noite que não se deitam jamais sem saudarem, na altura, o sol nascente, conheciam-no de o verem, madrugada fora, a assobiar sòzinho a ária dormente dos que trazem na alma uma dor ou um pecado, um grande amor ou um sonho de glória. A noite parecia absorvê-lo; percorria-a longamente, em largos passeios que só terminavam sol alto. . . .

— Sabem? É quando tenho a certeza de que o luar não volta. . . — explicava êle, meio sério, meio risonho. E, se lhe perguntavam porque preferia a paisagem nocturna e fugia do claro dia, das grandes tempestades de sol, o João dizia cousas no ar, ou fazia literatura, com um pouco de ênfase.

— A noite é um grande mar cheio de sol! Um sol acolhedor, discreto, morno e luminoso! Oh! a Noite é boa. . . Ela tem a ternura, a tristeza, o silêncio. Tem, também, a delicadeza, a affectividade, a graça, a alma. . . A noite é o dia dos fracos e dos tímidos; ela dá-lhes facilidades enormes para os planos mais diffceis. . . É quando os outros dormem e, quando todos dormem, os fracos sentem todas as heroicidades.

E, mais baixo, um pouco ruborizado:

— Principalmente, ao luar disfarça-se muito rasgão no casaco. . .

O João tinha grandes abstracções na noite; às vezes succedeu-me encontrá-lo diante dos monumentos, seguindo no céu o vôo das agulhas rendilhadas que ascensionavam alto; outras vezes ficava imóvel, de olhos calados, horas e horas sentado no sopé das estátuas.

— Mas para a história! O que fazes tu para a história? disse-lhe eu, uma noite em que íamos juntos jornadeando a madrugada.

Êle olhou-me de longo, e eu vi que a sua cabeça resplandecia, e o seu braço se levantava, inspirado, ilimitado, debaixo dum grande luar que inundava o mundo.

Estremeci; julguei ir ouvir a palavra reveladora. Evidentemente o sonho tomava nele forma; da rocha ia, enfim, brotar, explêndido, glorificador, o veio de água há tempo oculto. E como que vi D'Annunzio, na noite suggestionadora de Veneza, a clamar o seu sonho de arte sob a pancada do vento que corria doido nos canais! Mas não; o clarão apagou-se logo. O braço dêle caíu desoladamente, e de alto, e de luminoso, e de ilimitado ficou apenas o grande luar que inundava o mundo.

— Mas ouve-me! Atende-me! clamou então. E agarrou-me quâsi ferozmente, e pôs-se a arrastar-me pelas ruas fora, através dos bairros nocturnos, onde havia desalinhos torvos de casebres, desiguais como árvores.

— Vem comigo, ouve-me!

Foi uma corrida doida através da cidade adormecida, por calçadas íngremes demandando a altura, subindo sempre, ascensionando sempre, como numa aspiração alada do espaço. Por nós passavam vultos lentos, que pareciam na noite como feitos de névoa; havia, às esquinas, idílios pagãos; e, pelos andares de linha desvairada, florescia cravos brancos em vasos vermelhos de barro. Quando êle parou, desgrenhado e ansioso, doíam-me os pés daquela galopante jornada em meio da noite morna. Era madrugada, tinha passado o lento luar; e na sombra via-se subir, fantásticamente, em acastelamentos lóbregos, a casaria cariada dum bairro triste, onde a cidade parecia ficar a cem léguas.

É ali ! disse-me êle, apontando um casebre descarnado, de cujas varandas pendiam farrapos, como lágrimas. É ali o meu lar ! Alguns dêstes farrapos pertencem-me, são os lençóis da minha cama ! Herdei-a dum mendigo que morreu coberto de lepra . . . Ninguém a queria, fiquei eu com ela. E hoje possuo, finalmente, um leito ! Vou mostrar-to, sobe comigo. Vem, não te assustem estes vultos que perpassam na escada. São bandidos que recolhem da jornada nocturna . . . Os bandidos são bons: têm a coragem, o desassombro, a isenção. Cultivam o crime por audácia, como o burguês cultiva a virtude por cobardia. Desengana-te: não há história de santo que valha a história de qualquer salteador . . . Vem ! E talvez que o meu lar te sugestione alguma obra imortal, oh ! herói !

Só então eu soube como o João era desgraçado !

\*\*\*

Fôra-se a primavera engrinaldada de rosas, veio o outono friorento, cheio de redemoinhos de árvores, de desolações, de arrepios, de desesperos. Cidade fora, pelos jardins camarários, as flores lançavam-se desvairadamente ao vento, atrás dos últimos pássaros que soluçavam a elegia da luz. Os friorentos, que vinham de fazer, regaladamente, a caminhada luminosa de Agosto, buscavam, nas largas praças cheias de fôlhas, os últimos raios do sol ; e o luar era agora álgido e lívido, como as lágrimas que chora, no ermo, a melancolia.

Foi numa tarde dessas que o João me apareceu, estendendo também para o sol os dedos regelados, e quási radiante na desolação daquele dia outonal.

« — Vou casar ! Sabes ? » E a sua voz tinha uma doçura imprevista, e os seus olhos, onde dantes havia desvairamentos, ansiedades, agonias, abriam-se agora num claro de azul que era satisfação, esperança, confiança . . .

Nesta altura, destinos diversos separaram-nos. Êle ficou ; eu fui para a montanha, mergulhei amplamente na intimidade das cousas simples e, durante anos, ouvi o chocalhar rústico dos rebanhos, e vi as águias voarem até as estrêlas, sem se abrasarem nas labaredas do sol. Às vezes chegavam-me notícias do povoado ; os jornais falavam de crimes, de triunfos, de revoluções — o pó de ouro das cidades. Do João nunca mais cuvi falar ; certamente vivia feliz na obscuridade, renunciara definitivamente à glória.

Quando regressei aos *boulevards* a primeira pessoa conhecida que me apareceu foi o João. Correu para mim com os braços cheios de abraços, numa efusão de ternura onde havia um pouco de destrambelhamento. « — Ainda bem que te vejo ! Ainda bem ! » O João estava velho, tudo nele como que caía aos pedaços. Apenas a cabeça se iluminava ainda, como nos tempos em que passeava ao luar. Era como uma bela árvore de um século que, tendo fecundado cem vezes, ainda dos seus ramos espalha, ao sol, um pouco de sombra . . .

Julgo que nos meus olhos havia interrogações, porque êle disse :

— Eu conto, eu conto . . .

E pôs-se a caminhar com passos febris. As ruas estavam cheias duma multidão que ia e vinha, em redemoinho ; e eu pude ouvir, de novo, os passos do homem ressoar alto no globo, naquele galopar vertiginoso de cousas a caminho dum destino. Andavam pelo ar falas de aço, gigantescas e confu-

sas ; passavam pregões, almas, gritos, equipagens. E, uma como que imperceptível neblina que subia das ruas, dos lares, das cousas, e parecia ascensionar, em nuvem, ia formar, no alto, como um cenário pardacento, onde, dir-se-ia, havia choros, glórias, crimes, revoltas . . . Era o sonho do homem que subia, e chorava, e cantava, em alegria, em cólera, um hino.

E êle começou assim :

— Disse-te, um dia, que casava, e casei. Eu sentia-me tão só . . . Precisava de amar alguém, para quebrar o silêncio enorme da minha alma. Á roda de mim, como nas cidades abandonadas, tudo era solidão e imobilidade. Já nem o coração batia . . . O destino deu-me, de resto, uma mulher que era um anjo. Nas suas mãos brancas bebi o mel dourado da alegria. Com ela aprendi a ter coragem. Ela deu-me heroicidade. Pus-me a trabalhar ; e fui tanto maior, quanto é certo que não trabalhava para a posteridade, mas — para o pão de cada dia . . . O pão de cada dia . . . oh ! o que êle custa a ganhar ! Empreguei-me em tudo ! fui mestre escola, agenciei vinhos, tirei fotografias . . . A minha última ocupação foi numa casa de jôgo. Era como aqueles namorados românticos que cultivavam a heroicidade e chegavam a ser épicos e o faziam, não para a celebridade, não para a história mas — para a janela fronteira ! E tive um filho . . .

Calou-se, de súbito, com um grande soluço. Seguia de cabeça baixa, os olhos arrastando na calçada. E eu disse comigo que o filho lhe morrera, quis ver logo, na tragédia desse homem, trivialmente — a saúde dum pai.

E êle continuou :

— Tive um filho que beijei à luz consoladora do sol, como a suprema graça que Deus me concedia. E o que êle era de formoso ! Os outros pais olhavam-no com inveja e despeito ; e sei de virgens que idealizaram, para si, um filho assim . . . mas o que principalmente fazia a minha glória era a inteligência dessa criança. Quem o ouvia exclamava : «Pobre menino, não és deste mundo !» E eu, glorioso dêle, apertava-o de encontro ao coração e dizia-lhe : «sais ao teu pai, filho !» Passaram anos, e, a pouco e pouco, nasceu em mim uma preocupação. O que viria a ser essa criança ? Evidentemente um grande homem ! Sim, teria um sonho belo, faria uma obra . . . E eu via-o já esplêndidamente nas asas da fama, aureolado, e, por fim, entre cortejos, entre desfiles, a sua cabeça engrinaldada aparecia na praça pública, dominando, do alto duns metros de mármore, no bronze eterno das estátuas !

Parou, olhou-me um momento.

— Dize-me : não é certo que, para o homem de talento, só o talento é digno de admiração ?»

E o João olhava-me ansioso, repetia : — «Dize !»

Eu não sabia o que responder, que não servisse a tornar mais angustiada ainda aquela alma. Um pouco no ar, sem calor, pronto a desdizer, se as minhas palavras o desgostassem, falei vagamente em virtude, em bondade, em trabalho . . .

— Sim, sim, balbuciou êle. Eu também assim penso . . . O trabalho é nobreza. A virtude é beleza . . .

Seguiu de novo, de vagar, no mesmo passo lento, a cabeça baixa e os olhos caídos.

— Eu também julgo assim. Mas o meu raciocínio não valeu ; e eu pen-

sava comigo que, se o meu filho viesse a ser um grande homem, desprezaria pelo pai, um anónimo . . . Desprezado pelo meu filho! Este pensamento agarrou-se a mim como uma víbora. Debalde o raciocínio me dizia que o meu pensamento não era humano. Fui buscar exemplos à história: Balsac era filho dum mecânico humilde; Shakspeare não se envergonhava de dizer que seu pai era carniceiro. E Vergílio, e Eurípedes, e Demóstenes, e Rousseau, todos igualmente nascendo em lares ignorados. Quási sempre os heróis têm uma ascendência humilde. A natureza não constrói dinastias de santos; e, para produzir um grande homem, ela que constrói milhares de homens, leva-lhe às vezes um século. E fui ainda pela natureza, e vi a isenção admirável com que as raízes se escondem na terra, cada vez mais para o fundo, para que as florações venham esplendorosamente para a luz do sol . . . E vi ainda as nascentes dos rios ocultarem-se, no sopé das montanhas, longe do mar imenso e poderoso . . . O meu orgulho de homem inteligente não atendeu a nada, e eu passei noites de febre e desespero. E concebi, então, uma cousa horrível . . .

E êle, aqui, parava, para levar a mão ao coração. Estava lívido, arrancava grandes e fundos soluços. «— Matou-o! Matou o filho!» pensei eu, encarando João com um horror banal. E, alto, abanei-o sem piedade, gritei: «Assassino, tu!»

Êle parecia não ouvir. Tínhamos chegado à beira do rio; a tarde morria, docemente, num céu esbraseado. E a voz dêle, em meio do sossêgo das cousas, era como um soluço imenso do sol tombando na linha imensa do mar . . .

— Concebi, então, uma cousa horrível: apagar nessa criança todas as faculdades da intelligência, inutilizá-la para todo o labor mental futuro!

Estava, de novo, calado e assim estive uns minutos, imóvel, como espantado, num quási ar de idiotia. Depois, de lento, avançou na luz rubra do ocaso, como entre labaredas. Falava como para si, dir-se-ia esquecer que eu seguia a seu lado.

— Matar-lhe ia o sonho ao nascer; a árvore do génio é espontânea, eu sei. Mas há meio de a tornar infecunda, se a envenenam, com as primeiras florescências, a raiz delicada e tenra. Hesitei muito, chorei muita lágrima. Por fim resolvi-me! Sim, o meu filho não seria jamais o juiz da minha impotência! E, sombrio hortelão da morte, eu atirei-me doidamente à execranda tarefa de envenenar aquele arbusto . . . Ia lívido, mas resolutivo; levava as mãos tintas de sangue, mas caminhava como se as levasse cheias de sol . . . Oh! E como eu fui perfeito nessa obra de aviltamento . . . Não esqueci um pormenor, não tive um descuido. Desviei o pequeno da escola, dei-lhe os contactos mais afrontosos. Fui mesmo, mais tarde, até o extremo de lhe dar uma profissão onde uns restos de visão estiolassem! A mãe chorava em silêncio, sem protesto. Ela era boa, terna, obediente. Depois, ela sabia da minha agonia.

Devo dizer-te que tentei trabalhar, que passei horas de febre a conceber uma obra. Fui para as montanhas, para o sol, para a luz, onde vive feliz a alma mineral das pedras. Mas a montanha não me tocou. Olhei, firmemente, a vida, a dor, a miséria, a alegria, a graça; abracei-me aos monumentos, às árvores, às flores, à tempestade; evoquei o vento, o mar, a campina, e nada! A alma desejava, mas o espírito não concebia. Tinha o sonho, mas não tinha

a visão. Tinha a intuição do vôo, mas faltava-me a asa. E foi então que pratiquei o crime . . .

Parou, de cansado. Era noite longa; brilhavam estrêlas que pareciam boiar na neblina alta do rio. Êle olhava o céu, a água, os montes distantes, tudo quanto à sua roda tinha uma palpitação — e nesse olhar havia uma expressão de súplica, como um pedido de perdão dirigido à grande alma universal. Assim esteve muito tempo, soluçando. Eu chorava. As cousas, à volta de nós, pareciam chorar também, tomadas daquela angústia. Depois, de súbito, disse :

— Não sabes, talvez, que sou hoje rico. Um parente que, à hora da morte, se lembrou de que eu existia . . . Tive um palácio, estofos, preciosidades, um *atelier* suggestionador . . . Foi nesse cenário de esplendor que um dia, naturalmente, sem esforço, o sonho tomou forma . . . Do bloco de mármore saía, finalmente, para a luz, a grande obra. Chamei-lhe *Epopéia Humana*. Representava o triunfo do homem sôbre Deus. Belo, não achas? E que soberba modelação na figura! Que expressão nos olhares, que calor nas carnes! Aquele mármore frio, escaldava! Ouvia-se, nessa pedra, o verbo de Deus. O homem falava, cantava, ria. Exibi, entre amigos, o meu grupo. Houve quem chorasse de entusiasmado. Faltava, porém, o principal — faltava o meu filho. Para êle foi que eu trabalhei. Preparei uma grande festa. Chamei os críticos, os professores, os artistas, as mulheres do mundo. O meu filho seria o anfitrião. E, na verdade, veio tudo, chamado pela fama que aureolava já a minha obra. Propositadamente não tinha deixado que o meu filho visse a *Epopéia Humana* . . . Mas onde estava êle, que não aparecia? Corremos os parques e os salões; subi aos mirantes, tão altos, que as águias vão ali desfraldar a bandeira das asas. Os meus convidados seguiam-me, inquietos. E, por fim, encontrámo-lo . . .

Parou, de repelão, os seios a arfar, as fontes a latejar, e irresistivelmente, atirou-se sôbre o meu peito :

— Deixa que eu chore, meu amigo! Deixa que eu chore!

As palavras, a princípio, saíam-lhe num clamor. Era uma voz de uivo, tórva, canina até o latido. Depois, a pouco e pouco, tornavam-se lentas como gotas de água dum rio que secou, por muitas leguas de terreno, desde a nascente à foz . . .

— Encontrámo-lo; estava no *atelier*, onde, esplêndidamente, se descobria a estátua. Um muro de quinta, pintado de fresco, não guiaria melhor os dedos malévolos dum garoto de escola . . . Não é facto que uma legenda brejeira amesquinha um monumento? Não é verdade que uma obscenidade, traçada no sopé duma cruz, quási ofusca a alma do Mártir? E foi o que a minha *Epopéia* inspirou ao desgraçado . . . Calculas o resto, não é assim? Peguei num maço e despedacei a obra . . .

Deixava cair os braços, calava-se. Ia alheado como estrêla que passa alto. Por vezes tive de o desviar, no cais, da linha do rio, para onde parecia caminhar como cego.

— Ora, exclamava então, encolhendo os hombros — o Tejo secou! Só o génio é imortal, e o génio da água está no mar . . .

Voltámos à cidade. Era noite alta. As ruas estiraçavam-se, cheias de sombras, entre a luz. A casaria dormia. Êle falava para o vácuo, a dialogar

com o silêncio. Depois sossegou. Parecia calmo; julguei mesmo que nos seus lábios pairava um sorriso.

— Bem, vou-me ! E parava, estendia-me a mão. — « Quanto à história do rapaz, esquece isso. A verdade é que é indecente ter um filho estúpido... »

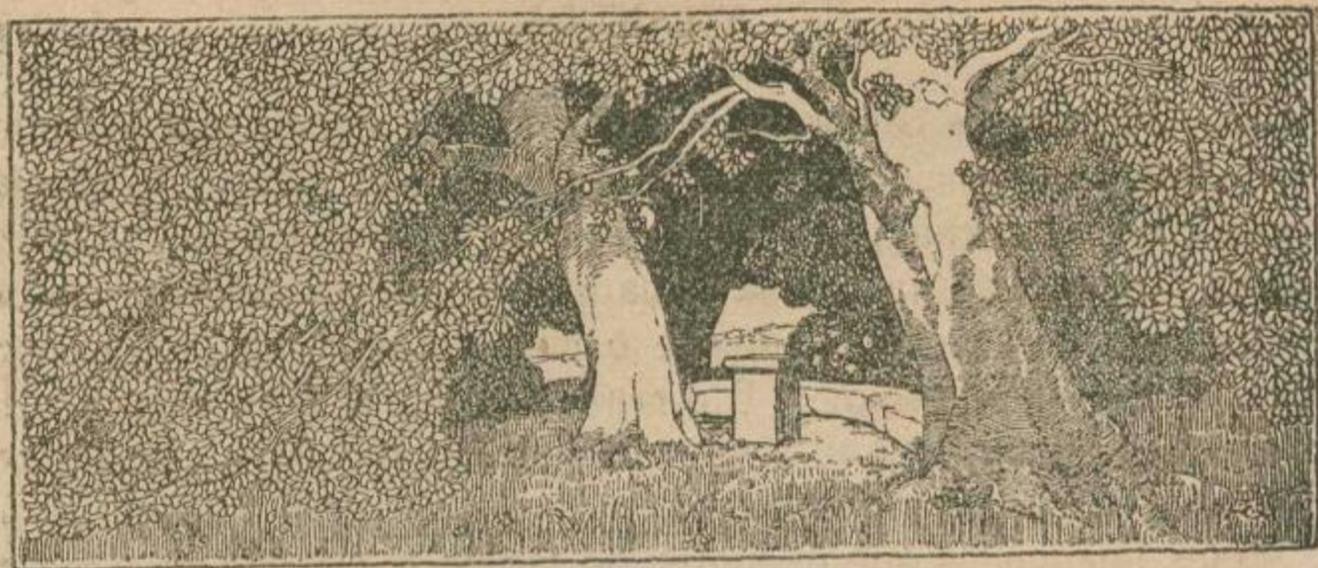
Olhou-me ainda, com a minha mão na sua. Tinha os olhos brilhantes, como que cantava neles uma revelação, — « Ouve... Isto aqui para nós... » Hesitava, puxava-me cada vez mais para si. E, quasi em segredo, ao meu ouvido :

— Vai amanhã ao meu *atelier*, quero mostrar-te a *Epopeia Humana*. Eu não a despedacei... Foi o meu primeiro impulso — era o sentimento de pai... Mas logo veio o orgulho do artista... Sempre a vaidade a dominar, em mim, o coração... Adeus ! E aparece, hein ?

ARNALDO PEREIRA.

(Dum velho livro inédito)





## O Jardim dos Rouxinóis

Meu pai tinha-me escrito: «Há quanto tempo te não vejo! Precisamos de conversar, preciso de te abraçar. E depois, meu Poeta, há no jardim quatro ninhos de rouxinóis. As pobres avezinhas cantam toda a noite, desesperadamente, como à tua espera!...» Parti. Não para ouvir os rouxinóis, confesso, mas para abraçar meu pai. No entanto, logo que cheguei, êle foi-me mostrar as árvores onde os ninhos poisavam, — árvores que desde a infância eu amava, e cuja sombra doce me era familiar. O jardimzito — um desses pequenos jardins de província, ocultos entre muros altos — rescendia. Era uma embriagante harmonia de perfumes — em que subiam, mais fragrantes, o odor suave das rosas e o aroma intenso das glicíneas. Ah! dormir embalado por todo êsse perfumado ambiente, em que os sonhos de amor deviam ser mais amorosos, em que as vigílias de paixão deviam ser mais apaixonadas e mais impetuosas! E, como eu andasse triste, cansado da vida e ansioso de viver, resolvi pedir que me arranjassem uma cama na galeria envidraçada sôbre o jardim, que as trepadeiras engrinaldavam e que os perfumes invadiam, voluptuosamente. Ali dormiria uma noite bem dita, ouvindo no meu sono o eco indistinto do canto dos rouxinóis. E talvez apreendesse para a minha arte qualquer ritmo novo, qualquer melodia inédita, qualquer música ainda não adivinhada...

Mas, quando a meia-noite chegou, e eu, já deitado, procurava dormir, eis que os rouxinóis, que até aí tinham cantado todos ao

mesmo tempo, se calam por momentos : — e, depois, um só canto se eleva no silêncio claro da solidão estrelada. Um canto que já não é simplesmente gorgueio, trilo, pipilação : mas em que eu ouço uma voz que me fala, uma alma que se debruça sôbre a minha alma, um coração que entende o meu coração, um anseio que exprime o meu anseio... E o rouxinol canta — e eu ouço :

«Meu amigo, eu sou a saúde da tua infância. A esta árvore donde eu te falo, subiste muita vez para descobrir os horizontes longínquos que os muros do jardim te escondiam — e dos quais tu supunhas ver um dia surgir não sei que luminoso, que fulgurante, que fecundo sol. Já então, meu amigo, tu sonhavas o impossível ! Mas o teu sonho era ingênuo, e o teu desejo era puro. Com tua irmãzinha, -- lembraste ? — dormiste muita vez à sombra destes ramos, nos dias de calor tórrido, em que te fatigavas de correr e de brincar. E as vossas mãos entrelaçadas diziam a amizade honesta que não mente, o sossêgo virginal de duas cândidas aspirações, a ternura que reconforta e anima. De noite, quando eu — rouxinol-avô que te vi nascer — começava a cantar, já tu tinhas adormecido, como as flores e como os canários. Mal tu sabes que muitos dos sorrisos que teu pai surpreendia então na tua bôca, apenas agitada por uma respiração tranqüila, eram despertados pelas lindas histórias que eu te contava ! E como eu gostava de te contar histórias ! Como tu me entendias bem, como tu acreditavas em tudo o que eu inventava : — fadas, bruxas, reis poderosos com espadas de diamante, princesas vestidas do esplendor de estrêlas, gnomos e lobisomens, quimeras, ilusões, vidas admiráveis e divinas ! Hoje — teria vergonha de cantar assim. Não me entenderias — ou zombarias de minha imaginação excessiva. Guardo as minhas histórias para os teus filhos. E, no entanto, meu amigo, quem sabe se ainda me faria compreender da tua alma — e se há em ti, bem no fundo do teu espírito corroído de septicismo e de cansaço, um pouco de paz solitária, onde o meu canto inocente se possa fazer ouvir ! Talvez... Mas tenho tanto medo das tuas ironias, tanto medo!... O melhor é calar-me!... Adeus!...»

E o rouxinol calou-se. Comovido, gritei-lhe que não emmudesse, que o entendia bem, que era para mim um grande reconforto evocar pela sua voz a alegria da minha infância. Mas não foi êsse rouxinol quem me respondeu. Foi outro.

Foi outro rouxinol, que disse :

« — Meu Poeta, eu sou a lembrança viva do teu amor — dos teus amores. Na minha voz, se a ouvires bem, passa o murmúrio dos beijos longos que tantas bôcas prenderam à tua. Passa o grito da paixão, que não pode sufocar a sua dor, e o lento espreguiçar da volúpia, que entorpece o sangue e fuzila no olhar. A angústia das saúdades que não cessam, e das horas de ciúme em que a loucura paira, eu a digo também. Digo a febre das carícias vagarosas que envolvem o corpo lento e lento numa sêde de luxúria; a violência dos abraços que prendem e esmagam a carne da amante, num delírio de posse que parece não poder terminar; e a sensualidade que embriaga e exalta, como o vinho generoso, e que às vezes, como um vinho venenoso, endoidece e mata. Mas, sobretudo, canto a nobreza do amor profundo, do amor-aspiração, do amor que é sonho e fé e espiritualismo fremente. Canto êsse amor, que foi o teu, que será sempre o amor de todos os Poetas. Não o ouves, no modular da minha canção? Eis que nela se casam as preces do teu desejo e os desejos passados daquelas que foram tuas. Não ouves? Há a tristeza dos beijos de Maria, a saúdade dos abraços de Margarida, a melodia das frases de Filomena... E, mais aguda, mais firme do que elas, a intraduzível melancolia dessa Musa que morreu por ti — dessa que foi a mais amada e que morreu por se julgar esquecida... »

Oh! crueldade das recordações de amor! O rouxinol calou-se, e eu chorava, chorava no silêncio da noite dourada — como uma criança, como um apaixonado. Chorava — e, apesar de tudo, gostaria que o rouxinol continuasse a cantar até de manhã, naquela deliciosa tristeza de lembrar os amores antigos. Mas foi outro rouxinol que então se pôs a cantar. E dizia êle no seu canto forte:

«Meu Herói, eu sou a voz da tua ambição. Viver é ambicionar. Viver é realizar. Sob as vestes da arte em que envolvo o meu canto, sob as roupagens graciosas em que êle surge e sobe para ti, há uma energia que domina, há um sôpro épico e formidável. Sou a tua alma de lutador e de crente; a tua alma de coragem e decisão. Não são ritmos de volúpia, os ritmos do meu sonho: — mas ritmos de vitória. A saúdade, o amor, a luxúria, a paixão — tudo isso de nada vale para o meu impulso criador. O amor é grande se é um incentivo de esperança; os beijos são bons quando colhidos entre dois triunfos, na embriaguez dum triunfo maior. Nem sempre se vence, é certo. Mas é sempre necessário desejar vencer. É sempre necessário querer o poder »

e o ouro, a riqueza e o mando — não porque êles valham, mas pelo que êles ajudam a moldar a vida à imagem e semelhança do ideal interior. Vivo, canto aqui neste jardimzinho de província, onde passaste uma infância descuidada. Mas sei tudo o que se passa lá fora. No vento que faz ramalhar as árvores, no soluço do mar que vem de longe, nas nuvens que fogem pelo firmamento como levadas por uma ansiedade interminável, adivinho a batalha tremenda em que os homens andam continuamente perdidos. Sei o que vale o esforço e que sem a vontade tudo é vão. Meu Herói, eu sou hoje a tua consciência, que em melodia e em harmonia te clama o teu dever. Não desistas nunca, não hesites nunca, não duvides nunca! Viverás feliz? Que importa... Viverás orgulhoso — e o orgulho, meu Herói, é a única felicidade da vida, a única flor perene da Terra, a única certeza do homem...»

Dormiria eu? Sonharia? Como é que um terno, um carinhoso rouxinol podia encontrar na sua gargantazinha amável acentos de tal virilidade, notas guerreiras, hinos enérgicos e belicosos? O certo é, porém, que eu me sentia reconfortado e que as lágrimas tinham secado de todo sôbre o meu rosto ardente... O silêncio enchia de novo todo o jardim. E, no silêncio, os perfumes espalhavam a sua doçura penetrante. Dos quatro rouxinóis de que meu pai falara, só um ainda não viera cantar. Teria talvez fugido, ou, como se avizinhasse a madrugada, talvez não cantasse já naquela estranha noite de vigília, receoso do sol que desvenda o mistério. O céu tornara-se, na verdade, mais claro. E um crepúsculo róseo começara já a apagar, a empalidecer algumas estrêlas mais distantes. Então, num canto que se embrulhava rápido, como com medo de não falar à tempo, o quarto rouxinol começou:

«Meu Amigo, meu Poeta, meu Herói, — eu canto a Morte. Nem a quimera da infância, nem o amor, nem a ambição resistem à morte. Viver é principiar a morrer. A esperança é uma mentira, a ilusão um engano, a volúpia uma dor sem remédio. Não vivas! Não ames! Não ambiciones! Não!...»

O sol rompeu, magnífico. O rouxinol não pôde continuar. Ergui-me, olhei de frente a alvorada rutilante. Naquele dia era publicado o meu novo poema, e eu devia encontrar-me, pela primeira vez, com a mulher que há muito amava. Tinha na alma o sabor da vitória. Tinha no sangue o prenúncio de amor. Era cedo de mais para escutar a morte...



# As Colónias Escolares

## NA BÉLGICA

Aproximam-se as férias. Eis uma frase que não pode pronunciar-se sem fazer pulsar de alegria o coração das populações escolares. Essas palavras encerram em si como que uma atracção, à qual nem os mais apáticos são insensíveis.

As férias são o descanso do labor de todo um ano, por vezes bem árduo; e todos os que podem, todos aqueles a quem o inverno reteve nas cidades, pensam já nos deliciosos dias que vão passar na montanha, no campo ou à beiramar.

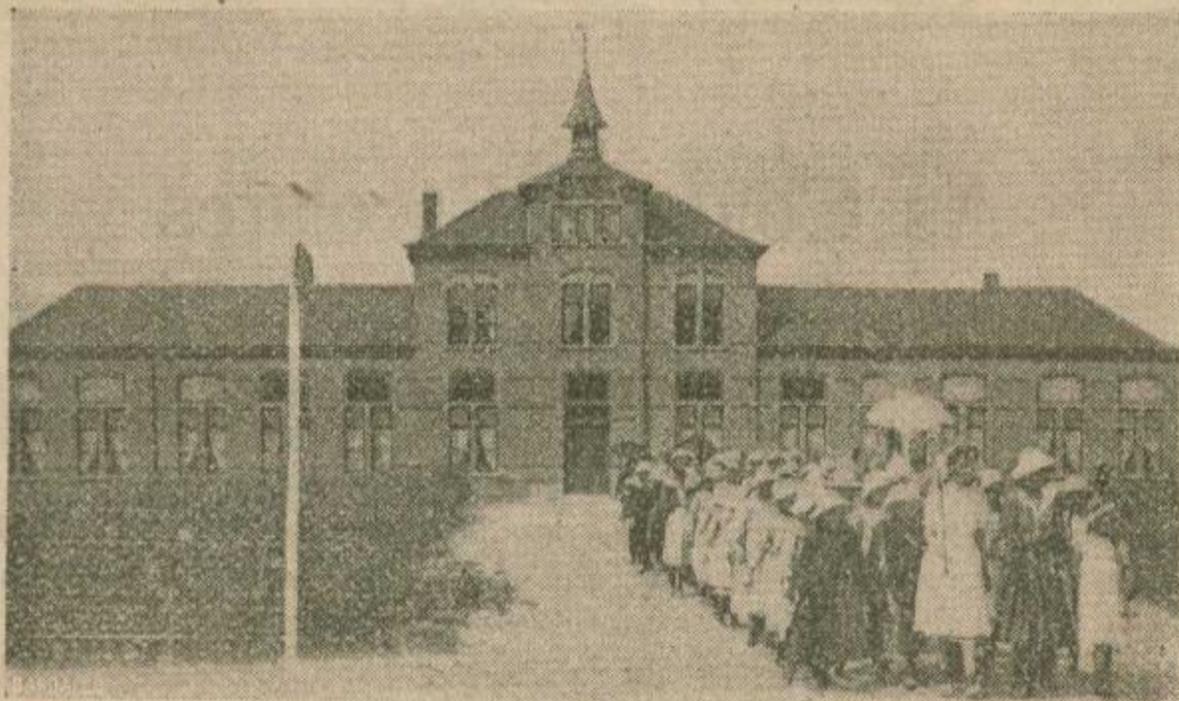
Para alguns a dificuldade maior está só na escolha, e não sabem se optar pelo sossêgo do campo com atractivos mil, se pelo espectáculo grandioso que sempre nos oferece o mar, com os seus horizontes infinitos, com os seus pôr de sol sem igual.

Vão encher os pulmões dum ar embalsamado, correr livremente, ao longo dos prados ou das praias com as crianças que lhes farão reviver com saúde os belos dias da infância, para alguns bem longínqua . . . Como é delicioso e nos enche de amor contemplar a onda que vem espriar-se a nossos pés, ouvir o murmúrio da fonte que se esconde na frescura do bosque, admirar a borboleta que de flor em flor vai esvoaçando através dos campos, enfim poder gozar à vontade as riquezas imensas que a Natureza tão pródigamente nos faculta.

Mas enquanto os protegidos da fortuna partem a retemperar-se numa aprazível estância, milhares de crianças sem recursos permanecerão sepultadas nas cidades, onde se vão definhando sem ar, sem luz, sem espaço. E no entanto ninguém deixa de reconhecer que a maioria dessas crianças, minadas pelo raquitismo ou pelo escrofulismo, precursores de todo um cortejo de misérias, necessitava também aproveitar dos benefícios que resultam para o organismo do contacto, durante alguns dias, com o ar vivificante da montanha ou do mar. Mas não, essas crianças foram condenadas pelo destino, ou a passar dias inteiros enclausuradas em casas acanhadas e pouco higiênicas, ou a

satisfazer a sua necessidade de movimento em ruas estreitas, onde a insalubridade as disputa muita vezes à imoralidade.

Dar a estes deserdados o prazer imenso de passar uma temporada no campo ou à beira-mar é uma das obras mais simpáticas que existem, de grande alcance pedagógico, social e patriótico. No estrangeiro, a sorte dessas crianças interessa desde há muito os corações altruístas que, reunindo-se em importantes associações, conseguem angariar os meios necessários para a criação de numerosas colónias escolares.



Vila de Westende

A concepção das colónias escolares não é nova. Data do comêço do século passado e deve-se ao romancista Topffer, de Genebra, que, inspirando-se na idea de Montaigne — que depois de se ter trabalhado é preciso ver o mundo, tomar ar, passear, digerir o que se aprendeu, emfim ligar a sciência à vida —, fez uma guerra sem tréguas à educação compressiva, ao estudo sedentário, à imobilidade.

O primeiro a pôr em prática a concepção do original romancista foi também um suíço, o padre protestante Bion, de Zurich, que em 1876, apelando para os sentimentos generosos dos habitantes do seu cantão, conseguiu obter em poucas semanas a soma necessária para organizar a primeira colónia de férias e enviar, durante quinze dias, 68 crianças pobres e raquíticas para as aprazíveis montanhas de Appenzell.

Êste exemplo tão cheio de amor pelo próximo em breve foi conhecido no estrangeiro, sendo grande a sua influência sôbre todos os homens de espírito e coração. A Itália, a Alemanha e a Polónia não tardaram a segui-lo com sucesso, mas foi sómente no Congresso Internacional de Higiene de Genebra, em 1882, que as colónias escolares receberam a sua consagração científica. Num notável relatório o Dr. Varentrapp expôs os diferentes modos de organização das colónias e os resultados excelentes que produziram, tanto sob o ponto de vista educativo como sob o ponto de vista sanitário, e terminou o seu discurso por êste apêlo caloroso que revela um filantropo cheio de con-

vicção: «O meu voto é que, regressando aos vossos países, vós procureis fazer qualquer cousa de semelhante». Foi dado assim um grande impulso ao movimento em favor das colónias escolares, que não tardaram a aclimatar-se sucessivamente na Dinamarca, na Holanda e na França.



Na Bélgica, país onde rapidamente frutificam todas as ideas generosas, sobretudo se essas ideas incidem directamente sobre a escola e a juventude, as colónias escolares tomaram um tão grande incremento, que êsse facto bastaria para nos impor toda a admiração a que, pela sua excelente organização pedagógica, tem jus êsse país inteligente e activo como poucos.

Dois professores ilustres, Pergameni e Vankalken, empreenderam, um na imprensa quotidiana, outro na imprensa pedagógica, uma campanha cheia de entusiasmo a favor das colónias escolares.

Foi assim que em Julho de 1886 se realizou a primeira colónia escolar na Bélgica. A comuna de Bruxelas, por proposta do vereador Kops, enviou a Cortenaeken algumas crianças pobres duma das suas escolas. Era uma simples experiência que tinha por fim facilitar no futuro a organização doutras colónias. Desde então o seu desenvolvimento aumentou de ano para ano, graças aos inúmeros centros de beneficência escolar que por toda a Bélgica se multiplicaram.



Vila de Westende — O vestibulo

Dêstes centros, um que merece especial menção é o *Cercle «Le Progrès»*, de Bruxelas, que já em 1888 instalou uma colónia escolar em *Nieuport-Bains*, na primeira vila escolar que se abriu na Bélgica. Em 1882 o mesmo círculo conseguiu obter os fundos necessários para uma vila marítima que mandou construir em *Uytkerke-Blankenberghe*, vila que foi transformada em 1901.

Pode ainda citar-se, entre os centenares de associações de beneficência escolar belgas, a *«Œuvre du Grand Air»*, de Gand, que anualmente envia, com

o concurso da comuna de Gand, grande número de crianças para as suas vilas escolares de *Breedene*, perto de Ostende, de *Berchem*, perto de Audenarde, e ainda para a de Adinkerke, nas imediações de Gand.

Mas dêstes centros um dos que mais serviços tem prestado à causa das colónias escolares é a *Association des Marçunvins* (nome derivado da data da sua fundação, 21 de Março de 1875), de Bruxelas.

Esta associação floresceu de tal maneira que, não satisfeita com organizar numerosas colónias de férias, pensou em construir uma vila escolar onde os colonos pudessem alojar-se com todo o conforto e estivessem mais à vontade.

Foi assim que em 1892 se inaugurou a vila escolar de *Hastière*, perto de Dinant, num dos pontos mais pitorescos das Ardenes, dominando o Mosa, e donde se disfruta um panorama que não mais pode esquecer todo aquele que uma vez o contempla.

Se bem que a sua obra fôsse já grande, não quis a associação ficar por aqui. Construir uma segunda vila, à beira-mar, foi durante muito tempo o objecto constante da sua preocupação. Mais ampla que a de *Hastière*, mais moderna, passando por ser uma das melhores da Europa, ela existe, desde 1902, em *Westende*, perto de Ostende, debruçando-se, completamente isolada, sôbre a praia, que tantos atractivos encerra para as crianças.



Vila de Westende — Um dormitório

Cada uma destas vilas está a cargo duma directora. Nelas os cuidados de hygiene são o objecto constante duma escrupulosa atenção; os dormitórios, de vinte a trinta leitos separados por cortinas, o refeitório, o amplo vestibulo onde as crianças podem entregar-se livremente aos seus jogos, tudo deixa no visitante a mais agradável impressão. Compreende-se logo que a criança pobre, habituada a um interior acanhado, onde por via de regra a limpeza deixa muito a desejar, aproveitará não só em saúde física, mas também em saúde moral.

Existem hoje na Bélgica umas vinte vilas escolares, entre as quais não quero deixar de mencionar ainda a vila marítima de *Middelkerke*, junto a

Ostende, conhecida pelo nome de *Villa Johanna* e custeada principalmente pelo benemerito Hirsch, de Bruxelas.

Esta vila foi fundada em 1901 e a sua origem e fins acham-se consignados nos artigos 2.º e 3.º dos seus estatutos: A *Villa Johanna* está colocada sob a autoridade do Consistório Central Israelita da Bélgica. Tem por fim principal facilitar às crianças das escolas belgas uma permanência prolongada à beira-mar. Muitas destas vilas não são destinadas a servir sómente as colónias escolares. Prestam também excelentes serviços às excursões escolares que, a partir da primavera, muitas escolas organizam às diversas regiões do país; é lá que durante a maior parte da excursão crianças e adultos são hospedados.

Alguns números atestam com toda a eloquência a importância das vilas escolares belgas. Desde a sua fundação a vila de *Hastière*, de que nos ocupámos já, recebeu até hoje mais de 25:090 crianças dos dois sexos, das quais 1:415 em 1909. A de *Westende* recebeu mais de 15:000 crianças, das quais 1:077 em 1909. Neste mesmo ano a *Villa Johanna* recebeu 393 colonos.

As despesas destas vilas em 1909 foram, respectivamente, de escudos: 3.716\$60; 3.146\$00 e 3.850\$00.



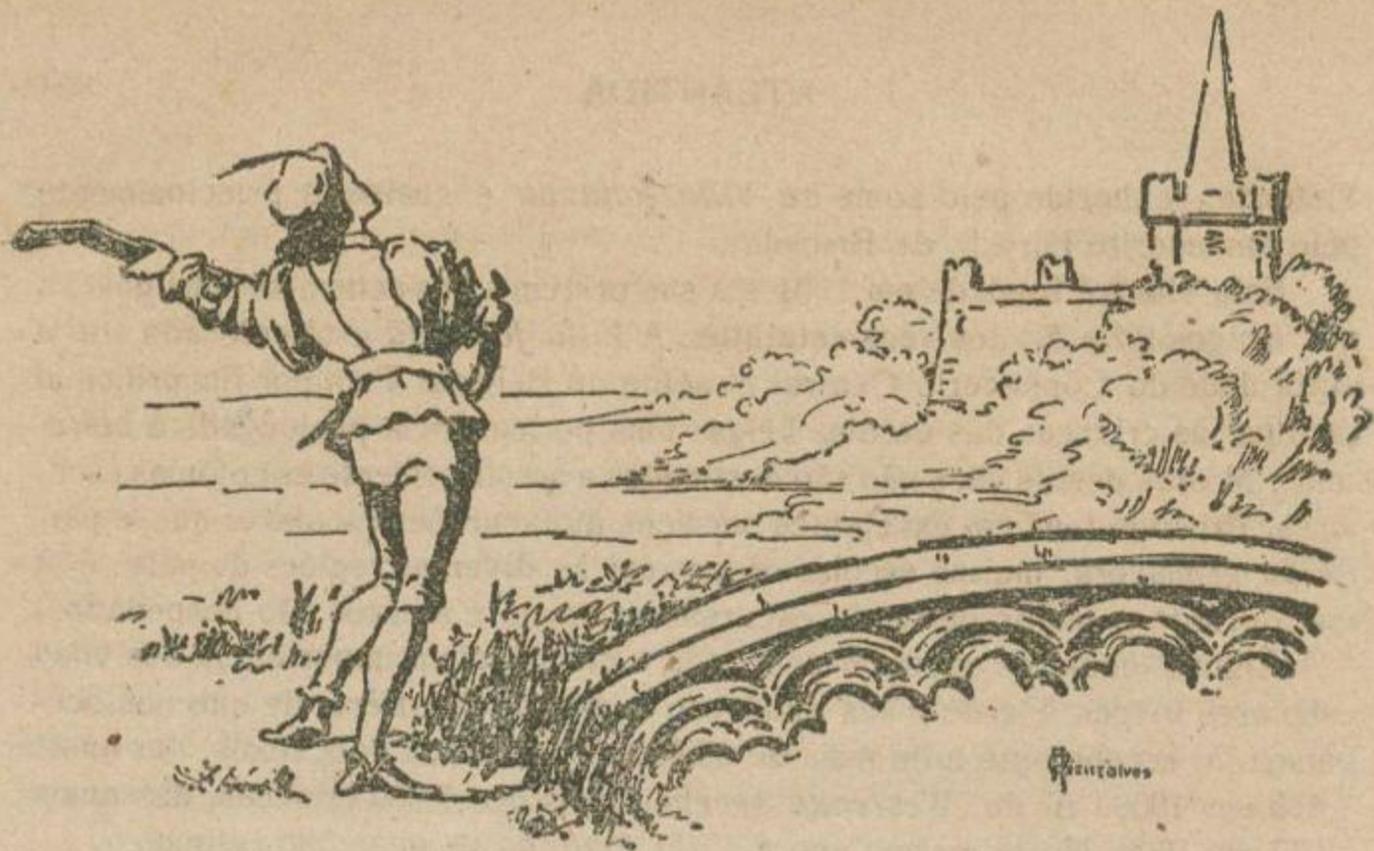
Vila de Westende — Na praia

As numerosas vilas escolares belgas são padrões imorredoiros, que de per si só bastariam para atestar a excelente concepção e organização pedagógica dum povo e toda a sua vitalidade. Conheço *de visu* as vilas escolares belgas. Nelas passei dias que não poderei esquecer pelo que nelas vi e aprendi.

As vilas de Westende, Middelkerke, Nieuport e outras acham-se hoje em pleno *front*. Com certeza que o odioso algoz da Bélgica, com o fogo destruidor dos seus canhões, as converteu em montões de ruínas.

Mas essas ruínas, pelo que representam, ficarão sendo através dos tempos uma prova viva de que não pode desaparecer um povo que soube basear a sua educação e o seu civismo na Escola, e nas numerosas instituições que a coadjuvam na preparação do cidadão. Uma nação assim não pode morrer. Não morrerá!

JOÃO GOMES DE OLIVEIRA.



## Gosto de ti

*Ao Gustavo.*

*Dizem que estou muito mudado  
Desde o momento em que te vi,  
Que desde então, halucinado,  
Tenho loucuras praticado :  
Gosto de ti . . .*

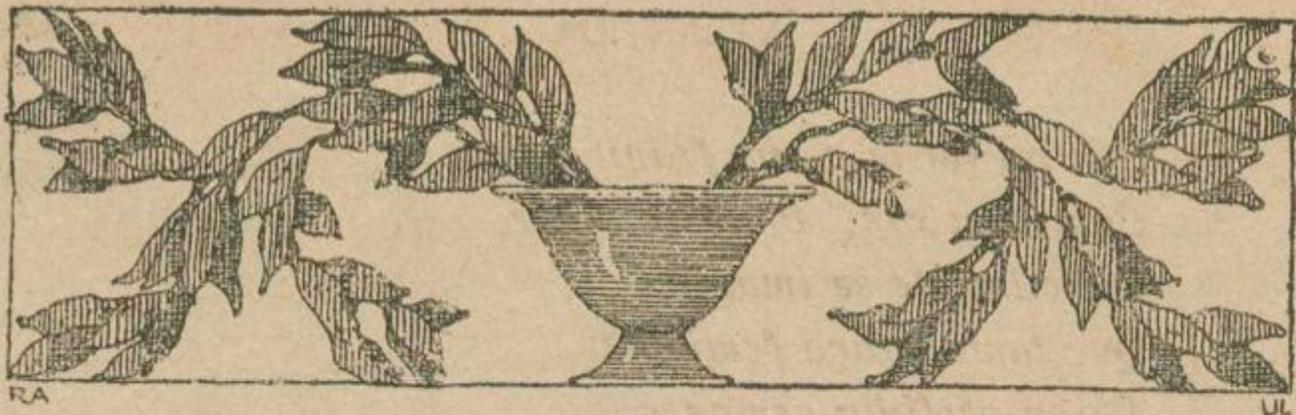
*Que és orgulhosa, autoritária,  
Que és incapaz de compaixão,  
Que, incompreendida e visionária,  
Essa paixão tumultuária  
Há de perder meu coração . . .*

*Que nunca, mesmo que o quizeres,  
Compreenderás o que sofri,  
Que todo o mal vem das mulheres :  
Basta atentar no que fizeres . . .  
Gosto de ti . . .*

*Que ao ver-te assim frágil e fina,  
Com essa voz, com êsse olhar,  
Difícilmente se imagina  
Que tanta graça feminina  
Possa perfídia armazenar . . .*

*E tem razão toda essa gente,  
E' tudo exacto quanto ouvi,  
No entanto, mais que antigamente,  
Cada vez mais, perdidamente,  
Gosto de ti, gosto de ti!*

CARLOS DE OURO PRETO.



## Excerpto

*A José Osório de Oliveira*

Todo preto, alto, com movimentos ligeiros e bruscos, trotava pela vargem, nitrindo... As ondeantes clinas, sacudia-as ao vento, nos desenvoltos saracoteios graciosos. Se encontrava um tronco de árvore ou capim, de repente, parava, e logo, num recuo imprevisto, resfolegando, seguia de lado como podro adestrado em picadeiro.

Era bonito vê-lo, ao perceber cavaleiro à distância, elevar a soberba cabeça e rinchar longamente. Cartel atirado ao espaço num clangor de ameaças, sentindo-se forte para desconhecidas lutas, dava o rebate em seu sonoro rincho, aguardando o combate. Esperava um momento, de frente erguida, olhando ao longe, que o rival almejado respondesse; e se a mansa alimária continuava indiferente, a caminho, então, a mostrar graças e feitos, abaixando a testa, quási a pondo entre as mãos, saltava pelo pôsto em fora.

Atirava para o ar o corpo encolhido, com os pés juntos, em corcovas irregulares.

Caía aqui o pulo certo, todo direito e firme no solo o cavalo; acolá torcendo o dorso, era de flanco o salto. Ora, ao chegar ao chão, arremessava coices seguidos ou suspendia as mãos, batendo o ar como se fôsse bolcar. Apressado, também saltarilhava à esquerda e à direita, mudando rápidamente de posição. A récua inteira, quando o avistava assim, espreitava; e os rebanhos tomavam atitudes estranhas, amedrontados. E a pingar escuma, vitorioso de rivais invisíveis, rodopiava através das éguas, roçando-as, impelindo-as umas contra as outras, fazendo-as correr

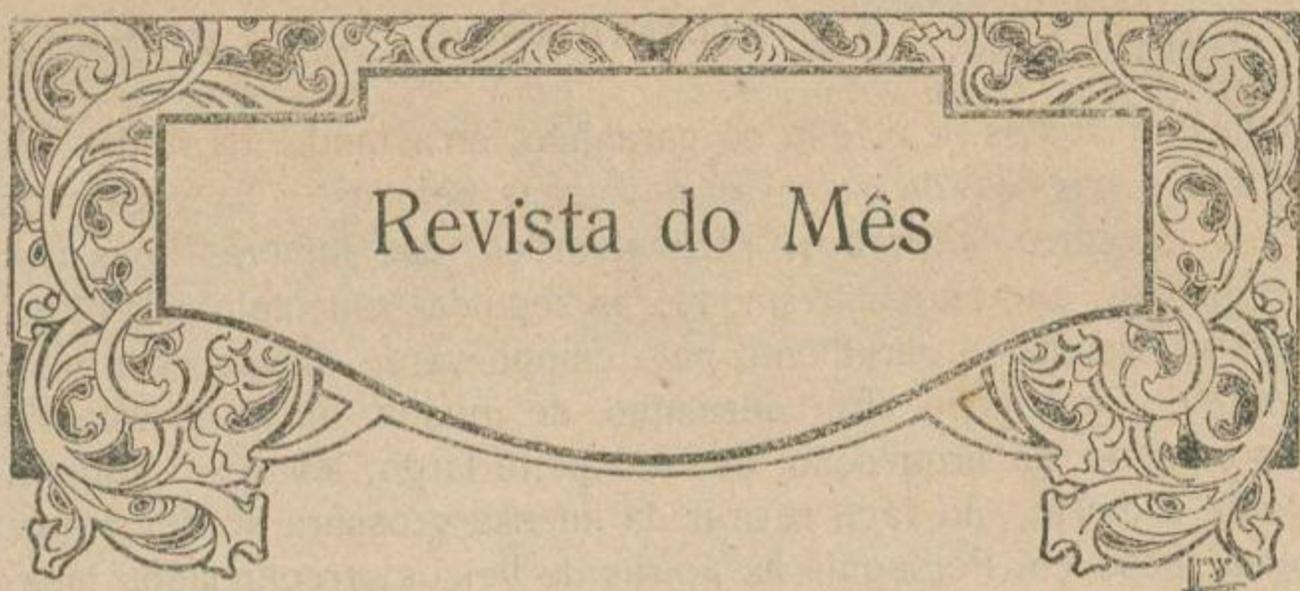
também, doidas pela folia do garanhão, arrastando, de roldão, os grandes cavalos de sela, as potranças pejadas, e os vagarosos bois de carro, retirados, pelo alvoroço, das sombras boas dos arvoredos, onde cochilavam. Horas seguidas redemoinhava o torvelino riscoso e barulhento pelo campo verde, desdobrado pelo vargado ao riacho. Em desalinho de modos, altiva da valentia ostentando na arqueação de seu peito largo, levava o motim a toda a parte, no fácil revirar da imensa grossura do seu reforçado pescoço. Perseguiu as potras de beijos arreganhados mostrando os dentes alvos, mordendo-as de leve, em afagos, parecendo beijos, correndo-as em choutos curtos pelas margens claras do córrego, em rinchos rápidos, como risos nervosos.

Mas, se acaso, no piruetar extravagante, o folgasão, gastando as fôrças pelos trilhos, esbarrava-se com as eguazinhas, suas filhas, enchia-se de pudores raivosos. E, a patadas rijas, a dentadas e coices, tocava-as para longe dos seus desejos, bravio e mau.

Magro sempre, o irrequieto animal jamais tinha descanso. Pastando mesmo, como se o incomodasse o repouso, espiava para os lados, com os olhos irradiando de luz; e, ao mínimo ruído, desconfiado e arisco, erguia a cabeçarra, tendo a bôca repleta de ervas, deixando cair pelos cantos farripas verdes, a mastigar. Foi como eu o vi quieto, ao pôr do sol, depois de um dia inteiro de saracoteios vagabundos e bulhentos.

Belo Horizonte. Minas Gerais. Brasil. 1917.

ALDO DELFINO.  
Da «Academia Mineira de Letras».



### A EXPOSIÇÃO DE BELAS ARTES

Muito se escreveu este ano sobre a Exposição; maravilhou-se o constante leitor e maravilharam-se os próprios artistas ante a celeuma discorde dos críticos, uns conhecidos, outros novos que, de salto, surgiram solenes e exigentes, e ainda outros, novos ou velhos, agachados por detrás de pseudónimos honestos. Seria ocioso, ainda que pitoresco, buscar a razão oculta de tal interesse, quando por via de regra o acontecimento de arte passa sepultado e a feder a pavor na grazinada política das gazetas. Seja como fôr, muito se escreveu e ainda bem, a ver se definitivamente a novidade artística, trate-se dum livro, dum quadro ou duma estátua, alcança fôros de facto social para um jornalismo que, por via de regra, não é pêco em concedê-los seja no arquivar o nome do ilustre filantropo que ofereceu dois tostões para os pobres, ou uma scena de ciúmes de qualquer *Amélia das Laranjas*.

Muito se disse e pejorativamente. Aqui a opinião encontrou-se. Se nos não engana a operação de síntese, deu-se a Exposição como inferior, parados os artistas velhos e improgressivos os artistas novos.

Em minha consciência não creio que o certame dêste ano fôsse inferior aos transactos. Inferior, no sentido genérico, sempre tem sido a exposição geral dos artistas portugueses. Havendo aí uma meia dúzia de bons artistas, não há uma arte portuguesa; menos que isso, não há uma escola. À parte uns poucos que têm individualidade, mas não criaram atrás de si uma corrente, os quadros e as estátuas portuguesas são feitas por artistas franceses e um ou outro espanhol. Quando não é cópia, é inspiração; quando não é decalque, é cópia. Agora que a Exposição fôsse inferior à dos mais anos, é tese que não se demonstrou, ou antes que se deu por demonstrada. Num assunto tão plural, temerário é tirar uma conclusão tão absoluta; depois não há cânones na estética portuguesa, ou mesmo na estética geral, para mediante êles poder-se comparar, conferir, exercer o método dedutivo.

Os velhos estão parados e honra lhes seja. O conservantismo, nestas circunstâncias, além de ser uma virtude é um sinal de fôrça. Parece-nos, mesmo, uma heresia de arte dizer a um pintor que tem o seu modo, que se impôs, vai no declínio da vida e já longe em sua carreira, que se mova, arranque dali para êste ou aquele estilo, para esta ou aquela escola. Isto pode usar-se com um estreante no caso de o querermos tiranizar com o nosso gosto, nanja com artistas feitos. Além do dislate, era uma impertinência, porque seria reprovar-lhe *in limine* toda a obra. O carácter vem da unidade e a grandeza da intensiva especulação dentro dessa unidade. A variedade, o salto, a insatisfação podem denotar um nobre temperamento, mas nunca poderão fixar um nome. É de todo justo discordar, verberar, amachucar um consagrado se ao entendimento crítico êsse consagrado merece ser cabeça de turco. Dar-lhe, porêm, palmadinhas de lisonja, queimar-lhe foguetes, guindá-lo e dizer-lhe, porque Besnard pinta com côres vivas, Ziem entornava tachos de gema de ovo nas suas marinhas e o crítico se apraz nestes e não nas meias tintas ou numa visão mais serena e medida do mar ou da terra, que troque os pincéis,—não é honesto! Ai dos artistas se dessem ouvidos à opinião vária, e não tivessem a guiá-los, mais forte que a vontade, o próprio subconsciente, que é a fonte criadora, reguladora e mediadora das verdadeiras vocações!

Columbano, Carlos Reis, Salgado, João Vaz apresentaram-se na Exposição com a paleta que sempre lhe conhecíamos; estes nomes estão para além do adjectivo leve que cai numa resenha leve. Criticá-los é em páginas, etiquetá-los não é com um alfinete e um qualificativo que não dá razão de sua autoridade. Não trouxeram nada de novo: pois que haviam de trazer?

Enriqueceram a sua galeria, aumentaram o património da arte nacional, era tudo o que de legítimo se podia reclamar dos seus nomes. Columbano nas suas naturezas mortas de interior e nos seus retratos foi o sempre mesmo poeta, pintor e monge, descendo uma idea universal sôbre cada motivo que lhe ocupa a paleta. Que mais? Veloso Salgado, também, sempre olhou assim a natureza; é uma sadia, formosa e possuída e possessiva amante. ¿ Não cheira a sua terra, nem os seus vegetais, à luxúria que lhe traz o Maio e ao seu louco devorar e fecundar íntimo? É assim. Carlos Reis, já sabem, é um hábil feiticeiro que, se lhe dessem sete dias de criação, faria das engomadeiras princesas, das princesas sílfides, das lavadeiras deusas, dos homens todos Apolos, e do mundo em que se moveriam essas princesas, sílfides, deusas e Apolos o Eden. ¿ Queriam que pintasse brutamontes como Constantin Meunier esculpia brutamontes? Não é para o seu temperamento. O mesmo se pode dizer de Costa Mota, tio, tão delicado e perfeito naquele seu *Busto em mármore*, que não trai a mão fina e sensível que o modelou; de João Vaz, tão êle, tão pessoal, com uma identidade que vale o resto que lhe possa faltar.

Não, os mestres entraram e saíram dali, da Exposição, com uma alta dignidade profissional — a de continuarem os mesmos.

Verdade, aos mestres poder-se-ia discutir a técnica, as qualidades singulares de trabalho para trabalho. Mas quem o fez? Quem o faz? A educação crítica, na nossa terra, faz-se à mesa do café, ouvindo divagar êste ou aquele, ou por fragmentos de teoria mal abrangida, não *de visu*, estudo directo por museus e *ateliers*, assistindo ao evolucionar da arte desde a infância até os tempos que correm, ou vendo sair a forma do barro informe ou

condensar-se a forma no campo vazio da tela, pouco a pouco, lento, esforçado como sair um mundo do caos. Dêste modo, adquire-se competência para vistoriar técnicamente um trabalho.

A crítica portuguesa que conhecemos é alheia a esta graça do Senhor; e daí os seus tresvarios serem muitos e as responsabilidades grandes. O que a namora no trabalho de arte é a idea literária que descerra.

A forma de realizar essa idea é o menos; o espectacularo, o exterior dela é tudo. Assim sucedeu que a crítica foi favorável ao Sr. Bonvalot porque a sua *Esfinge* compreendia um motivo grato aos literatos. Pois, ainda que hábil, aquilo era do puro *Pompier*, de Moreau, para cá da sua *Lição de Anatomia* de há três anos.

Pede-se progresso aos novos como se a marcha dum artista se medisse à vara. O progresso, aqui, é lento, sobretudo quando é uniforme e, como tal, em sua fluência de rio invisível e indivisível. Quando assim não é, tocamos no accidental que não oferece garantias de continuidade. Veja-se o Sr. Alves Cardoso: o ano anterior expôs uma soberba tela que fugia à sua maneira marcadamente dupla, os retratos velha escola, a pintura de género tomada de tons francamente impressionistas.

Tentou-o arte difficil dos tons rosa; sem antonomia própria a sua *Mademoiselle* foi um salto; persistiu, e as *Meninas Chatelanas*, à parte os fundos do quadro bem cuidados e vigorosos, os rostos duma mobilidade que denota a rebusca, são mediocres.

As carnes e as roupagens são duma martirizada e martirizante pobreza. Todavia, dada a sua disparidade anterior, louvável é seguir aquele caminho.

O progresso, quando o artista se aproxima duma expressão própria, sua, é quasi invisível. Navarro da Costa expôs meia duzia de telas onde não encontramos nem esperávamos encontrar uma transcendente novidade. Quando se sobe aqueles cumes, toda a fuga é censurável, e Navarro da Costa não arremessou nem tão pouco trocou o seu pincel tão brilhante como fecundo. Mas a sua mão robusteceu-se no quadro *Foz de Leça* e outros, que são maravilhas de luminosidade. O que era lícito buscar ali era o sêlo bem estampado de sua arte tão rica, espontânea e individual. Lá estava, o que equivale a dizer que um nobre pintor está ali. Namoraram-se meus olhos naquela *Foz do Leça* mais que noutros? Talvez; uma paisagem do Norte encanta-me mais que uma paisagem do Sul; intelectualmente, as minhas faculdades receptivas não têm o direito de preferir; ou antes, para preferir deym exercer-se primeiro. Mas naquele quadro uma técnica aberta, senhora de si, estende-se sem prejuizo do que o sentimento visual, mais amoroso da sinfonia das tintas, poderia exigir.

Com Diogo de Macedo o mesmo fenómeno se dá. Haverá distância entre o seu *Último Antero* e os *Cânticos na penumbra*. Haverá, mas nem crítica sensata lha pede. Êste artista, tão singular, tão esfomeado de originalidade, encontrou, mais que uma maneira, uma arte que não estava gasta. Poder-se há buscar-lhe o parentesco mas não o plagiato. Feito o que resta fixar, explorar o veio entrevisto. O *Último Antero* é isto mesmo.

(Continua).

A. R.

CRÓNICA MUSICAL

MARIA ADELAIDE DIOGO

Nada tão curioso e alegre como ver surgir um novo temperamento. Logo o novo perfil modifica o ambiente, como uma luz introduzida num aposento lhe desloca as perspectivas e lhe altera a expressão.

Foi muito simpático o concêrto de Maria Adelaide Diogo, porque um público afectuoso compreendeu muito bem que assistia a êste raro espectáculo: a eclosão duma sensibilidade verdadeiramente fina e original; que uma personalidade aparecia e era necessário daí em diante contar com êste facto. Mas para alguns espíritos êste momento tão interessante da carreira da artista juntava ao seu encanto de alvorecer as recordações cativantes do ciclo que se cumpria.

Recordo-me de ouvir dizer à pianista, pela primeira vez, há alguns anos, uma página de Henselt e a *Fantasia cromática* de Bach, na casa adorável de Lufs Costa, entre pinhais, à beira-mar. Na peça de Henselt, tenho presente o capricho chilreante, esvoaçante, da interpretação — o título da obra o define: *Si oiseau j'étais*. Na *Fantasia* as torrentes cromáticas marulhavam com uma destreza vertiginosa, límpidas, isócronas, nuançadas com uma pureza absoluta.

Estas qualidades pareciam anunciar uma pianista de virtuosidade muito elegante e cristalina. Foi assim que executou com grande encanto, por esta época, ao lado dos italianos do século XVIII, obras dum estilo exuberante: lembro uma sonata de Scarlatti, um capricho de Paul Juon, uma rapsódia de Liszt.

Dizia-lhe admiravelmente, em Chopin, o seu estilo brilhante de concêrto. A finura, o brilho e a graça pareciam ser os seus condões. Mas a evolução artística é cheia de mistérios, de supresas: é o encanto da vida. A sua maneira conservava sempre a sua diafaneidade, mas agora havia um sentimento mais sincero e profundo da obra de arte, uma emoção íntima, intensa, espontânea. Veio o *Scherzo em si menor* de Chopin, depois os *Prelúdios*, depois o *Carnaval* de Schumann, interpretações cheias de modos de sentir subtis e pessoais. Recordo-as com comoção. Depois duma ausência, ouvindo ha meses a pianista nas geniais *Variações* em dó menor de Beethoven, a minha surpresa foi tão profunda, tão comovida: que variedade de processos, sonoridade esplêndida, todas as qualidades de forma e de estilo, e, acima disso, um esboçar a obra largamente, com atrevimento, o canto emocionado, alarmado de nervos, não perdendo um momento a sua nobreza insinuante. Era uma grande pianista.

¿ Não é curioso recordar agora estes cinco ou seis anos que formam já um pequeno passado tão vivo de talento e severo trabalho artístico? Nada me dá verdadeiro contentamento como ver uma sensibilidade enunciar-se em plena radiação, no instante em que triunfa. Maria Adelaide Diogo tem diante de si todos os caminhos, todas as ambições de arte.

O recital abriu por uma das obras supremas da literatura do piano: os *Estudos sinfónicos* de Schumann, dados com uma espontaneidade absoluta de meios orquestrais e uma côr patética admirável. Seguiram-se, numa apro-

ximação dum gôsto imprevisto, os cravistas franceses e o imponderável Debussy, onde vive ainda — não é verdade? — um pouco de Versailles. No segundo *Arabesco* e nos *Jardins sous la pluie* — uma fantasia e uma graça, uma delicadeza de toque única. E, por fim, Chopin, que quadra à maravilha na sua natureza tão ricamente pianística, na sua organização audaciosa e musical: um *Estudo*, um *Nocturno* esplêndidamente cantado, o intenso e gracioso *Prelúdio* n.º 23 e, sobretudo, o querido *Scherzo em si menor*. Tenho por esta obra particular ternura: por essas tristezas polacas que exasperos e febres espedaçam, que voltam e naufragam — até que a alma, exausta, desce, se acalenta Deus sabe em que desesperanças ou longínquas, absurdas miragens. Longe de nós os sonhos! Eis que um grito nos convoca, nos reabsorve no turbilhão em que de negridões bem agudas, bem chagadas. Longe de nós os insidiosos apelos; longe, longe de nós, as absurdas miragens!

CARLOS MANUEL RAMOS.

### O «SALON» INFANTIL

Encerrou-se há dias em Lisboa o primeiro Salão infantil. O facto, na sua banalidade burguesa de notícia mundana, passou despercebido ao grande público, que se preocupa muito mais com os cinematógrafos e as roletas do que com as raras manifestações de arte e de cultura que aparecem neste meio acanhado, onde florescem pequeninas invejas e ódios mal dissimulados.

E, contudo, essa exposição de cousas simples, representativa do esforço mental de alguns educadores e da iniciativa de dois artistas, foi mais alguma cousa que uma parada de vestidos caros. Certo, não deslumbrou pelo fausto da exhibição, nem pelas decorações bizarras, nem pelo reclamo exagerado. Mas deve bastar aos organizadores da exposição, o architecto José Pacheco e o maestro Rui Coelho, a certeza de que a sua boa vontade foi compreendida, embora por uma minoria de pessoas que por assuntos de pedagogia se interessam e mesmo por alguns profanos, no número dos quais nos incluímos.

Estes dois artistas, apesar de moços, têm já atrás de si a honra de terem dedicado ao culto da arte e da beleza muito da sua vida interior. Foi José Pacheco o iniciador da «Galeria das Artes», tentativa que, por incompreendida pelos *pompieri*, foi relegada ao campo das obras inúteis. Mas a obra, inacabada — ficou.

Foi também José Pacheco o autor do projecto architectónico do «Palácio de Festas» da cidade. Poucos como êle terão o culto da sua arte, que sabe viver como um asceta.

A casa portuguesa, o talhe simples e elegante que Fialho preconizou, só em Raúl Lino tem um defensor notável. Amontoam-se por essas avenidas novas os *cottages* burgueses, ressaibados da pesada construção que uma falsa visão de arte fez instituir entre nós. O pensamento hoje, em Portugal, não habita a pedra. Desapareceu o rendilhado architectónico de antigas eras, os grandes monumentos converteram-se ao utilitarismo da época e, em seu lugar, ainda despida do espiritualismo da arte contemporânea, aparece a construção pesada, onde não luz um pensamento íntimo, verdadeiras gaiolas para gente, sem a graça dos beirais minhotos e sem terem, ao menos, a esti-

lização das construções antigas. Só Raúl Lino e José Pacheco, que eu saiba, cultivam o modelo do lar português. Mais uma virtude do iniciador do Salão infantil que ainda não foi reconhecida.

Ainda de José Pacheco, com outros cooperadores, foi a iniciativa dos bailados de S. Carlos, onde reviveram a beleza coreográfica e a graça da atitude modelada. E ainda nestes bailados se pode descobrir um desdobramento da arte architectónica, mãe de todas as outras artes plásticas.

Tentou ainda o artista a publicação da *Contemporânea*, revista que, por moderna e livre do cabotinismo reinante, falhou como falham as cousas belas.

A mais recente tentativa do moço architecto é, com a valiosa cooperação do compositor Rui Coelho, a abertura dum Salão infantil, demonstrativo do aperfeiçoamento e da intuição mental da criança portuguesa.

Não quero já referir-me ao lado educativo do *certame*. É assunto para ser tratado por pedagogos — e nós temo-los, como António Sérgio e Agostinho de Campos. Quero reportar-me à visão que da mentalidade infantil tiveram os organizadores da exposição.

Não se curou da *mise-en-scène* extravagante e das molduras luxuosas. O que, em pequenos quadriláteros de papel, nos foi dado admirar, não foi o exibicionismo frio das nossas salas de pintura, tão desgraçadamente povoadas nos últimos anos. Não quero arvorar-me em crítico de arte, embora certos plunitivos de gazetas se esforcem às vezes por sacar do cérebro uma *cousa* que lá não existe — a compreensão mental.

Não é raro falar-se em perspectiva, sem que se saiba bem porquê. Também se ouve falar em segundos planos, sem que se sonhe com a visão natural do que a tela deve reproduzir. A greda reproduz por vezes esbocetos que pseudo-críticos analisam num sentido inverso do que a intimidade do esculptor sonhou.

Seria pois trabalho estéril falar nos desenhos infantis, sob o ponto de vista crítico. Só a iniciativa quisemos pôr em relêvo, elevando-a como uma obra sã, que nobilita os que a ela meteram ombros, no intuito de *criar* o gosto português pelas cousas da arte. A geração nova pertence o papel de reabilitar o período transitório dos últimos anos, vivido numa indolencia mórbida em que raros temperamentos se revelaram. A geração nova deve, pois, preparar a geração que se lhe seguir; deve ser a mentora espiritual e artística da criança de hoje, que será o homem de amanhã.

C. G.

### CANDIDO SOTO MAIOR

A *Atlântida* insere em seu lugar de honra o retrato do Sr. Cândido Soto Maior. Cremos que nenhuma homenagem melhor traduz os sentimentos e aspirações duma publicação, em cujo entusiástico programa se inclui preponderantemente o traslado e comentário de tudo quanto diga nobremente respeito às relações luso-brasileiras. É que falando do Sr. Cândido Soto Maior, fazendo o seu justo elogio, as nossas palavras são, em verdade, o panegírico do trabalho e nome portugueses na hospitalidade dessa terra amorosa e querida, segunda Pátria de tantos dos nossos compatriotas: — o *Brasil*.

No Sr. Cândido Soto Maior há o negociante e o *gentleman*. . . Fino sem affectação, distinto sem exibicionismo, uns triunfais sessenta anos, uma

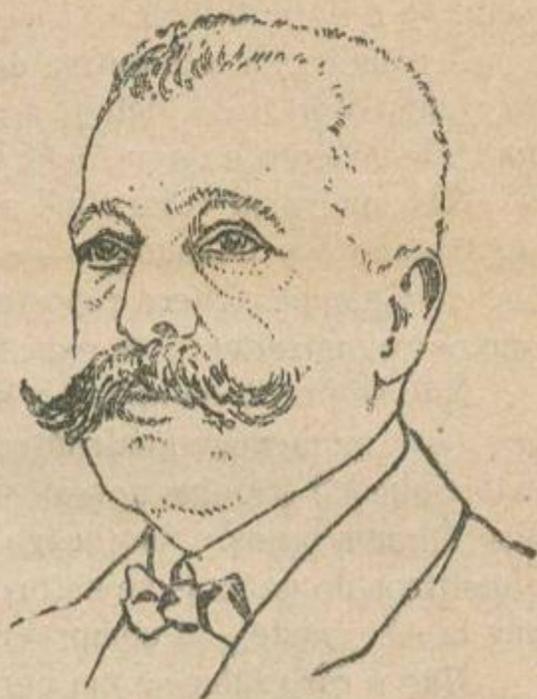
vigorosa *carrure* da nossa melhor fibra transmontana, uma vida inteira da mais austera e inteligente actividade laboriosa, criando e presidindo a uma das empresas mais lisonjeiramente documentárias das aptidões mercantis do Português de além-mar, meio século de trabalho, ora seguidos duma nova e segunda *mocidade*, preenchida pela iniciativa de alguns empreendimentos de tal monta, que marcam uma verdadeira época em nosso mundo económico-financeiro: aí está uma biografia de eleição e é a do homem a quem a *Atlântica* rende hoje as suas melhores saudações, que endereçadas vão a todos os Portugueses do Brasil.

Foi êle um dos fundadores da «Pro-Pátria», com sede no Rio de Janeiro. A êsse respeito transcrevemos com a devida vénia a entrevista publicada num dos ultimos números do *Século*:

A «Pro-Pátria» ou «Assistência da Colónia Portuguesa do Brasil aos Órfãos da Guerra» nasceu no momento culminante em que o nosso país começou de correr a plenitude dos riscos da grande guerra. Nasceu com o entusiasmo e carinho com que lá longe se recorda e acompanha tudo quanto diz respeito ao nome e grandeza de Portugal. É a obra, melhor direi, a fórmula de cooperação, orgulhosa e comovida, de todos os nossos compatriotas residentes no Brasil, olhos postos na Pátria, que é a sua mais fervorosa idolatria.

O nosso interlocutor, certamente mais habituado à linguagem singela e precisa da matéria comercial, dissera tudo isto com emoção eloquente; e, como se lhe acudisse um rebate da sua natural modéstia, continuou:

— É a obra de todos os nossos portugueses do Brasil, que *todos*, cada um na medida de suas posses, mas todos com igual amor pátrio, para ela concorreram e concorrendo estão. Todavia, é-me grato salientar, no início e execução dos intentos da «Pro-Pátria», os nomes dos Srs. Humberto Taborda, Conde de Avelar, António Ribeiro Seabra, Comendadores António Rodrigues Ferreira Botelho, Manuel António da Costa Pereira, José Vasco Ramalho Ortigão, José Constante, António Augusto de Almeida Carvahais, Visconde de S. João da Madeira, Albino de Sousa Cruz, José António da Silva, José Rainho da Silva Carneiro, Serafim Fernandes Chaves, José Gonçalves Guimarães, Barão de Peixoto Serra, Adriano de Castro Guidão, Paulino Correia da Rocha, Artur José Gomes Barbosa, dos insignes homens de letras Alberto de Oliveira e Carlos Malheiro Dias, dos meus devotados cooperadores António Maria da Costa e Bento da Rocha Cabral, e de tantos e tantos outros, membros das comissões de vários Estados do Brasil, tudo representando uma vasta e benemérita organização sob a chefia prestigiosa do meu distintíssimo compatriota e prezado amigo Sr. Visconde de Moraes, cujo nome me é particularmente grato pôr em destaque, como o será, certo estou, a todos os portugueses.



COMENDADOR MANOEL A.  
DA COSTA PEREIRA

— A «Pro-Pátria é, em verdade — interrompemos — uma obra admirável que, cremos, se tem já efectivado em múltiplos resultados práticos, que mais fecundos serão no futuro, não é assim?

— A «Comissão Pro-Pátria» começou por traduzir a sua cooperação em múltiplas subvenções a algumas instituições portuguesas, subvenções que montam a algumas centenas de contos. Actualmente, assistimos já a cêrca de duzentos órfãos e nem um momento descuro a continuação progressiva desses auxílios aos filhos daqueles que nos campos de batalha de Africa e Europa morrem pela honra de Portugal, que é a honra de nós todos. Esta a obra realizada. Quanto à obra futura, folgo que o público português conheça as alíneas do belo programa da «Assistência da Colónia Portuguesa do Brasil aos Órfãos da Guerra». Esta, cuja receita mensal e assegurada é já de cêrca de sessenta contos, propõe-se levar a cabo uma obra duradoura e fecunda, nada menos que a assistência pedagógica, ministrando-se, sob a direcção de entidades competentes, educação e ensino às pobres crianças dos nossos militares.

— Isso é belo e útil! — exclamámos

— Com êsse intento — conclui entusiasmadamente o nosso interlocutor — ter-se há, creio, prestado aos nossos mortos uma homenagem, que é, sem dúvida, aquela a que êles, como bons pais e bons portugueses, seriam mais sensíveis em vida: seus filhos tornados óptimos cidadãos, servindo a grandeza da Pátria, como o melhor e mais grato tributo de saúde e consideração pela memória augusta de seus pais. Aqui tem, em poucas palavras, o *desideratum* da A. da C. P. B. O. G., a qual, deixe-me ainda dizer-lhe, é já uma colectividade constituída com todos os requisitos jurídicos e a cujo encontro pena é que os governos de Portugal não hajam ainda ido, sancionando os seus intuitos com um reconhecimento oficial e público, que desvaneceria o amor pátrio dos nossos compatriotas do Brasil e tão bem ficaria ao govêrno que tal fizesse . . .

Deixámos o Sr. Cândido Soto Maior, que fôramos surpreender precisamente na tarefa da «Pro Pátria», o mandato que êle cumpre com zêlo e dedicação inigualáveis e ao qual todos os dias consagra algumas horas da sua indefesa e sã actividade. E ao deixá-lo duas impressões fortes nos acompanhavam: a do perfil inteligente, bondoso e enérgico daquele admirável português, que após uma existência de quási meio século de trabalho ora resolve criar-se uma segunda mocidade, preenchida pelos mais assinalados serviços à causa da Pátria; e o perfil esquivo e obscuro desse Estado, que viu nascer e contempla o empreendimento encantador e útil, que é a A. da C. P. B. O. G., sem ao menos ter para com ela uma palavra oficial de reconhecimento e aplauso!

## LIVROS

NAS ASAS DO DESTINO, de OSÓRIO GOULART

A partida da primeira expedição portuguesa para o campo de batalha, em França, fez vibrar em todos os verdadeiros filhos de Portugal o provado e tantas vezes heróico patriotismo luso. Todos compreendiam, e compreendem, que os soldados portugueses, batalhando, ao lado dos Aliados, garantem

o Direito e a Liberdade dos povos, e escrevem com o seu sangue, para o concerto final, a Independência e a Integridade da Pátria.

As ondas dêste santo patriotismo, correndo os mares, chegam aos Açores, e é de lá, da linda cidade da Horta, que o inspirado poeta Osório Goulart nos envia o seu «salmo patriótico» — *Nas Asas do Destino*.

É uma poesia entusiástica e enternecida: é um grito vibrante de amor pátrio à querida terra portuguesa: é um cântico de louvor agradecido pelas façanhas dos «gigantes» lusos: é um hosana, cheio de esperança no heroísmo do nosso soldado e cheio de fé em

Que Portugal renasça, intrépido e robusto,  
Da Paz e Liberdade erguendo o facho augusto !

*O INIMIGO*, de JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO

Um livro novo a mais, de combate e de propaganda liberal, do apreciado poeta e inteligente escritor que é José Augusto de Castro.

Sou um entusiasta admirador da bela e graciosa obra do intemerato apóstolo da democracia, e por isso não é exagêro apaixonado tecer louvores a quem tão distintamente os merece.

Todos os ideais nobres que possam dar ao povo um maior quinhão de felicidade têm nele, no grande apóstolo, as vibrações cantantes da sua alma ansiada e os impulsos carinhosos do seu bom e fremente coração.

Filho do povo vive para o povo, dando-lhe a sua palavra convincente de propagandista sincero, a sua pena vigorosa de lutador que sabe o que diz e o que quer, a sua prosa animada de apóstolo convicto e até os seus versos sempre cheios de ternura, de amor, de inspiração do Bom e do Belo.

A José Augusto de Castro domina-o, com a ardência de caracterizada paixão, a anelada posse da justiça para todos os perseguidos, da verdade para todos os espíritos, da luz para todos os cegos, da felicidade para todos os famintos e do bem para todos os homens.

Português de lei, no meio do dessoramento geral, quereria ver todos os portugueses transformados num só braço potente que defendesse a República. Patriota a valer, perante o egoísmo que absorve a nossa sociedade, quereria que todos os corações se encastelassem em formidandas ameias contra os inimigos da Pátria.

Daqui nasce o seu novo livro — *O Inimigo* — que vale como peça literária e, destacadamente, como luzeiro de rubra propaganda democrática e libertadora.

Mas quem é *O Inimigo*? onde está? como defender a Pátria e a República de *O Inimigo*? É o que José Augusto de Castro ensina, em perto de duzentas páginas, ao seu caro Alberto, e a todos os que queiram ter o prazer de apreciar a leitura das palavras convincentes, vibrantes e eloquentes do valoroso apóstolo.

ELISÍO DE CAMPOS.

O «BRISTOL CLUB»

## UM RÁPIDO ASPECTO DAQUELE TEMPLO DE MARAVILHAS

Reproduzimos hoje uma fotografia do nobre e elegante salão de jantar do aristocrático Bristol Club, da Rua Eugénio Santos. O esforço artístico, que o luxo e riqueza de decorações, a beleza e a selecção dos móveis representam para um meio como o nosso, levou nos a lançar à luz da publicidade êste pequeno aspecto do Bristol Club, que, afinal, não é mais do que um detalhe do extraordinariamente belo conjunto daquele centro de diversão, considerado por todos que o têm visitado como um palácio de maravilhas que não envergonharia qualquer das grandes cidades que costumam ser citadas como exemplo de luxo e de arte.



O Bristol Club, repetimos, representa um esforço artístico—mas o público tem bem agradecido êsse esforço; tem apreciado devidamente a sua grandeza e a sua sumptuosidade, pois todas as noites as suas salas se encontram regorgitantes do que há de mais *chic* na nossa sociedade elegante. Demais, engrandecendo as belezas de decoração e de mobiliário, os sócios do Bristol Club têm à sua disposição uma música executada pelos mestres da divina arte e um serviço de restaurante que recorda os melhores dos grandes estabelecimentos parisienses.

## Notícias & Comentários

### PESCADORES TRIPULANDO CAÇA-MINAS

No dia 2 de Agosto de 1914, o Govêrno deu ordem para se mobilizar a Reserva Naval, fôrça que se inculca geralmente como sendo recrutada na marinha mercante. Nesta fôrça estão incluídos homens que, em tempo de paz, se ocupam durante a maior parte do ano na pesca à rêde. Ao romper da guerra a Reserva Naval contava 1:790 oficiais e 17:160 marinheiros. Entre êles havia 142 patrões e 1:136 marinheiros, tirados das esquadilhas da pesca, que formaram o que se chama Secção de Caça-Minas, a qual se criou em 1911 com o propósito de juntar à marinha armada indivíduos cuja aprendizagem os tivesse adaptado para o serviço importante e perigoso de limpar de minas submarinas as águas do mar alto. Antes da guerra o Almirantado adquirira alguns *trawlers* a vapor que mandara equipar para êsse serviço. Também tomou as medidas necessárias para poder fazer aquisição dum número consideravel de barcos iguais em caso de guerra.

Poucas horas depois de chamadas as reservas já estes *trawlers* adicionais estavam tripulados pela Secção de Caça-Minas, munidos de carvão, provisionados e em caminho para os pontos indicados. Os portos de Grimsby, Hull, North Shields e Milford eram naturalmente os centros principais desta nova actividade, que se estenderam pouco depois em consequência da resolução do Almirantado de requisitar outros barcos, dotando-os com os aparelhos precisos para o mesmo serviço. Pediam-se voluntários para tripular estes barcos; em breve espaço estavam atulhadas as repartições da Alfândega de pescadores que ansiavam por darem entrada na Secção de Caça-Minas da Reserva Naval. Já em meados de Novembro mais de 200 barcos de pesca do pôrto de Grimsby se achavam entregues e o número de pescadores recrutados para êste serviço tinha passado de 1:500 para 6:000. Mais tarde, quando se pediu ao público agasalhos para esta gente, já o número tinha atingido 10:000. Quantos são hoje seria interessante saber-se — até mesmo para o inimigo. Ao terminar o período da pesca de arenque na costa de leste, foram requisitados uns 200 *trawlers* a vapor para serviço

de patrulha, etc.; não será exagêro afirmar que pelo menos um têtço dos melhores vapores de pesca do Reino Unido passaram para a posse do Govêrno durante os primeiros seis meses da guerra.

É inegável que existia motivo grave para se pedir êste enorme sacrificio à indústria da pesca. Só quatro dias depois de ser chamada a Reserva Naval deu-se com o lança-minas alemão *Königen Luise* distribuindo minas numa área a pouca distância da costa de Inglaterra. O barco inimigo foi prontamente afundado, porêm já se achavam semeadas grande número de minas, não só nas costas de Inglaterra, mas também na rota dos navios mercantes, ameaçando assim os barcos dos povos neutros tanto como os britânicos. Durante várias semanas tivemos diáriamente notícias de desastres ocasionados pelas minas alemãs. Desde o princípio de Agosto até fins de Dezembro afundaram-se uns 40 barcos de pesca, morrendo perto de 200 pescadores. Perderam-se também vários navios mercantes e grande número de vapores neutros, juntamente com muitas vidas; porêm a marinha de guerra pouco sofreu, afundando-se só o cruzador ligeiro *Amphion* e a antiquada canhoneira *Speedy*. Pouca dúvida resta que os alemães semearam muitas minas protegidos por bandeira neutral; nas raras ocasiões quando os cruzadores alemães se aventuraram a sair dos seus portos, aproveitavam o ensejo para semear minas na expectativa que as naus de guerra britânicas, que lhes davam logo caça e os obrigavam a recolherem de novo aos seus antros, esbarrassem com elas e se afundassem. Entre os lança-minas de profissão havia uns *trawlers* britânicos comprados pela Alemanha, os quais durante bastante tempo lograram semear a morte sob a aparência de simples barcos de pesca. Em quâsi todas as rotas comerciais do Mar do Norte que ligam com portos britânicos constatou-se a presença de minas, ou por qualquer desastre ou pelo êxito dos caça-minas. No fim de Outubro, o Almirantado anunciou que se tinha descoberto uma área semeada de minas ao largo da costa da Irlanda.

Livrar a navegação mundial desta terrível ameaça é a tarefa dos pescadores tripulantes dos caça-minas, tarefa que desempenham dum modo admirável. Poucas horas depois de se ter descoberto a primeira área de minas, começaram êles a sua faina e, sob a direcção de comandantes de canhoneiras ou de *trawlers*, conhecidos como chefes de divisão e chefes de sub-divisão, não tardaram a se distinguir no serviço a ponto de merecerem os louvores do Almirantado e a admiração de quantos compreendem o valor do seu trabalho e a coragem que êle exige. Os comandantes dos caça-minas são geralmente antigos patrões que conhecem a fundo o Mar do Norte e que servem debaixo das ordens dos comandantes de divisão.

Muitas vezes acontece explodir uma mina na vizinhança dum dos *trawlers*, e por várias vezes tem havido contacto directo ocasionando a destruição do *trawler*. Desta forma perderam-se, entre o princípio de Agosto e o fim de Dezembro, 8 *trawlers* e 46 vidas. Emquanto durar êste serviço há-de haver dêstes desastres. Alguns dêstes barcos trazem como defesa uma rêde à proa, de modo a poder levantar-se ou baixar-se à vontade. Esta rêde tem extensão suficiente para apanhar qualquer mina que se encontre na derrota do *trawler* e está bastante afastada para reduzir ao mínimo o perigo caso a mina venha a explodir dentro da rêde. Todo o tripulante tem obrigação de trazer um cinto salvavidas durante o serviço activo. Estão também providos os

*trawlers* duma jangada, disposta de maneira a poder lançar-se ao mar com a máxima rapidez em ocasião de perigo.

Nos primeiros tempos empregou-se outro método de apanhar as minas. O Almirantado requisitou grande número de *drifters* a vapor, que operavam com rêde. Apanharam-se assim muitas minas que se destruíram, porém acontecia por vezes ser o *drifter* vítima das minas. Foi durante o serviço feito com rêdes que se perdeu o navio de guerra *Speedy*, cuja tripulação foi salva pelo *Sussex County*, um *drifter* de Lowestoft que operava sob as suas ordens.

Um pescador, cuja primeira experiência de caçar minas foi com a rêde, conta que o seu barco e mais cinco foram mandados para a costa de Suffolk. «Sabia-se que existia ali uma grande área semeada de minas, pois tinha ido pelos ares um vapor. Assim que se lançou a rêde houve uma explosão a pouca distância, na retaguarda do nosso barco. A detonação não foi grande, porém elevou-se uma enorme coluna de água, a rêde ficou destruída e caíram no convés do nosso barco alguns peixes mortos». Acontecia por vezes apanharem-se várias minas na mesma rêde, que explodiam ao chocarem-se. Quando isso não acontecia, inutilizavam-se por meio de tiros.

Emquanto muitos *trawlers*, *difters* e barcos de pesca se afundaram por efeito das minas alemãs, outros puderam fugir ao perigo por um modo milagroso. Vê-se que os lança-minas empregaram toda a sua astúcia para encontrarem meios originais de atrair vítimas. Nos primeiros dias de Setembro de 1914, do *Agatha*, *trawler* de Grimsby, avistou-se uma canoa que tinha toda a aparência de trazer náufragos. Mandou-se um escaler em seu auxílio, porém quando êste se aproximou da canoa reconheceu-se que estava vazia e tratou-se logo de a trazer a reboque. De repente houve uma violenta explosão e a canoa ficou esmigalhada. Parece evidente que se achavam algumas minas amarradas ao fundo do bote e estas fizeram explosão assim que a canoa tomou certa inclinação. Houve casos de se encontrarem minas amarradas a rêdes flutuantes. Outro *trawler* de Grimsby esbarrou com uma mina, fazendo-a explodir; felizmente a explosão fez-se para baixo e o barco, apesar de se ver envôlto em chamas, escapou sem dano. Noutra ocasião a explosão duma mina, que chocou com uma bóia a distância de 100 metros dum barco de Hartlepool, quebrou-lhe as vidraças e a bússola da câmara do timoneiro.

Um dos casos mais emocionantes foi o do *trawler* a vapor *Windsor*, do pôrto de Grimsby. Quando no dia 25 de Janeiro de 1915 o *trawler* *Bernicia* seguia para Grimsby, o vigia anunciou uma canoa ao largo. O *trawler* aproximou-se. A canoa continha o patrão Harrison e oito homens da tripulação do *Windsor*. O patrão fez-lhes a seguinte interessante narração: estava a tripulação a içar o aparelho, cêrca das 3 horas da madrugada, quando, estando já quási todo recolhido, certificou-se que havia uma mina entalada contra o bordo do *trawler*. Parou a manobra e reconheceu-se então que um dos detonadores da mina estava encostado ao corrimão. Foram baldados todos os esforços empregados para soltar a mina, e cada balanço que dava o barco ameaçava de a explodir. Decidiu-se lançar ao mar o escaler e, passando-lhe uma corda, soltar assim a mina. A primeira tentativa falhou; à segunda explodiu a mina. Os homens que tripulavam o escaler ficaram atordoados e o casco

do *trawler* despedaçado. Voltando prontamente a si, os pescadores mal tiveram tempo de se afastar a fim de não serem levados no sorvedouro do *trawler* que se afundava. O escaler também ficou deteriorado, de forma que foi preciso um trabalho insano para o conservar à tona de água. Assim estiveram 24 horas primeiro que fôsem recolhidos. Poucos dias depois aconteceu um caso idêntico ao *Ostero*, também *trawler* de Grimsby. Ao recolher o aparelho, encontrou-se uma resistência tão forte que o *trawler* girou e reconheceu-se que trazia uma mina agarrada. Esta explodiu no mesmo momento, despedaçando o aparelho e repelindo o *trawler* numa distância de 50 metros. Felizmente o casco não ficou deteriorado nem ficou ferido nenhum dos tripulantes. O *Night Hawk*, *trawler* de Grimsby, chocou com uma mina e afundou-se com seis homens da tripulação; outro do mesmo pôrto recebeu um rombo enorme no costado, porém pôde salvar-se.

Igual experiência teve o *Sarah*, *trawler* a vapor do pôrto de North Shields. Estando a tripulação a içar o aparelho notou o imediato que trazia uma mina agarrada. Mandou logo parar a manobra e mergulhar de novo o aparelho. Quando a rêde se achava a uns dez metros do *trawler* explodiu a mina, causando bastante dano ao barco, porém sem ferir ninguém.

É raro acontecer verem os tripulantes dos caça-minas do Mar do Norte a monotonia da sua existência aliviar-se por lhes ser permitido tomar parte activa nas operações contra o inimigo; quando tal succede aproveitam com alegria a ocasião. No dia 3 de Maio de 1913, annunciou o Almirantado o facto de se ter travado no dia 1 uma série de «pequenos recontros» na vizinhança dos navios faróis Galloper e North Hinder. O *destroyer* britânico *Recruit* fôra afundado por um submarino, alemão e o *trawler Columbia* que fazia serviço de patrulha fôra atacado por dois torpedeiros e metido no fundo. Chegaram logo quatro *destroyers* britânicos e, após uma perseguição que durou uma hora, afundaram os dois barcos alemães, recolhendo 2 oficiais e 44 marinheiros alemães prisioneiros. O Almirantado nada mais acrescentou. Soube-se depois que, estando uns caça-minas em serviço, foram atacados por dois torpedeiros inimigos. O capitão dum vapor norueguês assistiu ao espectáculo e contou, ao chegar a Rotterdam, que os torpedeiros faziam fogo rápido, porém pouco certo, ao avançarem para o ataque. O torpedeiro alemão A-6 viu-se então entre dois dos *trawlers* e, enquanto hesitava sobre qual devia ser a sua vítima, o *Miura* de Cardiff virou-se de repente contra o torpedeiro e lançou-lhe um projectil que lhe levou a ponte, destruiu um escaler e atirou para o mar com um oficial e um marinheiro. O oficial foi recolhido pelo vapor norueguês e o marinheiro pelo temerario *trawler*. Outro caça-minas, o *Barbados* de Hull, também tomou parte activa nesta refrega. Êste barco voltou ao pôrto bastante danificado, porém depois de se ter defendido denodadamente com a sua pequena peça contra um dos torpedeiros.

### MÊS LITERARIO

Por doença do nosso illustre colaborador Nuno Simões, deixamos de publicar o nosso *Mês literário*.

REVISTA DO BRASIL: O número de Janeiro da «Revista do Brasil» (3.º ano), traz a seguinte matéria: *A nossa doença*, por Monteiro Lobato; *Parábolas*, por Afrânio Peixoto (da Academia Brasileira); *O professor da Mombaça*, novela, por Alberto de Oliveira (da Academia Brasileira); *Do Arquivo de José de Alencar* (cartas de Lamartine, F. Octaviano, Q. Bocayuva, Gonçalves Dias, Castro Alves, J. Serra, L. Guimarães Junior, Benalcánfor, Gomes de Castro); *A concepção federal de Alberto Torres*, por Porfírio Soares Neto; *Matas ou florestas*, por F. Badaró; *Vida ociosa*, romance, por Godofredo Rangel. — RESENHA DO MÊS: *Questões pedagógicas*, por Carlos da Silveira; *Liga Humana*, por Mário de Alencar; *Autores e leitores*, por Constâncio Alves; *Artur de Oliveira*, por Jorge Jobim; *O nosso teatro*, por Carlos de Laet; *Hora decisiva*, por A. Chateaubriand; *Carlos Gomes na Itália*, por Agostinho de Campos; *Amadeu Amaral*, por J. A. Nogueira; Movimento artístico, Movimento científico, Bibliografia, Revistas e Jornais. As caricaturas do mês; Ilustrações: *Areal*, *A Rajada*, *Canto do Rio*, *Junto ao mar*, quadros de E. Carreiras.

SUPLEMENTO AO N.º 32 DA "ATLANTIDA"

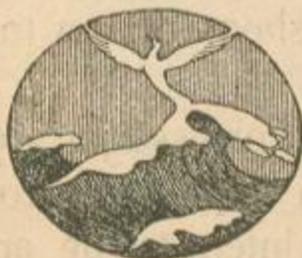
SOBRE  
O  
**BAILADO DO ENCANTAMENTO  
E A PRINCESA  
DOS SAPATOS DE FERRO**

POR  
NUNO SIMÕES

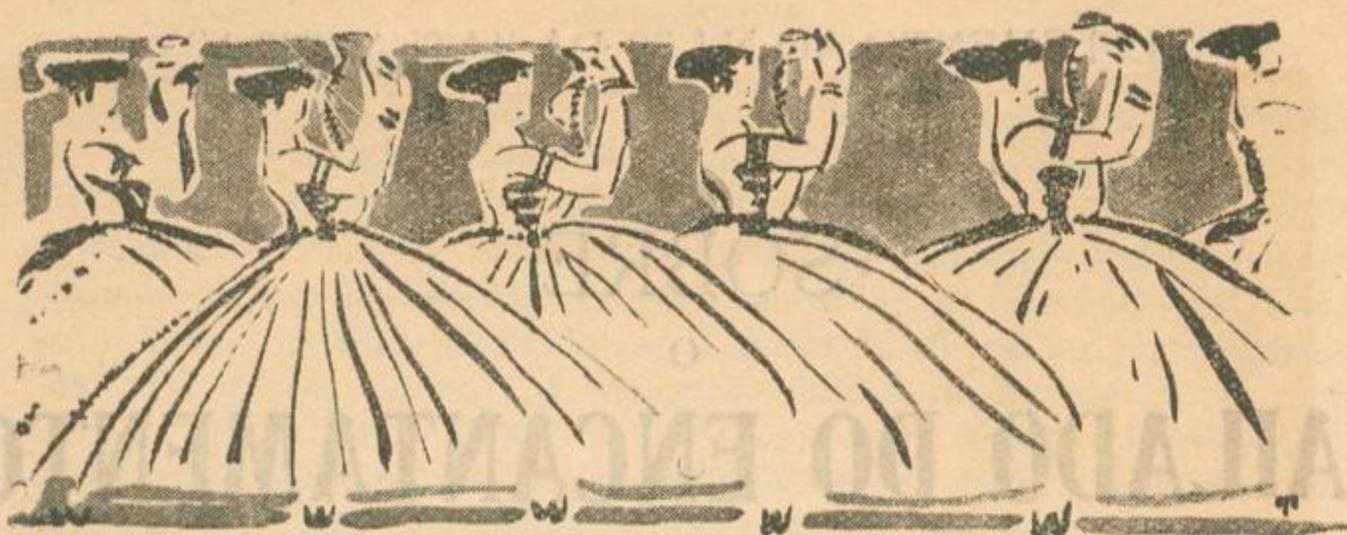
Croquis de COTTINELLI TELMO

FOTOGRAFIAS DE

MAIA CARDOSO, VITORIANO BRAGA  
J. & M. LAZARUS E FURTADO & REIS



LISBOA



## Bailado do Encantamento E A Princesa dos Sapatos de Ferro

Eu creio que das múltiplas festas de arte a que tem presidido a caridade, na pessoa de algumas senhoras ilustres, esta do *Bailado do Encantamento* foi, sem nenhum desejo de diminuir as outras, a mais bela, a mais requintada e a mais feliz de todas. As três noites de S. Carlos em que a Beleza, no que ela tem de mais subido encanto e de mais intenso poder sugestivo, inteiramente dominou, valeram bem, repetido embora o espectáculo magnífico, as noites de maior sensação no Coliseu, com Bailados russos.

Na verdade, Helena Castelo Melhor obteve dar, mercê duma *élite* de colaboradores de arte e de gosto, à Lisboa verdadeira-mente culta e à *snob* Lisboa do bom tom, uma prestigiosa lição de Beleza.

Convenho em que concorresse para o seu êxito a escolha dos cooperadores. Mas seria impossível concertar tão valiosos elementos, se uma grande intenção de arte a não animasse, mais que o desejo de fazer lindo ou de fazer melhor do que as outras.

Porque houve, de facto, uma finalidade intelectual no chamamento de Rui Coelho e Raúl Lino e na escolha do poema de Nobre de Melo.

Houve; e essa finalidade prevaleceu na atracção dos figurantes, particularmente das raparigas de sociedade (é assim?), muitas



RUI COELHO

Autor das partituras do *Bailado do Encantamento*,  
da *Princesa dos Sapatos de Ferro* e libreto

(Foto Victoriano Braga)

por certo receosas do insucesso social da tentativa, sabido que até agora à mocidade feminina se não consentia mais do que o parado teatro dos quadros vivos.

E essa intenção estética que levou uma linda fidalga do nosso tempo a aproximar-se dos artistas, como nas velhas eras da arte palaciana, e outros rapazes e raparigas de sociedade, que usam afirmar a inutilidade do tempo, a redimirem e brasonarem a própria ociosidade que lhes permitiu aquele apuramento de atitudes, merece especial homenagem. Aqui a consigno.



\* \* \*

*Bailado do Encantamento* se chama a mímica maravilhosa que, com música de Rui Coelho, e cenários e trajes de Raúl Lino, se ergueu dum inspirado poema de Nobre de Melo.

Que estranha lenda se encantara na serenidade evocatriz dos versos?

Simples e lindo:

Era uma vez num reino de amor, à beira-mar, uma côrte de sonho em que imperava a dinastia da Graça, e uma rainha, tão bela! que mandara correr as sete partidas, em busca da ventura, os seus três cavaleiros.

Toda a côrte parece viver de sonho, dos versos dum poeta, por quem Branca Açucena padece e da esperança do regresso dos cavaleiros, que é a vida da rainha.

Emquanto os cavaleiros não chegam, pagens e damas, bobos e escravas, inventam maneiras de desvanecer a tristeza rial.

Mas eis que o arauto assoma a dar a boa nova:





MARTINHO NOBRE DE MELO  
Autor do libreto do *Bailado do Encantamento*  
(Foto Furtado & Reis)

Aí vêm os cavaleiros.

A côrte exulta. Os cavaleiros, porém, do ânimo que levaram só trazem desilusão. Nem a riqueza, nem o amor, nem a glória que cada um buscou, lhes deram a ventura por que esperava a rainha.

E ali, sôbre a ruína do sonho andante dos cavaleiros, o poeta proclama a soberania da Arte inatingida, a ventura do insatisfeito sempre, fugindo a Branca Açucena que de amor desfalece por êle.

Já uma grande tristeza tomou a côrte que se retira, mais triste ainda no olhar tão suave que dos olhos da rainha se desprende, sôbre a ânsia torturosa do poeta.



Uma noite, em que deveriam ser mais doces e magoadas as queixas dos rouxinóis, o poeta encontrou graciosíssima, na brancura das suas vestes aladas, uma teoria infantil compondo a ática desenvoltura dum friso do Partenon. Brincavam tentando atingir a prisão dourada e suspensa duma arara, tão linda!

Rodearam o poeta, com os braços fazendo grinaldas e com as mãos gráceis movendo as aragens da noite, o próprio luar chamaram que, manso e de leve, mais alma da noite que corpo de fada, entrou de dançar, volteando, sereno, suspenso, e depois esquecido a sonhar, tão brando, tão brando que já nem sabiam se se foi sumindo ou, súbitamente rompendo o encanto, foi esconder-se no coração do poeta. Já a côrte irrompe de novo, em seu fúlgido séquito e, um gótico cerimonial de figuras, solenemente avança.



RAÚL LINO

Autor dos scénários e figurinos do *Bailado do Encantamento*

(Foto Furtado & Reis)

Então, na noite calma, uma silenciosa grande ópera de atitudes começa a executar-se, curva a curva, gesto a gesto, moldada na alma imponderável da música, um momento dando forma ao sonho de amor do poeta que corporizado o enleia e arrasta em sua sombra. Quando o sonho finda, o poeta volve à dolorosa consciência da sua ânsia e ei-lo outra vez repudiando Branca Açucena, esbordante de amor e roída de zelos da arte que lho roubou.

Retira-se a côrte, e a luta começa entre a paixão de Branca Açucena e a renúncia do poeta, a quem a miragem longínqua pas-mou os olhos tristes.

E foi por certo essa luminosa sombra distante quem chamou para o seio das estrêlas a alma do poeta que, docemente esfalecendo, ali veio a finar-se, ante o desespero de Branca Açucena, noiva, tão rápido volvendo-se em viúva de amor.

Morto o poeta, a côrte entristeceu, e a rainha quis colocar sôbre o peito do troveiro finado uma coroa de louros.

Fidalgos e pagens levam o cadáver do poeta e saem todos chorosos, na dor de perderem o terno irmão dos rouxinóis.

E até os bobos, que são os últimos do séquito, em seus gestos malucos vão rimando a mímica da morte.





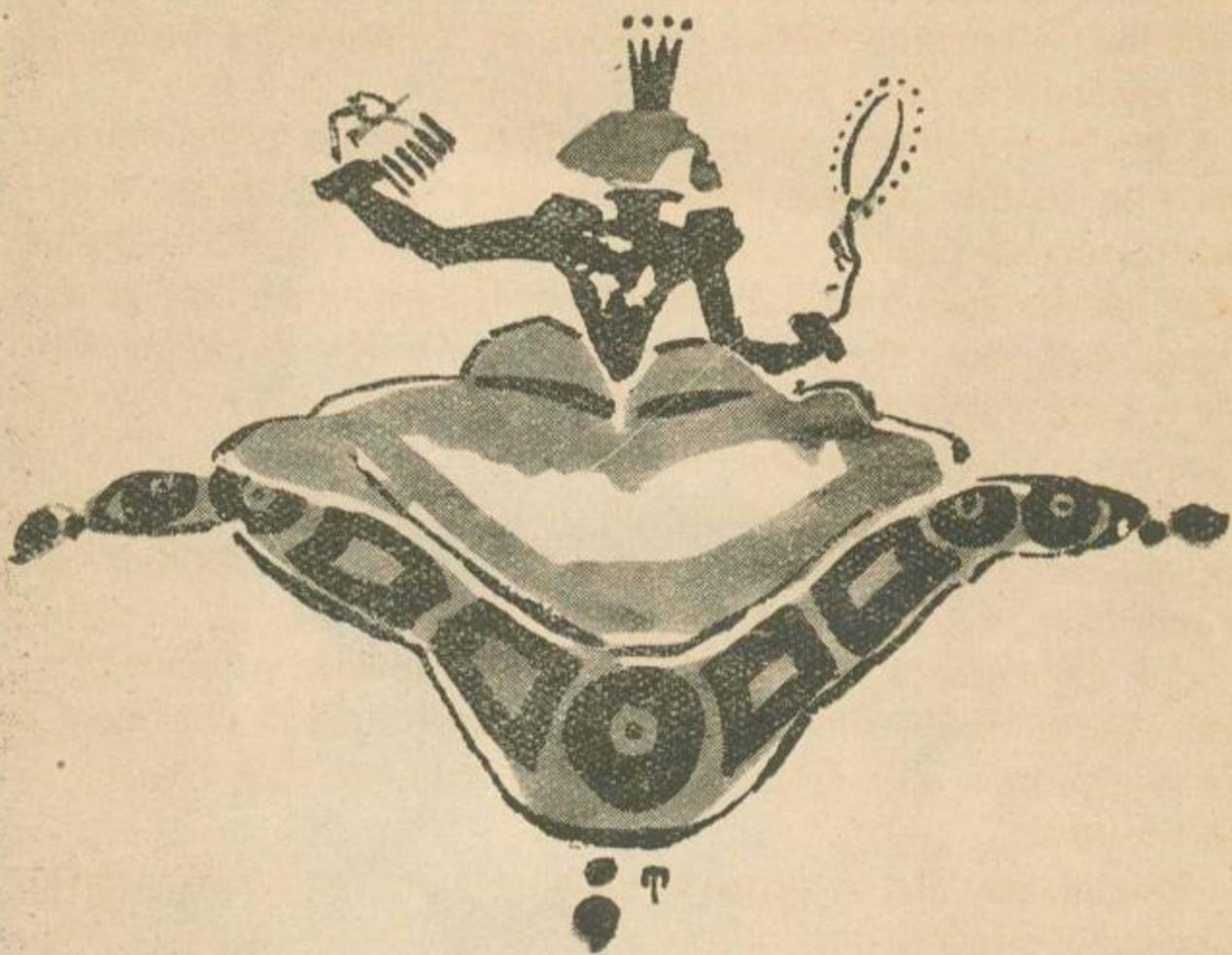
JOSÉ PACHECO

Autor do cenário da *Princesa dos Sapatos de Ferro*

(Foto Victoriano Braga)

Ao *Bailado do Encantamento* seguiu-se *A Princesa dos Sapatos de Ferro*, música também de Rui Coelho, coreografia de Negreiros, cenários de José Pacheco.

Outra lenda? Decerto.



Era uma vez uma princesinha de cabelos de sol que se penteava com um pente de ouro. Viu-a uma fada, tão feia e tão má, que até se esqueceu de que aqueles cabelos só mãos de rainha podiam toucá-los. E a fada invejosa quis pentear-lhos. A princesinha, com medo, tremendo, disse-lhe que não. E a fada maléfica rogou-lhe uma praga: «Com o diabo alta noite, em danças, rompesse sete pares de sapatos de ferro».

E assim foi. Os génios maus, que são côr de fogo, têm asas e chifres, vieram buscá-la alta noite e lá a levaram...

Aqui começa o louvor da rialeza de Graça que consumou a esplêndida e soberana festa: primeiro, o da dona gentil, duas vezes rainha pela formosura e pelo encanto da arte que, magnificamente, por suas mãos de dadora, floriu; depois o dos artistas tão fraternalmente unidos na elevada intenção da nova estética; e, enfim, o dos figurantes, crianças, moços, fidalgas, preocupados

todos em realizar a porção de beleza que a suas pessoas cumpria.

Louvores para todos.

Difícil agora evocar de'alhes, figurações, imagens.

Impossível destacar versos num poema que foi todo êle duma inextinguível vibração emotiva, íntegro na composição das estrofes e acabado no lavor dos ritmos musicais.

A moderna estética coreográfica dá à arte dos movimentos o mais alto sentido da arte integral, torna-a apta a dominar o máximo da sensibilidade, fazendo-a assim visual e auditiva de tal modo, que os mais sentidos desaparecem para aumentar a receptividade da visão e do ouvido. Cenários e trajes visam na verdade a fazer ressaltar a melodia do donaire, erguida com perfeição sôbre o desenho musical da orquestra.

Assim a inspiração do poeta, do músico e do decorador que, feliz na arquitectura falsa dos cenários foi no modelar das vestes sem igual, resultou una, integral, perfeita e nela se construiu a visão improvisada, completa e contínua de toda a mímica fulgurante. Certo que o sonho poético inicialmente se desvanece e a missão espiritual da música leva, no conjunto, vantagem às sugestões do mimo.

No entanto não é possível esquecer que do poema nasceu a inspiração criadora do *Bailado do Encantamento*, e que música, cenários e figurinos completam a visão sonhante do conjunto.

Como foi bela!

Tenho de pensar, ao recordá-la, que não seria possível conseguir, com criaturas estranhas ao afinamento quotidiano das atitudes, a delicada eúritmia de gestos, que foi a mais elevada mostra de arte da exibição.

E embora nem todos os figurantes houvessem completamente penetrado a romântica ternura da alegoria, por inteiro assimilando o seu espírito galantíssimo, a verdade é que, quasi improvisada como foi, não seria de esperar que tão perfeita resultasse, e sobretudo como supor que, de dentro dela, irrompessem verdadeiros instintos coreográficos e uma compleição excepcional de mulher que, na sua gracilidade, conseguiu realizar todas as brandas curvas da música encantadora!

Margarida Caupers e a pequena Melo Breyner conseguiram de facto, pela cativância da sua graça, tocar de condões a alma da platéia, que enleadamente seguiu os passos excelsos da frágil



JOSÉ ALMADA NEGREIROS

Autor dos figurinos e coreografia da *Princesa dos Sapatos de Ferro*  
e coreografia do 1.º acto do *Bailado do Encantamento*

(Foto Victoriano Braga)

princesinha Eulália, — figuração da própria inocência desde sempre vivendo entre folgedos harmoniosos—e maravilhada assistiu à ténue e dulcíssima passagem do luar, corporizado por Margarida Caupers, que surgiu cariciosa, imperceptível quási, em suas vestes de lua, como o próprio génio da noite luminosa que ascendesse para Deus e, não podendo atingi-lo, se fôsse espargindo outra vez pelo azul.

Mas tudo o mais, se não se individualizaram tão distintamente outras vocações de arte, se passou de modo a exceder o que podiam esperar os mais exigentes.



JOSÉ A. COTTINELLI TELMO

De facto a música de Rui Coelho, incluindo as frases de ligação e os períodos que servem a cadenciar a trama geral dos movimentos, é do mais intencional, do mais colorido que tenho ouvido nos últimos tempos. Há então números dum mago encanto, como o do motivo das crianças, ronda saltitante, em que cabe todo o caprichoso desenho dum jôgo infantil, inigualável, por vezes assemelhando evocações paradisíacas, com anjos que houvessem aprendido ademanos nos gymnásios helénicos. E

êsse trecho de luar, tão suspiroso e terno, como se a voz rítmica das estrêlas fôsse, e o poder tivesse de dar asas ao corpo da bailadeira que em seu redor, miraculosamente, podia bem ter feito florescer o próprio ar!

Essa dolorosa música da tristeza sem remédio em que se esfolha a alma da côrte, quando o poeta morre!

E a fantasiosa, humorística música dos bobos, tão cheia de sugestão caricatural, ritmando esgares e dando harmonia às próprias carantonhas!

Bem sentia eu que era impossível quási fixar e alargar impressões sôbre o *Bailado*, cuja plenitude de arte mal consentiu trabalho de inteligência e de memória para de todo absorver a sensibilidade.

Raúl Lino, compleição de artista do nosso tempo, requintado como os que mais o são, se foi muito feliz na criação dos scená-



D. HENRIQUE GONÇALO DE MELO BREYNER

(Foto Victoriano Braga)

Raúl Lino, completion de artista de nosso tempo, repetindo como os que mais o são, se foi muito feliz na criação das scenas.

rios simples, que a luz fez sumptuosos e feéricos até, no desenho dos trajes, com tal sentido da côr e tão alta noção da música das linhas compôs os quadros, que estou certo ninguém sonharia melhor. Véus flutuantes de bailadeiras, hieráticas, aristocráticas vestes da rainha, das damas e dos gentis-homens, trajes de dignitários, farrapos de bobos e as alígeras túnicas das crianças, parece havê los sonhado um orientalista que, tendo afinidades com o delicado encantador das jóias que foi Moreau, houvesse um instante sentido os deslumbramentos de Rochegrosse, depois de se ter debruçado sôbre os mais estranhos contos das «Mil e uma noites».

E foram tais scenários e figurinos elementos principais do extraordinário conjunto coreográfico.

Ao evocá-lo no desenvolver dos longos séquitos, lentos e harmoniosos, na graciosidade da pavana, na complicada marcação dos grupos decorativos, no urdir das molduras para enquadrar as danças isoladas e no desdobrar dos frisos esculturais, penso que pouco pode adivinhar-se da fôrça de domínio que a harmonia dos gestos em si guarda.

A macieza dos movimentos, o leve agitar das mãos erguidas como flores que a aragem bulisse, a flexuosidade cariciosa das curvas que se encadeiam numa ronda de corpos, dir-se-iam votivos da Beleza, tudo isso dentro dos nobres talhes, dos estofos admiráveis, das linhas musicais, enaltecem tanto a sensibilidade, que uma castíssima aspiração de sonho toma a alma, e quando ao fim os olhos se cerram para rever o que passou, uma pena amaríssima nasce de não ter podido fixar todos os versículos soberanos dêsse estranho poema evocativo.

Muito mais simples, coreografia restrita à desenvoltura infantil duma princesinha, a quem apetece desafiar a ingénua pompa com brinquedos, e à gymnástica endemoninhada de Negreiros com seus saltos diabólicos, *A Princesa dos Sapatos de Ferro* deixa também uma linda impressão, pelo imprevisto da tessitura coreográfica, pelo vigor da música e pela fantasia excelente do scenário em que José Pacheco com sua retina educadíssima pôs uma notável marca de originalidade.

É um extravagante friso, animado e colorido êsse.

As figuras de diabos pequenos e a grande figura infernal da legenda que em seus braços ao fim arrebatava a princesa,

compõem uma scena de imaginação, de conto infantil, muito bela.

Com êle terminou o espectáculo magnífico que, enaltecido por uma finalidade de bem fazer, deu aos que o viram belíssimas horas fugazes, e aos que o fizeram deve ter dado inesquecíveis horas de consolação e de orgulho.

Abril, 1918.

NUNO SIMÕES.

